

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES – UCAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO REGIONAL E
GESTÃO DA CIDADE
CURSO DE MESTRADO EM PLANEJAMENTO REGIONAL E GESTÃO DA
CIDADE

Dayanne Vieira Maia

PORTO DO AÇU: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOTÍCIAS NA
MÍDIA IMPRESSA REGIONAL

CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ
Março de 2016

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES – UCAM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO REGIONAL E
GESTÃO DA CIDADE
CURSO DE MESTRADO EM PLANEJAMENTO REGIONAL E GESTÃO DA
CIDADE

Dayanne Vieira Maia

PORTO DO AÇU: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOTÍCIAS NA
MÍDIA IMPRESSA REGIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Planejamento Regional e Gestão de Cidades
da Universidade Cândido Mendes - Campos/RJ, para obtenção
do grau de MESTRE EM PLANEJAMENTO REGIONAL E
GESTÃO DA CIDADE.

Orientadora: Prof^a. Rosélia Perissé da Silva Piquet, DSc.

CAMPOS DOS GOYTACAZES
Março de 2016

FICHA CATALOGRÁFICA

M217p Maia, Dayanne Vieira.

Porto do Açú: uma análise de conteúdo das notícias na mídia impressa regional./ Dayanne Vieira Maia– 2017.

101 f.; il.

Orientador: Rosélia Perissé da Silva Piquet.

Dissertação de Mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades– Universidade Candido Mendes – Campos. Campos dos Goytacazes, RJ, 2016.

Bibliografia: f. 96-101.

1. Porto do Açú. 2. Análise de Conteúdo. 3. Mídia. 4. Comunicação e Informação.
I: Universidade Candido Mendes – Campos. II. Título.

CDU: 316.77: 627: 69 (815.3C)

DAYANNE VIEIRA MAIA

PORTO DO AÇU: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOTÍCIAS NA
MÍDIA IMPRESSA REGIONAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Planejamento Regional e Gestão de Cidades
da Universidade Cândido Mendes - Campos/RJ, para obtenção
do grau de MESTRE EM PLANEJAMENTO REGIONAL E
GESTÃO DA CIDADE.

Aprovada em 31 de março de 2016

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Rosélia Perissé da Silva Piquet, DSc. - Orientadora
Universidade Candido Mendes

Prof. Eduardo Shimoda, DSc.
Universidade Candido Mendes

Prof^ª. Denise Cunha Tavares Terra, DSc.
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ
2016

A Deus, pois sem Ele eu nada seria.

Aos meus pais, Maria e Jorque (*in memoriam*), pela dedicação, apoio e incentivo em todas as etapas da minha vida.

Ao meu marido, Carlos Henrique, pelo companheirismo e grande contribuição durante a pesquisa.

AGRADECIMENTOS

À orientadora Rosélia Piquet, pelo profissionalismo, entusiasmo e incentivo constante, imprescindíveis para a concretização deste trabalho.

Ao professor Eduardo Shimoda, pelos apontamentos feitos no exame de qualificação e sua fundamental colaboração no tratamento estatístico desta dissertação.

À professora Denise Terra, pelos importantes apontamentos feitos no exame de qualificação.

A minha família e aos amigos, que me apoiaram nesta caminhada.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense, pelo incentivo à qualificação.

À Universidade Candido Mendes, em especial aos professores e funcionários do Programa de Mestrado Profissional em Planejamento Regional e Gestão de Cidades.

Aos queridos colegas da turma XIV, do Mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades, pela troca de experiências, amizade e companheirismo.

Aos meus colegas de trabalho, pelo apoio e parceria, sem os quais não teria sido possível cursar este Mestrado.

À funcionária Maria Marta, da UCAM, pela elaboração do *Abstract*.

Aos funcionários da Biblioteca e do Arquivo Público Municipal de Campos pela presteza no atendimento durante a minha pesquisa.

Entre todas as atividades humanas, nenhuma responde tanto a uma necessidade do espírito e da vida social quanto o jornalismo. É próprio da nossa natureza informar-se e informar, reunir a maior soma de conhecimento possível. [...] Através desse conhecimento dos fatos, o homem como que alimenta o seu espírito e, fortalecendo-se no exame das causas e consequências dos acontecimentos, sente-se apto à ação.

Luiz Beltrão

RESUMO

PORTO DO AÇU: UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOTÍCIAS NA MÍDIA IMPRESSA REGIONAL

O anúncio da construção de um Complexo Portuário no litoral do município de São João da Barra, na região Norte do Estado do Rio de Janeiro, em 2006, gerou grande expectativa em torno do empreendimento, relacionando-o ao desenvolvimento, crescimento econômico, geração de emprego e renda e investimentos. Este trabalho tem o objetivo de analisar o conteúdo das notícias sobre o Porto do Açú, verificando o enquadramento dado pela mídia impressa regional ao empreendimento, e se ela contribuiu para o debate e reflexão das questões relacionadas ao porto, a partir dos diferentes temas, gêneros jornalísticos, valência e fontes utilizados na construção de suas notícias. Foi utilizada a metodologia da análise de conteúdo, tendo como fonte de dados os jornais diários de Campos dos Goytacazes, Folha da Manhã e O Diário, e o jornal Quotidiano, do município de São João da Barra. A pesquisa tem como recorte temporal três períodos pré-estabelecidos entre os anos de 2006 e 2015, que compreendem o anúncio e a fase inicial do Porto do Açú; a crise nas empresas do grupo que controlava o empreendimento; e a sua entrada em operação, com mudança de comando e do perfil de suas atividades. Os resultados mostram que o Porto do Açú foi abordado de forma abrangente, com predomínio de empresários e políticos como fontes de informação, reduzido espaço para os especialistas e a população, e que a mídia não contribuiu para a reflexão e o debate ponderado das questões relacionadas ao empreendimento.

PALAVRAS-CHAVE: Porto do Açú. Análise de Conteúdo. Mídia. Comunicação e Informação.

ABSTRACT

AÇU PORT: A CONTENT ANALYSIS OF NEWS IN THE REGIONAL PRINTED MEDIA

The announcement of the construction of a Port Complex located in São João da Barra municipality, in the North Region of Rio de Janeiro State, in 2006, raised high expectations around the project, linking it to development, economic growth, job creation and income generation and investments. This article analyzes the news content on the Açú Port, examining the framework given to the enterprise by the regional printed media and if it has contributed to the discussion and reflection on the issues related to the port, from different themes, journalistic genres, value and sources involved in the construction of the news. Content analysis method was applied based on data sources collected from daily newspapers of Campos dos Goytacazes, 'Folha da Manhã' and 'O Diário', and 'Quotidiano' of São João da Barra municipality. This research presents three pre-established temporal limits, between 2006 and 2015, which comprise the announcement and the first stage of the Açú Port construction; the crisis on the companies of the group that was in charge of the project; and the start of its operation with changes in the management of the port and in the profile of activities. Results showed that the Açú Port theme had a comprehensive approach, prevailing entrepreneurs and politicians as information sources, and limited space for experts and population, and that the media has not contributed to think and discuss, in a considered way, about the questions related to the project.

KEYWORDS: Açú Port. Content Analysis. Media. Communication and Information.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Detalhamento da planta do Complexo Logístico e Portuário do Açú	23
Figura 2.	Atividades e empresas do Complexo Logístico do Açú	26
Figura 3.	Matéria publicada no jornal Folha da Manhã, em 26 de junho de 2008	65
Figura 4.	Matéria publicada na Folha da Manhã, no dia 08 de janeiro de 2013, no Caderno Especial dos 35 anos do jornal	65
Figura 5.	Nota publicada na Folha da Manhã, no dia 12 de março de 2008	81
Figura 6.	Notícia publicada no Jornal Folha da Manhã, no dia 26 de outubro de 2007	82
Figura 7.	Chamada de capa do jornal O Diário, publicada no dia 26 de junho de 2008	
Figura 8.	Notícia publicada no jornal Quotidiano, na 2ª edição do mês de junho de 2009	84
Figura 9.	Notícia publicada na Folha da Manhã, em 17 de janeiro de 2013	85
Figura 10.	Charge publicada no jornal O Diário, no dia 24 de agosto de 2013	86
Figura 11.	Charge publicada no jornal O Diário, no dia 31 de agosto de 2013	87
Figura 12.	Notícia publicada no jornal Quotidiano, em setembro de 2013	88
Figura 13.	Notícia publicada no jornal Folha da Manhã, no dia 16 de fevereiro de 2014	90
Figura 14.	Notícia publicada no jornal Quotidiano, em outubro de 2014	91
Figura 15.	Notícia publicada no jornal O Diário, no dia 05 de junho de 2015	92

LISTA DE GRÁFICOS E QUADRO

Gráfico 1.	Percentual de notícias publicadas nos jornais impressos	58
Gráfico 2.	Frequência dos temas nas matérias sobre o porto do Açu	60
Gráfico 3.	Frequência das fontes de notícias presentes nas matérias sobre o Porto do Açu	61
Gráfico 4.	Frequência dos gêneros jornalísticos	61
Gráfico 5.	Valência das notícias sobre o Porto do Açu	62
Gráfico 6.	Frequência de abordagem dos temas por jornal durante todo o período pesquisado	69
Gráfico 7.	Frequência de utilização das fontes por jornal durante todo o período pesquisado	70
Gráfico 8.	Percentual dos gêneros jornalísticos e valência das notícias por jornal	70
Gráfico 9.	Porcentagem das notícias nos três períodos analisados	73
Gráfico 10.	Frequência de publicação de notícias, por jornal, nos três períodos analisados	74
Gráfico 11.	Frequência de abordagem dos temas relacionados ao porto nos três períodos analisados	76
Gráfico 12.	Percentual das fontes utilizadas nas notícias, nos três períodos analisados	77
Gráfico 13.	Percentual de utilização dos gêneros jornalísticos e valência das notícias	78
Gráfico 14.	Percentual de valência das notícias, por veículo, nos três períodos analisados	80
Quadro 1.	Matriz de Classificação das Fontes de Notícia	48

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	14
1.1.	CONTEXTUALIZAÇÃO	14
1.1.	HIPÓTESE	14
1.3.	OBJETIVOS	15
1.3.1.	Objetivo Geral	15
1.3.2.	Objetivos Específicos	15
1.4.	METODOLOGIA	15
1.5.	ESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO	17
2.	O COMPLEXO LOGÍSTICO INDUSTRIAL E PORTUÁRIO DO AÇU	18
2.1.	INVESTIMENTOS EM SETORES ESTRATÉGICOS E A ASCENSÃO DO GRUPO EBX	18
2.2.	HISTÓRICO DO PORTO DO AÇU	20
2.3.	RELAÇÃO PORTO-CIDADE E OS IMPACTOS DO EMPREENDIMENTO.	19
3.	O PAPEL DA MÍDIA E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA.	32
3.1.	A TEORIA DO <i>AGENDA-SETTING</i> .	35
3.1.1.	O conceito de Enquadramento	38
3.2.	A CLASSIFICAÇÃO DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS.	39
3.2.1.	Gênero Informativo	43
3.2.2.	Gênero Interpretativo	44
3.2.3.	Gênero Opinativo	45
3.3.	O PAPEL DAS FONTES NA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA.	46
4.	ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOTÍCIAS PUBLICADAS NA MÍDIA IMPRESSA REGIONAL.	52

4.1.	PRODECIMENTOS METODOLÓGICOS.	52
4.2.	RESULTADOS E ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOTÍCIAS.	57
4.2.1.	O tema Porto do Açú em cada jornal pesquisado	68
4.2.2.	Comparativo entre os três períodos analisados	72
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.	93
6.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	96

1: INTRODUÇÃO

1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO

O anúncio da construção de um complexo portuário no litoral do município de São João da Barra, na região Norte do Estado do Rio de Janeiro, em 2006, gerou grande expectativa em torno do empreendimento, relacionando-o a investimentos, geração de empregos, desenvolvimento e outras transformações no município, de apenas 32.747 habitantes, de acordo com o Censo 2010 do IBGE, e no município vizinho de Campos dos Goytacazes que, por oferecer maior infraestrutura e serviços, também seria impactado pelo porto.

Desde o lançamento de sua pedra fundamental, em 2006, e início de sua construção, em 2007, o Porto do Açú fez parte da agenda da mídia nacional e local/regional. Propagado pelo grupo EBX e pelo empresário Eike Batista como um “megacomplexo”, “superporto”, “o maior e mais eficiente complexo portuário da América Latina, podendo se posicionar entre os 3 maiores portos do mundo”, o empreendimento gerou momentos de incerteza, com atraso nas obras e desistências de ocupação de empresas, entre os anos de 2012 e 2013, com a crise da EBX, iniciando sua operação em 2014, já sob o comando da Prumo Logística S/A, com proporções bem menores do que as anunciadas pela empresa EBX.

Durante todo o período de anúncio e implantação, o Porto do Açú foi tema de diversas matérias nos veículos de comunicação da região, que falavam sobre a grandiosidade do empreendimento, desenvolvimento, expectativa de crescimento populacional, criação de empregos, qualificação profissional, degradação ambiental, protestos de trabalhadores e desapropriações irregulares, entre outros temas.

1.2. HIPÓTESE

Mediante todas as questões relacionadas à instalação de um Grande Projeto de Investimento (GPI) em um território e tendo em vista a abrangência dos meios de comunicação de massa e sua influência na formação da opinião pública, o presente estudo considera relevante analisar como a mídia impressa local/regional se comportou durante este processo e se ela contribuiu para o esclarecimento da sociedade com informações sobre todos os aspectos relacionados à construção do porto no município de São João da Barra. Esta dissertação busca responder às seguintes questões: a mídia impressa cumpriu sua função social de in(formar) à sociedade, divulgando os diferentes ângulos e pontos de vista dos atores envolvidos? As matérias veiculadas nos jornais locais/regionais contribuíram para reflexão e debate acerca deste GPI, evidenciando os pontos positivos, seus impactos e consequências para a região, ou apenas reproduziu o discurso das forças econômicas e políticas, que difundiram uma ideia de progresso e desenvolvimento?

A hipótese é de que os jornais impressos locais/regionais não contribuíram para o debate ponderado das questões relacionadas ao Porto do Açú.

1.3. OBJETIVOS

1.3.1. Objetivo Geral

Diante do exposto, a presente pesquisa tem como principal objetivo analisar o conteúdo das notícias sobre o Porto do Açú, verificando o enquadramento dado pela mídia impressa regional ao empreendimento, e se ela contribuiu para ampliar o debate e a reflexão a partir dos diferentes temas, gêneros jornalísticos e fontes utilizados na construção das notícias.

1.3.2. Objetivos Específicos

Os objetivos específicos deste trabalho são elencados da seguinte forma:

- (I). Apresentar uma síntese sobre as relações entre porto e cidade, seus prejuízos, impactos e possíveis contribuições para o desenvolvimento local/regional.
- (II). Pesquisar os principais temas e tópicos utilizados e enfatizados pela mídia impressa, que podem ter possibilitado, ou não, a ideia de progresso e desenvolvimento a partir da implantação do Complexo Portuário;
- (III). Identificar os gêneros jornalísticos e as fontes de informação presentes nas notícias sobre o Porto do Açu;
- (IV). Comparar e estabelecer diferenças entre o conteúdo das notícias sobre o Porto do Açu antes, ao longo, e depois da crise do grupo EBX, com a passagem do controle do empreendimento para a Prumo Logística;

1.4. METODOLOGIA

Para atingir os objetivos desta pesquisa será utilizada a metodologia de abordagem quantitativa e qualitativa, com utilização de análise documental, tendo como fonte de dados os jornais diários impressos do município de Campos dos Goytacazes, Folha da Manhã, que circula em 25 municípios das regiões Norte, Noroeste e Lagos, e O Diário, que circula em 08 municípios das regiões Norte e Noroeste Fluminense, e o jornal Quotidiano, de circulação mais restrita ao município de São João da Barra, onde está situado o Complexo Logístico do Porto do Açu.

A análise de conteúdo das notícias sobre o Porto do Açu terá como recorte temporal os períodos de dezembro de 2006, julho de 2007 a junho de 2009, que compreendem o anúncio e início da construção do Porto, e de 2013 ao segundo semestre de 2015, que compreende a crise do grupo EBX, passagem de controle do empreendimento para a Prumo Logística e início de sua operação, com o objetivo de fazer um comparativo do conteúdo das notícias antes, durante e após a crise da EBX, verificando, também, se houve mudança no enfoque da mídia do período de expectativa com relação ao empreendimento para o que realmente se concretizou.

Será utilizado o método da análise de conteúdo das notícias sobre o tema Porto do Açu, com uso da sumarização, para categorização dos gêneros

jornalísticos, identificação dos tipos de fontes e dos temas que aparecem com frequência e com maior ênfase nas matérias, além da interpretação dos possíveis significados pretendidos pelos meios de comunicação.

A dissertação tem como instrumental teórico no campo da Comunicação os autores Maxuell McCombs e Walter Lippmann, precursores da Teoria da Agenda ou *Agenda Setting* e dos estudos sobre Opinião Pública, e dos autores Luiz Beltrão e José Marques de Melo, referências no estudo dos gêneros jornalísticos no Brasil. No campo do Planejamento Urbano e Regional o estudo está embasado em autores como Frédéric Monié e Rosélia Piquet, entre outros. O referencial teórico no campo da Metodologia será a autora Laurence Bardin, uma das referências no método da Análise de Conteúdo.

1.5. ESTRUTURAÇÃO DO TRABALHO

O primeiro capítulo deste trabalho apresenta um breve histórico do Complexo Logístico, Industrial e Portuário do Açu, uma abordagem sobre a relação Porto-Cidade, além dos impactos positivos e negativos do empreendimento no território.

O segundo capítulo aborda o papel da mídia na sociedade e sua influência na agenda e formação da opinião pública, a categorização dos gêneros presentes nas mensagens jornalísticas, e o papel das fontes de informação na construção da notícia.

No terceiro capítulo serão apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa, uma breve definição sobre a análise de conteúdo, o tratamento estatístico dos dados coletados, perfil dos jornais pesquisados, apresentação e interpretação dos resultados obtidos na pesquisa.

2: COMPLEXO LOGÍSTICO INDUSTRIAL E PORTUÁRIO DO AÇU

2.1: INVESTIMENTOS EM SETORES ESTRATÉGICOS E A ASCENSÃO DO GRUPO EBX

Na década de 1990, com a política de neoliberalismo, o Estado deixou de ser o Estado-Empresário e passou o controle dos setores mais expressivos da economia, como energia, mineração, telecomunicações e transportes, à iniciativa privada. A partir da primeira década do século XXI, com a retomada do discurso nacionalista de recuperação do crescimento econômico que marcou os anos do Governo Lula (2003–2010), investimentos diretos e indiretos em Grandes Projetos de Investimento (GPIs) foram realizados tanto pelo Estado como pelo setor privado; em muitos casos, por meio de financiamentos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Com a estabilização da moeda brasileira, houve o fortalecimento de empresas de capital privado nacional que, subsidiadas por políticas públicas, ganharam projeção nacional e internacional (OLIVEIRA, 2012).

Entre estas empresas estava a *holding* EBX, do empresário Eike Batista, criada em 1987, e que reunia em grupo 12 empresas em diversos setores, como recursos naturais, infraestrutura, entretenimento, bens imobiliários, saúde e beleza. É justamente a partir dos anos 2000, quando, afirma Oliveira (2012, p. 51), os setores de energia e transporte apresentavam os maiores gargalos frente à necessidade de circulação de fluxos produtivos e exportação de *commodities* cada vez mais intensos, com várias concessões sendo realizadas pelo Estado a fim de reestruturá-los, que a expansão do grupo EBX acontece, “alinhada a esse momento

de esforço do governo federal em superar os limites do crescimento econômico no que diz respeito à infraestrutura”.

Atento às oportunidades nestes setores estratégicos para a economia brasileira, o empresário Eike Batista decidiu deixar o ramo do ouro, criando, de 2001 a 2009, as cinco principais empresas do grupo EBX, como já dito anteriormente, grupo privado nacional que atua em parceria com sócios estrangeiros: MPX (energia), MMX (mineração), LLX (terminais portuários e logística), OGX (exploração e produção de petróleo e gás natural) e OSX (estaleiros e serviços para a indústria *offshore*). Em sua autobiografia intitulada “O X da Questão”, o empresário diz que sua intenção ao concentrar esforços no Brasil era descobrir algo valioso para colocar em produção. “Minhas cinco novas companhias nasceram do que o Brasil tem de melhor em riqueza natural e oportunidades em infraestrutura” (BATISTA, 2011, p. 53).

É importante ressaltar que Eike Batista, além de estar atento as oportunidades do mercado, ampliou seus negócios, também, a partir do embasamento sobre mineração e logística que o mesmo tinha acesso através do seu pai, o engenheiro Eliezer Batista, ex-ministro de Minas e Energia, no governo João Goulart, e presidente da Companhia Vale do Rio Doce por quase todo o período militar. Eliezer é apontado como um dos maiores especialistas em logística do Brasil, com reconhecimento internacional por ter conseguido competir e colocar o minério da antiga estatal Vale do Rio Doce no mercado japonês (OLIVEIRA, 2012).

As empresas do grupo EBX seriam regidas a partir de um sistema sinérgico, denominado “visão 360 graus”. O empresário Eike Batista acredita que o empreendedor deve perseguir uma visão multidisciplinar, que proporcione clareza em relação a todos os empreendimentos, e que a “visão 360 graus” é observar o entorno jurídico, financeiro, político, ambiental, social, humano, logístico, mercadológico e operacional. De acordo com BATISTA (2011), o grupo EBX, desde o surgimento, foi concebido como um conglomerado de empresas integradas e complementares. A MPX foi criada em 2001, quando o Brasil sofria com os apagões e falta de energia. A Termoceará construída em um curto prazo de tempo, em parceria com a *MDU Resources Group*, começou a funcionar no segundo semestre de 2012. A mineradora, MMX, que mais tarde, passou a ter como parceira a *Anglo*

American, foi fundada em 2005, iniciou suas atividades com os projetos de três sistemas integrados independentes: Corumbá, Amapá e Minas-Rio. Percebendo a necessidade de levar o minério de ferro para um porto e com os conhecimentos de logística acumulados durante os 20 anos de atuação no ramo do ouro, Eike Batista cria, em 2007, a LLX.

A LLX nasceu como parte deste cenário, dois anos depois da MMX. Eu percebia que a necessidade da MMX era também a necessidade do país. Por isso criei uma companhia capaz de oferecer competência única em logística e, ao mesmo tempo, se ocupar do equacionamento de gargalos importantes da infraestrutura portuária com o desenvolvimento de dois terminais privativos de grande capacidade – Superporto Sudeste (MMX) e Superporto do Açu (LLX) (BATISTA, 2011, p.55).

Neste mesmo ano, Eike Batista decidiu investir, também, no arriscado e complexo ramo do petróleo. A OGX foi constituída em julho de 2007, e em novembro adquiriu direitos de exploração sobre 21 blocos licitados pela Agência Nacional do Petróleo (ANP). As ações da Companhia foram lançadas em 2008, na bolsa de valores, arrecadando US\$ 4,1 bilhões, valor recorde na Bovespa (BATISTA, 2011). De acordo com Leo (2014, p. 198):

A empresa que, em breve se apresentaria como a maior companhia privada em ação na exploração de petróleo no Brasil estreava nas bolsas de valores - sem uma broca sequer a furar a crosta terrestre em busca de óleo – como uma das maiores empresas do país em valor de mercado.

Como parte do conceito de integração e sinergia que norteia o grupo EBX, em 2009, é lançada a OSX, para atuar na indústria naval *offshore* nas áreas de construção, afretamento e manutenção, além de contribuir com o cumprimento do percentual mínimo de conteúdo nacional nos equipamentos utilizados na exploração e produção de petróleo, conforme determinação da ANP.

2.2: HISTÓRICO DO PORTO DO AÇU

No dia 27 de dezembro de 2006, o empresário Eike Batista promoveu o lançamento da pedra fundamental do Porto do Açu, no 5º distrito do município de

São João da Barra, na região Norte do Estado do Rio de Janeiro. O anúncio da construção do Porto acontece três anos depois do então governador do Estado do Rio de Janeiro, Anthony Garotinho, ter apresentado ao empresário, por intermédio do secretário de Energia, Indústria Naval e Petróleo, Wagner Victer, o projeto de criação do complexo portuário dedicado ao gás e ao petróleo, no litoral de São João da Barra, tendo como vetor atrativo a proximidade com as reservas petrolíferas da Bacia de Campos, situadas a cerca de 150 km do porto, agregando a função de apoio *offshore* (LEO, 2014).

O projeto apresentado a Eike Batista não se limitava à construção de um porto. De acordo com Leo (2014, p.154), na avaliação do então secretário Wagner Victer, o 5º distrito de São João da Barra era um dos poucos locais no Rio de Janeiro onde caberia a instalação de um porto e atividades industriais sem comprometer a qualidade da atmosfera, já que, no jargão de Victer, ‘a bacia aérea está livre’, pois a área aberta e os ventos locais garantiriam a dispersão de emissões de gases na atmosfera, evitando a concentração de poluentes.

As obras do Complexo Logístico Industrial e Portuário do Açú tiveram início em outubro de 2007, com a construção de um píer que ligaria o terminal de cargas ao continente, e com previsão para realizar o primeiro embarque de minério de ferro em 2009. O empreendimento, que estava inserido na etapa da modernização portuária brasileira, recebeu investimentos do BNDES e foi incluído no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), em 2010. Oliveira (2012, p. 80) afirma que os financiamentos para a LLX e OSX, com empreendimentos no Porto do Açú, vieram a partir de 2009 e, desde então, foram reforçados chegando ao valor de aproximadamente R\$ 5 bilhões até julho 2012.

Em um vídeo de divulgação¹ produzido para a LLX, a companhia apresenta o projeto do Complexo Portuário, chamado pela empresa de “Superporto”. De acordo com a empresa, o Superporto do Açú será o maior e mais eficiente complexo portuário da América Latina, com 150 km² de retroárea, 2,5 vezes o tamanho da Ilha de Manhattan, nos Estados Unidos, se posicionando entre os três maiores portos do

¹ Vídeo de divulgação do empreendimento portuário em São João da Barra, produzido para a LLX. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=13QDJ2SOqmc>>. Acesso em: 15 out. 2015.

mundo, estrategicamente localizado na região Sudeste do Brasil, que concentra, de acordo com a empresa, cerca de 75% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. O projeto do porto conta com dois terminais que totalizam 11 km de cais, o TX1 (*offshore*) e o TX2 (*onshore*). O TX1 abrigará nove berços, sendo quatro dedicados a movimentação de até 100 milhões de toneladas de minério de ferro por ano, e cinco berços para movimentação de até 2 milhões de barris de petróleo por dia. O terminal 1 terá capacidade para receber navios como o *Chinamax*, com 400 mil toneladas. Em sua autobiografia, Eike diz que o “*Chinamax* representa economia de custo e tempo no transporte de cargas a partir do superporto do Açú. Isso significa produtividade e eficiência na veia logística do país” (BATISTA, 2011, p. 59). Ainda de acordo com o projeto da LLX, o terminal 2 será formado por um canal com 3,5 km de extensão, cais de 8km com acesso protegido ao mar aberto, 300m de largura e 18m de profundidade. Diversos produtos, como granéis sólidos e líquidos, carvão, carga geral e veículos serão movimentados pelo TX2, que conta, ainda, com uma área de 5 milhões de metros quadrados para apoio às atividades *offshore* de óleo e gás.

Conforme relatório da Associação de Geógrafos do Brasil (AGB), o Complexo Portuário, contaria, também, com um Distrito Industrial na retroárea do porto, próximo à costa. O empreendimento, que previa investimentos de 3 bilhões de reais e a geração de 10 mil empregos diretos em sua infraestrutura, seria viabilizado por uma parceria público-privada entre a Companhia de Desenvolvimento Industrial do Estado do Rio de Janeiro (Codin) e a LLX Açú Operações Portuárias S/A, subsidiária da LLX Logística, do grupo EBX.

Para o Distrito Industrial estavam previstas plantas de pelotização, indústrias cimenteiras, polo metal-mecânico, unidades petroquímicas, siderúrgicas, montadoras de automóveis, pátios de armazenagem, inclusive para gás natural, *cluster* para processamento de rochas ornamentais e usinas termoelétricas, como mostra a imagem abaixo (AGB, 2011).



Figura 1: Detalhamento da planta do Complexo Industrial e Portuário do Açu.
Fonte: Blog de Roberto Moraes²

O projeto incluía, também, a construção de um mineroduto, com cerca de 500 quilômetros de extensão, que cortaria trinta e dois municípios, com o objetivo de transportar minério de ferro, extraído da mina de Conceição do Mato Dentro/MG pela MMX/Anglo American Mineração, até o Porto do Açu, para que lá passasse por processamento e exportação (PESSANHA, 2014). O empresário Eike Batista disse que o Porto do Açu foi desenhado inicialmente para receber o minério de ferro do projeto Minas-Rio, mas mostrou-se tão promissor em sua concepção que deu origem a uma nova empresa.

A LLX, como já se viu, nasceu da costela da MMX. O Açu acabou por se converter em superporto, concebido, dimensionado e preparado para receber o jumbo dos mares. Foi necessário apenas identificar uma retroárea livre incrustada em meio a um complexo industrial. (BATISTA, 2011, p. 59)

Outro projeto do empresário era construir em São João da Barra a “Cidade X”. A fim de evitar aglomerações urbanas no caminho das cargas, Eike Batista contratou o conhecido arquiteto Jaime Lerner para projetá-la para a vizinhança do complexo industrial. Em 2009, Eike Batista previa que a cidade teria 50 mil moradores. Em 2012, o grupo EBX já anunciava um projeto mais modesto, o

². Disponível em: < <http://www.robertomoraes.com.br/2010/08/planta-de-localizacao-dos.html>>. Acesso em: 11 out. 2015.

“Bairro X”, com previsão de construção de 40 mil habitações populares e de luxo, com investimentos de US\$ 40 bilhões e a contratação de até 50 mil trabalhadores para a construção do empreendimento, até 2015.

Menos de um ano depois, em janeiro de 2013, a REX, empresa imobiliária do grupo EBX, apresentava a população do município de São João da Barra um projeto imobiliário com proporções ainda menores, destinado a ocupar 200 mil metros quadrados dos 11 milhões adquiridos na região pela EBX, para a construção de um hotel e 1,3 mil apartamentos, de no máximo 65 m² e que seriam financiados pela Caixa Econômica Federal (LEO, 2014). Essa mudança de planos já era um sinal de que os negócios do empresário não estavam indo bem.

Nos primeiros anos após o início da construção do Complexo Portuário do Açú, Eike Batista assinou memorandos de entendimento com diversas empresas interessadas em instalar-se na retroárea portuária. Segundo Leo (2014, p. 157) o empresário “anunciava os ‘*emouiu*’ (do inglês M.O.U., *Memorandum of Understanding*) como se tivesse a solidez de uma instalação produtiva já levantada em sua Roterdã tropical”. Durante a abertura de capital da LLX, em julho de 2008, Eike anunciava ter mais de 30 memorandos de entendimento assinados com companhias estrangeiras, que arrendariam áreas de seu Distrito Industrial e sustentariam o empreendimento. “A história da EBX nos anos seguintes, foi uma sucessão de anúncios de desistência dos signatários desses memorandos” (LEO, 2014, p. 159), incluindo a fábrica de automóveis da Nissan, que desistiu do porto e decidiu se instalar no município de Resende-RJ, a siderúrgica chinesa *Wuhan*, cujo memorando de entendimento foi assinado pelo presidente chinês, Hu Jintão, no Palácio do Planalto, durante visita ao Brasil, em abril de 2010.

Desistências semelhantes abateram um a um, boa parte dos ‘*emouiu*’ da EBX. As dificuldades do estaleiro de Eike, a ser montado por sua OSX, como ‘âncora’ das atividades de óleo e gás no Açú levaram à redução de contratos e cancelamento de fábricas. (LEO, 2014, p. 163)

O atraso nas obras, problemas ambientais e desistências de empresas geraram um clima de incerteza em relação ao futuro do porto. O ano de 2013 marcou a queda das ações das empresas do Grupo EBX na bolsa de valores, venda

e passagem de comando de suas companhias e do processo de recuperação judicial da OGX e da OSX.

A petrolífera OGX divulgou em 2013 que alguns de seus poços de petróleo não eram viáveis comercialmente e que não possuía tecnologia capaz de tornar economicamente viável o desenvolvimento dos campos de Tubarão Tigre, Tubarão Gato e Tubarão Areia. A companhia, que chegou a valer R\$ 72 bilhões, em outubro de 2010, valia pouco mais de R\$ 13 bilhões em janeiro de 2013. Em novembro deste mesmo ano, a OGX pediu concordata, entrando em um processo de recuperação judicial. Eike Batista abriu mão do controle da MPX, que virou Eneva, vendeu a MMX Porto Sudeste para a holandesa *Trafyura* e para o fundo de investimentos árabe *Mubadala*. No dia 06 de dezembro de 2013 a OGX passou a ser denominada OGP (Óleo e Gás Participações). O empresário buscou comprador para a LLX, responsável pelo Porto do Açú, que foi vendida no segundo semestre de 2013 para o grupo americano *EIG Global Energy Partners*, deixando para trás o X e passando a se chamar Prumo Logística Global. Eike Batista ainda manteve 20% das ações da companhia (LEO, 2014).

O Complexo Portuário do Açú começou a operar no 2º semestre de 2014, com proporções bem menores do que o projeto inicial do grupo EBX. De acordo com informações divulgadas no site da Prumo Logística, em agosto chegou ao Porto do Açú a primeira polpa de minério bombeada por meio do mineroduto de 529 km e proveniente da mina e da planta de beneficiamento da Anglo American, em Minas Gerais. No dia 25 de outubro de 2014, o empreendimento realizou sua primeira operação. O navio *Key Light* foi carregado com 80 mil toneladas de minério de ferro no píer dedicado do Terminal 1, seguindo para a China. Em novembro ocorreu a primeira operação do terminal 2. O navio *Happy Dynamic*, do tipo *Heavy Lift*, veio da China e atracou no cais da fábrica da *National Oilwell Varco* (NOV).

O Porto do Açú, que nos primeiros anos do empreendimento anunciou a construção de um Distrito Industrial com siderúrgicas, empresas automobilísticas, termoelétrica, contava, em sua retroárea, em outubro de 2015, com o total de onze empresas: Anglo American, Ferroport, que atuam no transporte de minério de ferro, NOV, Technip, Intermoor, Vallourec, Wärtsilä, Prumo, BP, Edson Chouest Offshore

(Eco), BG Brasil e Oil Tanking, ligadas ao setor de óleo e gás (PRUMO). A imagem abaixo mostra as empresas e atividades que fazem parte do empreendimento.



Figura 2: Atividades e empresas do Complexo Logístico do Açú
Fonte: Prumo Logística Global³.

Entre as operações no Porto do Açú, Pessanha (2015) destaca as atividades ligadas a Petrobras, com seis berços de atracação de navios, geridos pela ECO, que serão utilizados no Terminal 2; e a atividade de transbordo de petróleo em área abrigada, com previsão de entrar em operação em 2016, no terminal 1.

Para Monié (2015, p.9) o redimensionamento do projeto mantém as características operacionais do porto, mas a zona industrial perde sua função multifuncional, participando de um espaço de fluxos de menor complexidade, centrando suas atividades no processamento e escoamento do minério de ferro e, sobretudo, no apoio logístico *offshore* às plataformas da Bacia de Campos.

³ Disponível em: www.prumologistica.com.br. Acesso em: 11 out. 2015.

2.3: RELAÇÃO PORTO-CIDADE E OS IMPACTOS DO EMPREENDIMENTO

Monié e Vasconcelos (2012) afirmam que as relações entre porto e cidade variam no tempo sob a influência das dinâmicas produtivas, tecnológicas, sociais e urbanas. De acordo com os autores, nas primeiras décadas do século XX o sistema porto-cidade experimenta um desenvolvimento mais autônomo. Progressivamente, a tendência de indissociabilidade e interdependência entre porto e cidade é substituída pelo distanciamento e afastamento. A partir da década de 1970, o aprofundamento da globalização reestrutura o espaço econômico mundial, com os centros produtivos mais competitivos sendo interconectados por redes de logísticas multiescalares. As reformas portuárias dos anos 1980 e 1990 promovem medidas de ordem institucional, gerencial, administrativa e operacional, visando à inserção dos portos nas redes intermodais do transporte mundial (MONIÉ; VASCONCELOS, 2012).

No mundo globalizado, com os imperativos de fluidez de mercadorias e a operação transescalar, os portos modernos possuem características impostas pelo mercado, que ignoram a escala local. Porto e cidade são apresentados, na maior parte dos casos, como antagônicos: “a cidade seria um obstáculo a fluidez de circulação” (MONIÉ, 2009, p.11).

Ornelas (2008, p.21) diz que essa mudança na natureza das relações porto-cidade pode ser explicada “pelos avanços e progressos tecnológicos no setor marítimo e portuário, pelo aumento substancial da produção de mercadorias e das trocas internacionais de produtos”.

Para Monié e Vasconcelos (2012), a situação dos portos nos quais transita o essencial do comércio internacional de mercadorias na atualidade, é complexa e paradoxal, pois a cidade-porto, que durante muito tempo foi praça de negócios e lugar de valorização de mercadorias, corre o risco de ser transformada em simples espaço de circulação mundial.

Vainer (2007, p. 6-7) diz que os grandes projetos de investimentos projetam sobre os espaços locais e regionais interesses quase sempre globais, e que os GPIs são uma forma de organização territorial que a tudo se sobrepõe, “fragmentando o

território e instaurando circunscrições e distritos que, no limite, constituem verdadeiros enclaves”.

O caso do Complexo Portuário do Açú, em São João da Barra, não é diferente da maioria dos portos implementados na era da globalização. O Porto do Açú, de acordo com Pessanha (2015), é a materialização do que se chama transescalar, um empreendimento privado, criado e fomentado pelo mundializado mercado de comercialização de *commodities*, com apoio do Estado em suas três esferas, e que se instala no território gerando uma série de impactos. O referido complexo portuário se enquadra na categoria de Porto-Indústria, pois é “um complexo logístico que integra as atividades portuárias à indústria e aos serviços, marcado pelas aglomerações de empresas em sua retroárea” (CABRAL, 2014, apud PESSANHA, 2015, p. 19)

A natureza do projeto do Porto do Açú, com a construção de infraestrutura portuária, e de um complexo industrial voltado para a exportação, segundo Piquet e Shimoda (2014, p.126), possui como característica a baixa internalização de suas atividades no local de implantação e, portanto, “uma capacidade limitada de gerar encadeamentos favoráveis a dinamização da economia da região, tendendo a induzir apenas a criação de pequenos negócios ou serviços, que exigem, normalmente, pessoal menos qualificado”. Os autores revelam que, apesar de existirem efeitos benéficos, os estudos empíricos sobre grandes empreendimentos indicam que, nas localidades que recebem os projetos, ocorrem crescimento populacional e ocupação urbana desordenada, deslocamentos de populações rurais de suas terras, entre outros impactos negativos. “O balanço entre perdas e ganhos só pode ser efetivamente positivo quando existir a mobilização dos agentes locais para a defesa de seus interesses” (PIQUET; SHIMODA, 2014, p.135).

Em consonância com este pensamento, Monié (2006) diz que a criação de uma nova cultura portuária é um desafio para a definição de políticas públicas inovadoras, onde cidades e portos possam ser mais complementares que antagônicos, transformando-se em vetores de desenvolvimento. O autor, no entanto, reconhece que a promoção de políticas inovadoras se depara com graves entraves estruturais:

Entraves de ordem institucional prejudicam ainda mais a transformação das cidades portuárias em 'regiões ganhadoras' cuja chave do sucesso reside na mobilização dos atores locais para definição de trajetórias produtivas territorializadas [...] a construção de laços produtivos entre porto e cidade em consonância com as demandas da economia industrial de serviços [...] continua sendo um desafio maior para as cidades marítimas brasileiras. (MONIÉ; VASCONCELOS, 2012)

Lemos e Rodrigues (2012, p.5) consideram que as infraestruturas são sempre necessárias, pois permitem o escoamento dos fluxos, mas não são por si só, suficientes para o desenvolvimento econômico, que depende “das potencialidades locais pré-existentes e do dinamismo dos atores locais, que devem ser encorajados a participar dos projetos de desenvolvimento”.

No caso do Porto do Açú, não há conhecimento da existência ou de divulgação de políticas públicas voltadas para a geração de desenvolvimento econômico a partir do Complexo Portuário ou de estudos de impactos do empreendimento. Entre os relatórios já divulgados estão os da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) e de empresas de consultoria contratadas pelos responsáveis pelo empreendimento. O que se viu durante a implantação do Complexo Portuário foram beneficiamentos das três esferas de governo, com financiamentos do BNDES, isenções fiscais e redução de impostos a nível estadual e municipal, além de facilitar as concessões de áreas para o Distrito Industrial, desapropriações de terra e licenciamentos ambientais. Sobre essa questão, Vainer (2007) ressalta que:

Ao mesmo tempo em que o GPI engole o local ou região, grupos de interesse local podem acionar mecanismos e práticas típicas de neo-localismo competitivo, oferecendo a grandes capitais benefícios e vantagens, além de apoio político. Estas vantagens, em muitos casos, assumem a forma de isenções fiscais ou ambientais, cujos custos sociais serão assumidos pelo conjunto da sociedade local ou, mesmo, em certos casos, nacional. (VAINER, 2007, p. 17)

Oliveira (2012) diz que na região Norte Fluminense, especialmente na escala municipal, pode-se identificar a vulnerabilidade das administrações frente aos GPIs, que são atraídos pelos fatores geográficos, como a proximidade com a Baía de Campos, mas definem suas instalações pelas facilidades oferecidas pelos poderes locais, caracterizando a “guerra dos lugares”. Como afirma Vainer (2010, p.114), “O

prefeito não existe. Não existe mais o poder local. O poder local é o grande projeto: ele redefiniu a totalidade daquele espaço e criou, na verdade, uma nova instância de poder”.

Ao mesmo tempo em que as forças hegemônicas que representam o capital são, junto com o Estado e seu aparato regulatório, importantes entes no ordenamento do território onde estão instalados, por promover um rearranjo espacial, que inclui inovações produtivas e econômicas, elas também geram impactos negativos e conflitos socioeconômicos, políticos e ambientais (OLIVEIRA, 2012).

Desde a sua implantação, o Porto do Açú vem provocando conflitos e impactos no município de São João da Barra e seu entorno. Lemos e Rodrigues (2011) revelam que o processo de desapropriação de terras para a construção do Distrito Industrial, abrangeu, cerca de 1.403 lotes de terrenos, contabilizando 70 milhões de metros quadrados, tornando-os áreas em favor da Companhia de Desenvolvimento Industrial do Estado do Rio de Janeiro (CODIN). Comunidades, compostas por propriedades pequenas e médias de agricultura de base familiar e pecuária, tiveram que deixar suas terras. Os autores dizem que os discursos de modernização e geração de empregos, buscam justificar os danos causados à população local, “mas a população do 5º distrito não será candidata a estas vagas, devido à exigência das empresas. Na fase de operação, as chances serão ainda menores por prescindir de mão-de-obra ainda mais especializada” (LE MOS; RODRIGUES, 2011, p. 12).

De acordo com relatório da AGB (2011) as desapropriações para a construção do Distrito Industrial geraram impactos sobre o modo de vida e economia local, como o rompimento das relações com a vizinhança existente, desestruturação de relações simbólicas da população com o lugar, desestabilização da estrutura agrária local, além de interrupção de práticas locais de produção e de subsistência. A AGB (2011, p.49) destaca, ainda, que os impactos diretos e indiretos da construção do Complexo Portuário incluíram “danos à pesca, assoreamento de lagos e rios, especulação imobiliária e redução da produção agropecuária”.

Monié (2015) ressalta que os impactos ambientais dos grandes empreendimentos costumam suscitar as maiores tensões, e que entre os impactos da construção do porto-indústria do Açú que mais mobilizaram os ambientalistas locais e externos, está o processo de salinização das águas subterrâneas e superficiais, em decorrência da obra e da destruição de considerável área de restinga.

Diante do exposto, podemos dizer que os impactos positivos gerados pela instalação de um Complexo Portuário no município de São João da Barra, resumem-se, em grande parte, a geração de empregos, principalmente no período de maior exigência da construção civil, com contratação de mão-de-obra menos qualificada, criação de pequenos comércios e serviços.

3. O PAPEL DA MÍDIA E SUA INFLUÊNCIA NA FORMAÇÃO DA OPINIÃO PÚBLICA

No capítulo anterior, fizemos um breve histórico da instalação de um grande empreendimento no município de São João da Barra – o Complexo Logístico Industrial e Portuário do Açú. A vinda do porto gerou grande expectativa de crescimento na região, mas também trouxe impactos sociais, territoriais e ambientais, entre outros. Este estudo tem como principal objetivo, analisar de que forma os veículos de comunicação impressos locais/regionais se comportaram e abordaram as questões relacionadas ao Porto do Açú.

Neste capítulo, abordaremos o papel da mídia na sociedade, sua função social e influência na agenda e formação da opinião pública, os gêneros e formatos que ela utiliza para transmitir informações sobre os acontecimentos e o papel das fontes na pauta e construção das notícias.

Os veículos de comunicação atuam como mediadores dos fatos e informações para a sociedade que, sem a mídia, não teria acesso ao que acontece ao redor do mundo. Lima (2004) diz que os meios de comunicação exercem uma função central na sociedade.

A maioria das sociedades contemporâneas pode ser considerada como centrada na mídia (*media centric*), uma vez que a construção do conhecimento público que possibilita, a cada um de seus membros, a tomada cotidiana de decisões nas diferentes esferas da atividade humana não seria possível sem ela. (p.51)

A função social do veículo de comunicação numa sociedade democrática é de informar o público, sem censura, levando os diferentes ângulos de um acontecimento, sem deixar de lado o compromisso com a credibilidade e veracidade dos fatos, dando subsídios para que os indivíduos tirem suas próprias conclusões. McCombs (2009, p.15) diz que em boa medida, “o jornalismo é mais do que simplesmente contar uma boa história. É contar histórias que possuam utilidade cívica significativa”. Neste mesmo sentido, Beltrão (1960, p. 36) diz que “jornalismo é a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum”.

Medina (1988, p. 133) destaca que a democracia e suas lutas sociais carregam o direito de estar informado e de saber o que está acontecendo a sua volta, porque “sem acesso ao fato histórico, o homem jamais passará a protagonista da ação social”. Beltrão (1992) afirma que o jornalismo pode impulsionar o homem a esta ação.

Os relatos e as idéias expressas pelos veículos jornalísticos têm o propósito de permitir ao homem um pronunciamento, uma decisão, de impulsioná-lo a ação. A sociedade, como o indivíduo, não pode escapar à evolução; o jornalismo, sem pretender traçar roteiros e exatos, atua como propulsor da ação individual, ao oferecer à massa a sumária e, por vezes, superficial análise dos acontecimentos. (p.99 apud VISEU, 2007, p.19)

Entretanto, com a industrialização e o crescimento dos meios de comunicação de massa, dois polos começaram a tornar-se dominantes na emergência do campo jornalístico contemporâneo, de acordo com Traquina (2012, p. 24): o polo econômico, com a visão das notícias como um negócio, possibilitando o desenvolvimento de empresas altamente lucrativas; e o polo ideológico, com a identificação da imprensa como elemento fundamental na teoria democrática e que vê o jornalismo como um serviço público. Para o autor, “a tensão entre os dois polos é permanente e insolúvel”.

Maia (2014, p. 56) diz que entre a função e o dever de informar e a necessidade de buscar receitas, o jornalismo é caracterizado como uma atividade difícil e contraditória. “Se a balança pende mais para um lado ou para outro, o que

não se pode perder de vista é a função social que a atividade exerce de informar, denunciar e até mesmo entreter”. Traquina (2012) reitera que o jornalismo é também um negócio e que a publicidade acaba interferindo na produção das notícias.

Todas as empresas jornalísticas, com exceção das empresas públicas, enfrentam mais tarde ou mais cedo a tirania do balanço econômico final, ou seja, a comparação entre os custos e as receitas. As receitas provêm essencialmente das vendas e da publicidade. O espaço ocupado pela publicidade intervém diretamente na produção do produto jornalístico. (p.160)

Em muitas ocasiões, o dever e a função social do jornalismo de informar à sociedade são colocados em segundo plano para atender aos interesses políticos e econômicos das empresas jornalísticas.

Traquina (2012, p. 176, 182) diz que a Teoria Estruturalista enfatiza o papel dos meios de comunicação na transmissão da ideologia dominante, e que as notícias seriam o resultado de um processo de produção, que por meio da percepção e seleção dos fatos, transforma um acontecimento em um produto. Gans (1979, p. 81 apud TRAQUINA, 2012, p. 199) destaca que “as notícias são, entre outras coisas, o exercício do poder sobre a interpretação da realidade”, e que o primeiro poder dos jornalistas, editores ou proprietários de meios de comunicação é o de decidir o que é notícia, sabendo que ela “dá existência pública aos acontecimentos”.

No entanto, Traquina (2012, p. 202) diz que também acredita no jornalismo como um contrapoder. “A Teoria Interacionista reconhece o papel do jornalismo como uma força conservadora, mas também reconhece que pode constituir um recurso para os agentes sociais que contestam o *status quo* e os valores dominantes”. De acordo com ele, esse “Quarto poder” não é um campo fechado, e que pode ser mobilizado por movimentos sociais e contestatórios.

Diante dessa dualidade, o autor defende a posição de que seria mais correto afirmar que o jornalismo é um “Quarto Poder” que defende, principalmente, o *status quo*, mas também realiza o seu potencial de contrapoder.

3.1. A TEORIA DO *AGENDA-SETTING*

Formulada por Maxwuel McCombs e Donald Shaw, na década de 1970, a Teoria (ou hipótese) da Agenda - *Agenda Setting* estabelece que a agenda da mídia exerce influência sobre a agenda do público, determinando os temas que são proeminentes na imagem do público, influenciando, também, sua maneira de pensar e de agir. Esta teoria merece destaque no presente trabalho, pois vai ao encontro da premissa de que a mídia, ao abordar um determinado assunto, influencia a maneira como este assunto é recebido e interpretado pela sociedade, estabelecendo uma relação de causa e efeito.

A principal afirmativa da Teoria da Agenda, de acordo com McCombs (2009, p. 111), é de que os temas enfatizados nas notícias divulgadas pela mídia acabam sendo considerados, no decorrer do tempo, como importantes pelo público. “A ideia teórica central é que os elementos proeminentes na imagem da mídia tornam-se proeminentes na imagem da audiência. Aqueles elementos enfatizados na agenda da mídia acabam tornando-se igualmente importantes para o público”.

Este mesmo autor diz que na seleção diária e apresentação das notícias, os editores e diretores de redação focam a atenção e influenciam a percepção do público para as questões que são consideradas pela imprensa como as mais importantes do dia; habilidade esta que, segundo ele, veio a ser chamada de “função de agendamento dos veículos noticiosos”.

A agenda da mídia torna-se, em boa medida, a agenda do público. Em outras palavras, os veículos jornalísticos estabelecem a agenda pública. Estabelecer esta ligação com o público, colocando um assunto ou tópico na agenda pública de forma que ele se torne foco de nossa atenção e do pensamento do público – e, possivelmente, ação - é o estágio inicial na formação da opinião pública. (MCCOMBS, 2009, p. 18)

O autor cita ainda, a observação de Bernard Cohen, ao falar que “os veículos noticiosos podem não ser bem-sucedidos em dizer às pessoas o que dizer, mas são surpreendentemente bem-sucedidos em dizer às audiências sobre o que pensar”. Isso quer dizer que os textos jornalísticos podem estabelecer a agenda para a discussão e reflexão pública.

A principal referência teórica para os estudos de McCombs é o autor Walter Lippmann, que publicou a primeira versão do título “A Opinião Pública”, em 1922. Lippmann é considerado o pai intelectual da ideia do Agendamento. Para ele, os veículos de comunicação transmitem informações de uma realidade que está distante de nós, recriando esta realidade e determinando as imagens que temos sobre ela. “Em qualquer sociedade que não esteja voltada a si mesma e seus interesses e nem tão pequena que todos possam saber sobre tudo o que se passa, idéias dizem respeito a eventos que estão fora da vista e do alcance” (LIPPMANN, 2008, p. 28). Como as pessoas não têm como saber ou presenciar todos os fatos e acontecimentos, a informação que chega até elas é transmitida, em grande parte, pela mídia. De acordo com Lippmann (1922 apud MCCOMBS, 2009, p. 19) “a opinião pública responde não ao ambiente, mas ao pseudoambiente construído pelos veículos de comunicação”. Este autor diz, ainda, que para quase todas as preocupações da agenda pública, “os cidadãos tratam de uma realidade de segunda-mão, uma realidade que é estruturada pelos relatos dos jornalistas sobre estes eventos ou situações”.

Para Lippmann (2008, p. 40) a opinião pública seria fruto da ação de grupos de interesse ou pessoas agindo em nome de grupos:

Aqueles aspectos do mundo que têm a ver com o comportamento de outros seres humanos, na medida em que o comportamento cruza com o nosso, que é dependente do nosso, ou que nos é interessante, podemos chamar rudemente de opinião pública. As imagens na cabeça destes seres humanos, a imagem de si próprios, dos outros, de suas necessidades, propósitos e relacionamentos são suas opiniões públicas. Aquelas imagens que são feitas por grupos de pessoas ou de indivíduos agindo em nome de grupos é Opinião Pública com letras maiúsculas. (p.40).

As imagens que o público tem da construção da realidade a partir dos acontecimentos narrados pela mídia contribui para a formação da Opinião Pública, com letras maiúsculas, conforme ressalta o autor, que diz, ainda, que “a opinião reconhecida como pública, então, seriam as opiniões feitas públicas. E não as opiniões surgidas do público”. Os temas enfatizados na agenda da mídia passam a ser importantes e relevantes para o público e, por consequência, contribuem para a formação da opinião pública. Mas, por que o agendamento ocorre?

De acordo com McCombs (2009, p. 94) o agendamento ocorre porque o ser humano tem necessidade de orientação e de entendimento do ambiente que o envolve. “Quanto maior for a necessidade de orientação que as pessoas têm no âmbito dos assuntos públicos, maior é a probabilidade delas atentarem para a agenda da mídia”.

A necessidade de orientação, segundo este mesmo autor, é definida pelos conceitos de relevância e incerteza. Quando um assunto não tem relevância para um determinado indivíduo, a necessidade de orientação e busca de informações é baixa. Quanto maior o grau de relevância de um tema, maior o interesse na busca de informações sobre ele. Em relação à incerteza, como as pessoas não têm como saber de todos os acontecimentos que estão ocorrendo, como já foi dito anteriormente, devido à necessidade de orientação e conhecimento sobre determinado fato, elas procuram informações nos veículos de comunicação. “Alguns temas são intrusivos, ou seja, eles se inserem em nossas vidas diárias e são experimentados diretamente. Outros assuntos não são intrusivos. Nós os encontramos somente nas notícias” (MCCOMBS, 2009, p. 59). Traquina (2012, p. 205) corrobora com este pensamento ao afirmar que a influência da mídia “é maior sobre os assuntos sobre os quais as pessoas não têm experiência direta que podem mobilizar”. Além disso, a mídia também inclui em nossas preocupações certos temas que não chegariam ao nosso conhecimento e nem se tornariam temas de nossas agendas.

Além da transferência da agenda da mídia para a agenda do público, há também o agendamento intermídia. A mídia noticiosa, principalmente os grandes meios de comunicação e as agências de notícias, exercem influência na agenda de outros veículos de comunicação. McCombs (2009, p. 179) diz que os jornalistas validam seu senso de notícias observando o trabalho de seus colegas. “Os jornais locais e as estações de televisão observam todos os dias as agendas noticiosas de seus competidores diretos que disputam a atenção local”. Também é muito comum o agendamento local a partir de temas que já estão sendo enfatizados pela mídia nacional. O autor (2009) diz que o resultado da influência intermídia é uma agenda noticiosa muito redundante. A ênfase de determinados temas pela mídia, com agendamento intermídia, trabalhando o acontecimento de forma homogênea, pode tornar estes temas ainda mais relevantes e importantes para a agenda do público.

Diante disso, podemos concluir que são inegáveis os efeitos da mídia sobre a sociedade. Os assuntos divulgados pelos meios de comunicação, principalmente aqueles que recebem maior ênfase, são temas de conversas em grupos, na família, na escola, no trabalho, entre outros lugares. A pauta das conversas interpessoais é sugerida pelos jornais, televisão, rádio e internet, propiciando ao público a hierarquização dos assuntos que devem ser pensados/falados. “A realidade social passa a ser representada por um cenário montado a partir dos meios de comunicação de massa” (BRUM, 2003, p. 2).

3.1.1: O conceito de Enquadramento

O Enquadramento ou *Framing* pode ser considerado um desdobramento da Teoria da Agenda. Ele está diretamente relacionado ao agendamento. Além de estabelecer a agenda do público, a mídia também teria influência sobre o enfoque e o que pensamos sobre determinado fato. Rothberg (2010) diz que:

O enquadramento é constituído através de procedimentos de seleção, exclusão ou ênfase de determinados aspectos ou informações, de forma a compor perspectivas gerais através das quais os acontecimentos são dados a conhecer. Trata-se de uma ideia central que organiza a realidade dentro de determinados eixos de apreciação e entendimento, que envolvem inclusive o uso de expressões, estereótipos, sintagmas, etc.(p.54-55).

Ao selecionar o ângulo da notícia, seu tamanho, o título, as imagens e suas legendas e o *lead*⁴, além do formato de gêneros jornalísticos e da escolha das fontes das notícias, tópicos que veremos a seguir, o jornalista e editor da notícia está fazendo um enquadramento. A mídia define o que é essencial ao enfatizar um assunto, estabelecendo o que é relevante para aquele tema. Zanetti (2008, *on line*) diz que “a maneira como um assunto é enquadrado pela mídia, influencia a forma de recepção deste assunto no público leitor”. Druckman (2001, p. 1041 apud ZANETTI, 2008) diz que um efeito de *framing* ocorre quando, “ao longo da descrição de um assunto ou evento, a ênfase do enunciador sobre um subconjunto de considerações

⁴ O *lead* é o primeiro parágrafo do texto jornalístico e deve responder a perguntas básicas como o quê, quem, quando, onde, como e por que se deu o acontecimento, oferecendo logo no início as principais informações sobre o fato.

relevantes em potencial faz com que os indivíduos se concentrem nessas considerações ao construírem suas opiniões”.

De acordo com Miranda (2012, p. 30) “os enquadramentos oferecem assim, contextos para a interpretação das mensagens jornalísticas” por parte do público. Tuchmann (1978 apud MIRANDA, 2012, p. 30) defende que “os jornalistas dão uma ‘moldura’ as histórias, levando em conta os constrangimentos organizacionais de seu campo, crenças profissionais e julgamentos sobre a audiência”.

A partir do enquadramento, a mídia não só pauta a agenda do público, como direciona a sua maneira de pensar e interpretar um determinado acontecimento ou tema. Alguns aspectos tornam-se relevantes e outros são descartados. Traquina (2012, p. 205) diz que tanto a seleção das ocorrências que farão parte da agenda, como a seleção dos enquadramentos para a interpretação destas ocorrências “são poderes importantes do campo jornalístico e os seus profissionais”.

É importante ressaltar, porém, que o poder da mídia sobre os receptores não é ilimitado. Com advento das novas tecnologias, o público tem a oportunidade de buscar outras informações e outros pontos de vista sobre um tema ou acontecimento em outros canais de comunicação, principalmente na internet. Maia (2014, p. 61) diz que com o poder que a internet proporciona aos cidadãos de buscar informações diferenciadas, e com a possibilidade dos cidadãos também serem agentes produtores de informação, “os efeitos que a mídia exerce sobre o público ainda são presentes e intensos, mas começam a tomar novas configurações frente a uma sociedade informatizada e global”.

3.2. A CLASSIFICAÇÃO DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS

A noção de gênero nasceu na Grécia Antiga. Platão foi o primeiro cientista a estudar os gêneros, criando uma divisão de poesia (mimética ou dramática, não mimética ou lírica e mista ou épica). Entretanto, foi Aristóteles que desenvolveu a primeira reflexão aprofundada sobre a existência de gêneros.

No campo da comunicação, a noção de gênero foi influenciada pelo conceito de gênero do discurso do formalista russo Mikhail Bakhtin, cujo estudo, de acordo

com Ferreira (2012), é recebido como um marco referencial, servindo de suporte teórico para as mais recentes tendências de pesquisa, tanto na área de abordagem sócio-retórica como nas principais obras da área jornalística. Para Bakhtin (1997), o gênero é:

Uma força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, certo modo de organizar idéias, meios e recursos expressivos, suficientemente estratificado numa cultura, de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e a continuidade dessa forma junto às comunidades futuras. Num certo sentido, é o gênero que orienta todo o uso da linguagem no âmbito de um determinado meio, pois é nele que se manifestam as tendências, expressivas mais estáveis e mais organizadoras da evolução de um meio, acumuladas ao longo de várias gerações de enunciadores. (apud MEDINA, 2001, p.46)

Os gêneros jornalísticos possuem um importante papel para a compreensão das mensagens e discursos produzidos pelos meios de comunicação de massa. Segundo Medina (2001, p. 50), eles servem para orientar os leitores dos jornais, permitindo que estes identifiquem a forma e o seu conteúdo, possibilitando, também, um diálogo entre o jornal e o leitor, pois é por meio das exigências dos receptores que as formas e conteúdos dos jornais se modificam.

Os estudos sobre gêneros jornalísticos começaram a existir, de fato, na primeira metade do século XX, influenciados pelas mudanças na industrialização da atividade jornalística (SEIXAS, 2009), mas ganharam corpo nos anos 1950, com a sistematização decorrente da criação de disciplinas específicas na Universidade de Navarra, na Espanha. José Luiz Martinez e Jacques Kaiser foram os primeiros estudiosos de alcance internacional a utilizar o conceito de gênero jornalístico (FERREIRA, 2012).

No Brasil, os gêneros jornalísticos começaram a ser temas de estudos e pesquisas a partir da década de 1960, com as publicações da trilogia *Imprensa Informativa* (1969), *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo opinativo* (1980), por Luiz Beltrão, e pelas contribuições de seu seguidor, José Marques de Melo, que introduziu os estudos de gêneros jornalísticos nas universidades brasileiras. Ambos os estudos focalizam o jornalismo impresso.

Marques de Melo (2003) conceitua o gênero jornalístico como:

Um conjunto de circunstâncias que determinam o relato que a instituição jornalística difunde para o seu público. Um relato que, pela dinâmica própria do jornalismo, se vincula às especificidades regionais, mas incorpora contribuições dos intercâmbios transnacionais e interculturais. É a articulação que existe, do ponto de vista processual, entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura). (p.64).

A partir da compreensão dos diferentes tipos de gêneros ou classificações das mensagens jornalísticas, é possível analisar como a mídia enxerga seu compromisso social e sua relação com o público, por meio do formato que escolhe para transmitir os acontecimentos e informações aos seus leitores.

Temer (2009, p. 7 - 8) diz que a compreensão do conceito de gênero possibilita identificar os valores atribuídos aos produtos de comunicação e as regras que regem o seu conteúdo, que por sua vez, são decorrentes desses valores. “O estudo sobre gêneros deve ser encarado como um dos eixos que constituem o estudo sobre as mídias, seu conteúdo e suas relações com a sociedade”. A autora diz, ainda, que os gêneros são sistemas de orientação, expectativas e convenções que circulam nos processos de comunicação, fornecendo antecipadamente ao receptor “um contexto interpretativo, controlando ideologicamente as reações da audiência. Em outras palavras: gênero é uma forma de saber que modeliza o objeto” (TEMER, 2009, p. 5).

Os gêneros jornalísticos determinam a forma como os acontecimentos serão abordados, se com seriedade, de maneira leve, de forma mais abrangente ou mais aprofundada e reflexiva, de maneira engraçada ou em forma de sátira, e a intencionalidade do discurso.

Medina (2001, p.45) ressalta que os gêneros jornalísticos são determinados pelo modo de produção dos veículos de comunicação de massa e pelas manifestações culturais de cada sociedade onde as empresas jornalísticas estão inseridas, precisando, portanto, ser estudados como um fenômeno histórico. “Realizar uma classificação universal dos gêneros é tarefa quase impossível, visto que estão sempre em transformação”.

Pioneiro neste tipo de estudo no Brasil, Luiz Beltrão (1969; 1976; 1980) classifica os gêneros jornalísticos em: informativo, em que se enquadram os

formatos notícia, história de interesse humano e informação pela imagem; interpretativo, com o formato da reportagem em grande profundidade; e opinativo, no qual se enquadram os formatos artigo, editorial, crônica, opinião ilustrada e opinião do leitor.

Já o autor José Marques de Melo defendeu, na década de 1980, a existência de apenas dois gêneros: informativo, abrangendo os formatos nota, notícia, reportagem e entrevista; e opinativo, no qual estão inseridos os formatos de editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta. Anos mais tarde, de acordo com Moura (2012, p. 162 – 163), após atualização de seus estudos, Marques de Melo propõe uma nova classificação das mensagens jornalísticas, acrescentando outros três tipos de gêneros: interpretativo, com os formatos análise, perfil, enquete, cronologia e dossiê; utilitário, com os formatos indicador, cotação, roteiro e serviço; e diversional, no qual estão inseridos os formatos de história de interesse humano e história colorida.

Apesar de as duas propostas de classificação possuir critérios bem similares, as diferenças na visão dos dois autores quanto às definições e classificações dos gêneros ocorrem, segundo Moura (2012, p.163) pela diferença nos contextos históricos. “Beltrão se situa num cenário histórico e jornalístico entre o final da década de 1960 e início dos anos 1980, quando o jornalismo opinativo prevalece”. Os estudos e pesquisas de José Marques de Melo emergem logo em seguida, ainda na década de 1980, “quando, de forma majoritária, começa a predominar o jornalismo meramente informativo e/ou interpretativo”.

Moura (2012, p.163) ressalta que, para além do ambiente brasileiro, “os gêneros jornalísticos têm sido estudados com destaque e cuidado por sua relevância na estruturação do texto jornalístico. São eles fatores primordiais na boa condução do processo de produção da notícia e de recepção”.

Para fins deste estudo, serão utilizados os gêneros informativo, interpretativo e opinativo, também denominados por Medina (1988) de “informação, informação ampliada e opinião expressa”, de acordo com as classificações propostas por Beltrão e Marques de Melo, com a inclusão da reportagem em grande profundidade no gênero interpretativo. Os critérios de classificação adotados pelos autores

sugerem a separação dos gêneros de acordo com as funções que eles desempenham no receptor da mensagem jornalística, como informar, orientar e explicar.

3.2.1. Gênero Informativo

As mensagens jornalísticas do gênero informativo caracterizam-se pela descrição, relato simples e objetivo dos fatos. De acordo com Assis (2010, p. 17), o primeiro gênero que figurou na imprensa mundial, no século XVII foi o informativo. “A informação é a base do jornalismo”, destaca o autor.

Para Beltrão (1969, p.81), *“a primeira das funções sociais experimentadas pelo jornal moderno é a informação, ou seja, o relato puro do que ocorre de significativo em todos os domínios do pensamento e da atividade humana”*, afirma o autor, que classifica o gênero informativo como “mercadoria de base do jornal”.

Estão incluídos neste gênero os formatos notícia, que, de acordo com Beltrão (1969, p. 72), “é a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou tem importância para o público a que se dirigem”, além dos formatos de nota, reportagem e entrevista.

Características como objetividade, imparcialidade e veracidade dos fatos são relacionadas por alguns autores ao gênero informativo. Assis (2010) diz que a objetividade e a imparcialidade são temas polêmicos, pois a produção jornalística é carregada também de alguma subjetividade. Ao selecionar os ângulos de um determinado fato e ao escrever uma notícia, o jornalista acaba sendo influenciado pelo seu ponto de vista. Silva (1991, p.101 apud ASSIS, 2010, p. 20) faz ressalvas no que diz respeito à objetividade na imprensa brasileira. “O jornalismo – por mais que seja taxado como objetivo – é, quase sempre, ostensivamente partidário na cobertura, com títulos de notícias editorializados, clara preferência por uma tendência política ou ideológica, distorção intencional dos fatos, para favorecer uma visão de mundo”. Isso não quer dizer que estas características devem ser deixadas

de lado pelo jornalista na produção de uma notícia, que deve ser escrita de maneira mais objetiva e imparcial possível.

3.2.2. Gênero Interpretativo

As mensagens jornalísticas do gênero interpretativo caracterizam-se pela profundidade, contextualização dos fatos, com abordagem dos diferentes ângulos, e pela informação ampliada. Beltrão (1976, p.12) diz que “a atualidade, objeto da atividade jornalística, tem que ser interpretada, porquanto informação e orientação são funções básicas sociais do periodismo”.

De acordo com Marques de Melo (2012, p. 24) o jornalismo interpretativo começou a ser cultivado durante o período da Segunda Guerra Mundial, quando os norte-americanos consideravam-se lesados pela imprensa, devido à ausência de informações que permitissem a previsão do conflito bélico.

Para o autor (2003) o gênero interpretativo:

Na medida em que informa e orienta, também contribui para enriquecer o acervo de conhecimentos da coletividade. Isso se efetiva por intermédio de informações que esclarecem o que está acontecendo e não é percebido claramente pelo público. Os fatos são, portanto esclarecidos, explicados, detalhados. Essa função corresponde ao jornalismo interpretativo. (p.29).

Fazem parte deste gênero os formatos análise, perfil, enquete, cronologia e dossiê. Beltrão (1976, p. 42) também inclui nesta classificação a reportagem em grande profundidade, e conceitua o jornalismo interpretativo como “um jornalismo em profundidade [...] que oferece todos os elementos da realidade, a fim de que a massa, ela própria a interprete”. O autor (BELTRÃO, 1976, p. 46), entretanto, alerta para a existência do que ele chama de “paternalismo” ou “maestralismo” do jornalista/editor para com a audiência, quando a interpretação é do próprio jornalista, oferecendo ao público aquilo que ele julga que os leitores precisam saber. Para Beltrão, este tipo de jornalismo que se supõe interpretativo é uma forma disfarçada de opinião, um processo de massificação e imposição, e não de fornecimento de dados contextualizados e completos que possibilitem a audiência “os elementos

necessários à sua própria configuração dos fatos, idéias e situações da atualidade, permitindo-lhe atuar livremente como resultado da própria reflexão” (BELTRÃO, 1976, p. 46).

Dessa forma, o trabalho da imprensa é orientar, explicar e contextualizar as informações para que o público tire suas conclusões sobre determinado fato e possa agir com conhecimento.

Para Medina (1988, p. 115) o que distingue a notícia (gênero informativo) da grande reportagem (gênero interpretativo) é o tratamento do fato jornalístico, no tempo de ação e no processo de narrar. A matéria que amplia uma notícia aprofunda o fato no espaço e no tempo.

As linhas de tempo e espaço se enriquecem: enquanto a notícia fixa o aqui, o já, o acontecer, a grande reportagem abre o aqui num círculo amplo reconstitui o já no antes e depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente. Através da contemplação dos fatos que situam ou explicam o fato nuclear através da pesquisa histórica de antecedentes ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato, a reportagem leva um quadro interpretativo do fato. (p. 115)

Tanto o gênero informativo quanto o interpretativo narram um fato com objetividade, procurando manter certa imparcialidade, mas a grande reportagem contextualiza o fato a partir de diferentes ângulos e pontos de vista.

3.2.3. Gênero Opinativo

Ao contrário dos gêneros informativo e interpretativo, no gênero opinativo, as mensagens jornalísticas, normalmente assinadas, exprimem a opinião pessoal de seus autores, sejam os próprios jornalistas, articulistas, colunistas ou donos de jornal, sobre um determinado acontecimento ou tema.

De acordo com Marques de Melo (2012, p. 23), o jornalismo argumentativo, no qual está enraizado o gênero opinativo, ganhou força no século XVIII, emergindo nos processos revolucionários de natureza anticolonial (USA, 1776) e antiabsolutista (França, 1789), convertendo a imprensa em arena de combate.

Assis (2012, p. 21) ressalta que, além de atender à necessidade humana de se expressar, o gênero opinativo “subsidiaria, em larga medida, a formação da opinião pública”. Diferentemente do jornalismo informativo, caracterizado pela objetividade, segundo o autor, “os textos opinativos são fortemente relacionados a expressões subjetivas”.

Beltrão (1980, p. 14) diz que a opinião “se trata da função psicológica, pela qual o ser humano, informado de idéias, fatos ou situações conflitantes, exprime a respeito seu juízo”. Neste mesmo sentido, Marques de Melo (2003, p. 9) diz que “na opinião há a argumentação, convencendo o leitor para um determinado ponto de vista, trabalhando com idéias e valores”.

Assis (2012, p. 21) afirma que o ponto chave na discussão sobre o gênero opinativo é a sua credibilidade. Para ele “o autor de um texto opinativo tem o dever de basear suas opiniões em dados corretos e isentos de manipulação”.

Fazem parte do gênero opinativo, com base nas classificações de Beltrão e Marques de Melo, os seguintes formatos: editorial, que traduz a opinião da empresa jornalística; artigo, que não exprime, necessariamente, a opinião do jornal e tem como autores pensadores, escritores, especialistas e os próprios jornalistas; crônica; comentário; resenha ou crítica; coluna; charge e caricatura, que são as opiniões ilustradas; e carta, que revela a opinião do leitor.

3.3. O PAPEL DAS FONTES NA CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA

Vimos na Teoria (ou hipótese) do Agendamento que a mídia tem o poder de definir a agenda pública e que os temas salientados por ela em suas notícias são considerados ao longo do tempo importantes para o público, mas, quem define a agenda da mídia? Os jornalistas não presenciam todos os acontecimentos, não possuem conhecimento sobre todos os assuntos e também não têm condições de saber, por si só, tudo o que acontece ao redor do mundo. De acordo com McCombs (2009, p.159), “todos os jornalistas do mundo podem observar somente uma fração das situações e eventos a cada dia”. O autor afirma que muito do que sabemos, seja

sobre governo, comércio, seja a nível local ou internacional, tem sua origem nas fontes de informação.

As fontes desempenham um importante papel na construção da notícia e da agenda da mídia, sendo definidas por Schmitz (2011) como:

Pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas, de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou confidencial para transmitir ao público, por meio de uma mídia. (p.09)

Bonfim (2005, p.4) diz que as teorias estruturalista e interacionista, que foram consolidadas a partir da década de 1960, reforçaram o paradigma das notícias como uma construção social e contribuíram para a compreensão do papel das fontes nessa construção, admitindo que as notícias são resultado de “processos complexos de interação entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional dentro e fora de sua organização”.

A mídia não constrói uma notícia de forma autônoma, ela depende de assuntos específicos fornecidos por fontes que detêm a informação ou presenciaram um determinado fato ou evento. Mesmo quando um jornalista presencia um acontecimento, ele normalmente recorre às fontes para mostrar os pontos de vista e versões para o fato.

Lage (2003, p. 62) diz que quanto a sua natureza, “as fontes podem ser mais ou menos confiáveis, pessoais, institucionais ou documentais”. Para ele as fontes classificam-se em: oficiais, que são as fontes mantidas pelo estado, empresas e organizações, como sindicatos e associações; oficiosas, que são ligadas a uma entidade ou indivíduo, mas não estão autorizadas a falar em nome dele, portanto, o que elas disserem pode ser desmentido; independentes, que são desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico; primárias, a quem o jornalista recorre para colher o essencial de uma matéria; secundárias, que fornecem informações adicionais para uma determinada matéria; testemunhas, que presenciam o acontecimento; e *experts*, que são os especialistas (LAGE, 2003, p. 65 - 66).

Schmitz (2011), a partir da tipificação das fontes propostas pelos manuais de redação dos principais jornais brasileiros, como Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo, e por diferentes autores, como Nilson Lage e Manuel Carlos Chaparro, elaborou uma matriz de classificação das fontes de notícias. Para o autor (2011, p.23), “hierarquizar as fontes é essencial na atividade jornalística, pois a notícia polifônica converge da diversidade de opiniões, relatos, testemunhos e mídias”. As fontes são classificadas pelo autor por categoria, grupo, ação, crédito e qualificação, conforme o quadro abaixo.

CATEGORIA	GRUPO	AÇÃO	CRÉDITO	QUALIFICAÇÃO
Primária	Oficial	Proativa	Identificada	Confiável
Secundária	Empresarial	Ativa	Anônima	Fidedigna
	Institucional	Passiva		Duvidosa
	Popular	Reativa		
	Notável			
	Testemunhal			
	Especializada			
	Referencial			

Quadro 1. Matriz de classificação das fontes de notícias.
Fonte: Schmitz (2011)

Em relação ao grupo, as fontes são definidas por Schmitz (2011) da seguinte maneira:

- (1). **Oficial:** alguém em função ou cargo público que se pronuncia por órgãos mantidos pelo Estado e preservam os poderes constituídos (Executivo, Legislativo, Judiciário);
- (2). **Empresarial:** representa uma corporação empresarial da indústria, comércio, serviços ou do agronegócio. Comumente suas ações têm interesse comercial ou institucional e estabelecem relações com a mídia visando preservar a sua imagem e reputação;
- (3). **Institucional:** quem representa uma organização sem fins lucrativos ou grupo social;

- (4). **Popular:** manifesta-se por si mesmo, geralmente, uma pessoa comum, que não fala por uma organização ou grupo social;
- (5). **Notável:** pessoas reconhecidas pelo talento ou fama, como artistas, escritores, esportistas, personalidades políticas;
- (6). **Testemunhal:** representa aquilo que vive e ouviu. Presencia os fatos, como partícipe ou observadora;
- (7). **Especializada:** trata-se de pessoa de notório saber específico (especialista), perito, intelectual ou organização detentora de um conhecimento reconhecido. Tem a capacidade de analisar as possíveis conseqüências de determinadas ações ou acontecimentos;
- (8). **Referencial:** aplica-se à bibliografia, documento ou mídia que o jornalista consulta.

Melo (2012, p.7) destaca que a rede informativa da mídia reflete a estrutura social já que, normalmente, são priorizadas as fontes que detêm maior poder político e econômico. “Desse modo, as fontes que estão hierarquicamente acima na ordem social são mais sistematicamente consultadas e, por sua vez, impõem o foco de atenção”.

Hall et al. (1978, p.58 apud SCHMITZ, 2010) diz que na hierarquia de credibilidade, as fontes mais poderosas possuem preferência nas declarações de temas controversos e que por mais que a mídia considere a fonte “especialista” como a mais fidedigna, por fornecer informações sem interesse particular, ela prefere as fontes nomeadas pelo autor citado como “autorizadas”, notadamente de organizações públicas.

Desta maneira, as fontes oficiais e empresariais, além de serem mais consultadas pelos jornalistas, possuem um poder maior de interferir na agenda da mídia - que por sua vez, tem a capacidade de influenciar a agenda pública - e se profissionalizaram ao longo do tempo com a contratação de profissionais da comunicação e a estruturação de assessorias de imprensa. Como observa Schmitz (2010):

São crescentes as ações e estratégias das fontes de notícias para interferir na esfera pública utilizando os meios de comunicação para agendar os seus fatos e eventos, aplicando técnicas e saberes do jornalismo, a partir da profissionalização das estruturas de comunicação, ocupadas principalmente por jornalistas formados. (p.101).

Sobre essa questão, Chaparro (2007, p. 16) afirma que as fontes são hoje sujeitos institucionalizados, capacitados para produzir acontecimentos noticiáveis, gerando conteúdos que interferem na pauta jornalística, aumentando o seu poder de influência na opinião pública. O autor diz que, por mais que se aproximem do interesse público, “os jornalistas que ocupam as assessorias de imprensa são especialistas em técnicas e práticas comunicativas que preservam os interesses das fontes nos processos jornalísticos” (CHAPARRO, 2007, p.88).

A informação transmitida por estas fontes não possui caráter aleatório e nem imprevisível, mas apresenta uma perspectiva estratégica com o objetivo de conquistar adeptos para suas causas e bandeiras, que de acordo com Bonfim (2005, p.5) “são estruturadas a partir de características e valores previamente planejados, com vistas ao alcance de determinadas metas”.

Nesse mesmo sentido, Bueno (2009, p.236) diz que a origem das pautas, em boa parte, “tem sido gestadas, pensadas, planejadas nas assessorias de imprensa a serviço das empresas, entidades e mesmo do Governo, que mantém um relacionamento amistoso com o propósito de pautar e repercutir positivamente seus fatos”.

Dentro desse processo de profissionalização das fontes, os jornalistas e demais profissionais de assessoria de imprensa também capacitam as fontes e porta-vozes a dar entrevistas aos meios de comunicação. Durante a capacitação, denominada *media training*, as fontes recebem informações sobre as características dos veículos e os principais questionamentos que os jornalistas podem fazer, além de dicas de relacionamento com a imprensa e de como se portar durante as entrevistas.

Chaparro (2007, p.91) afirma que dentro dessa nova realidade, as fontes e a mídia acabam praticando uma relação recíproca de cooperação e conveniência, pois os jornalistas das redações, que escrevem cada vez mais sobre assuntos que não

conhecem, precisam de bons informantes e intérpretes da realidade, ao mesmo tempo em que as fontes empresariais e governamentais não sobrevivem sem a comunicação com os ambientes externos e precisam dos meios de comunicação para divulgação de suas ações.

Em muitos casos, principalmente nos veículos de comunicação impressos de pequeno porte, que contam com um número reduzido de profissionais em suas redações ou por falta de pauta e dificuldades de acesso a determinado acontecimento, acabam utilizando os *releases*⁵ enviados pelas assessorias de imprensa, com pequenas modificações ou em sua totalidade, publicando integralmente o discurso destas fontes.

Schmitz (2010), entretanto, afirma que os interesses entre mídia e fontes podem ser comuns, mas também distintos, e que a relação entre ambas pode ser de cooperação ou conflituosa, o que costuma ocorrer, principalmente, em situações de crise, quando as fontes são questionadas sobre determinados temas considerados indesejáveis por elas e que podem prejudicar sua imagem junto à opinião pública.

Por fim, no caso do objeto de estudo deste trabalho, as notícias relacionadas ao Complexo Logístico Industrial e Portuário do Açu, fica a questão, que será respondida no último capítulo desta dissertação, por meio da análise de conteúdo das notícias publicadas nos jornais locais/regionais: quais foram às fontes que predominaram nas matérias jornalísticas sobre o Porto do Açu? Qual o enquadramento dado pela mídia impressa regional às notícias sobre o Porto do Açu antes, ao longo e depois da crise do Grupo EBX?

⁵ Texto de cunho jornalístico, enviado aos veículos de comunicação, para divulgação de determinado fato ou evento.

4. ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOTÍCIAS PUBLICADAS NA MÍDIA IMPRESSA REGIONAL

O último capítulo deste trabalho é destinado aos resultados da pesquisa e sua interpretação, por meio da análise de conteúdo das notícias publicadas nos três jornais impressos pesquisados, precedidos pela descrição dos procedimentos metodológicos utilizados, fundamentais para atingir os objetivos propostos nesta dissertação.

4.1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa utiliza a metodologia de análise documental, com abordagem quantitativa e qualitativa, tendo como fonte de dados os jornais impressos de Campos dos Goytacazes, Folha da Manhã e O Diário, que possuem abrangência regional, e o jornal Quotidiano, de circulação mais restrita ao município de São João da Barra, onde está situado o Complexo Logístico do Porto do Açu.

A pesquisa documental em jornais pode ser considerada de natureza primária, com matérias feitas a partir da presença do jornalista ou das fontes ouvidas pelo jornalista no local do fato ou evento, ou de natureza secundária, quando o jornalista não presenciou o evento, como ocorre nos casos em que o jornal apenas reproduz os *releases* enviados pelas assessorias de imprensa.

Será utilizado o método da análise de conteúdo das notícias sobre o tema Porto do Açu, com uso da sumarização, para categorização dos gêneros jornalísticos, identificação dos tipos de fontes e dos temas que aparecem com

frequência e maior ênfase nas matérias, além da interpretação dos possíveis significados pretendidos pelos meios de comunicação. O analista não deve fazer uma leitura superficial da notícia, como um leitor comum, mas deve investigar outros sentidos que possam estar ocultos nas matérias e carregados de diversas intenções.

A metodologia utilizada neste trabalho tem como referência os estudos de análise de conteúdo da autora Laurence Bardin (2011) e a metodologia utilizada pela jornalista Ferdinanda Maia (2014), em sua dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Regional e Gestão de Cidades, que teve como tema “A partilha dos *royalties* de petróleo e o papel da mídia”.

O método da análise de conteúdo tem em sua origem a análise de materiais essencialmente jornalísticos, tendo a mensagem como principal objeto de análise. As técnicas da análise de conteúdo são baseadas na dedução (inferência) de conhecimentos relacionados às condições de produção das mensagens e, em alguns casos, de sua recepção, a partir de hipóteses pré-estabelecidas e tendo como base indicadores que podem ser quantitativos ou não. A análise de conteúdo pode ser tanto quantitativa, com estudo da frequência com que certas características, formatos e temas aparecem nas mensagens; quanto qualitativa, com a interpretação destas frequências e atribuição de significação a estas mensagens.

A pesquisa será dividida em três fases: (1) a pré-análise; (2) a exploração do material; (3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (BARDIN, 2011).

A primeira etapa consiste na organização do material, escolha dos documentos a serem pesquisados, formulação das hipóteses e de indicadores, que no caso desta pesquisa, serão as categorias a serem analisadas. Os documentos selecionados foram as matérias sobre o Complexo Portuário do Açúcar publicadas nos jornais Folha da Manhã, O Diário e Quotidiano. A pesquisa tem como recorte os seguintes períodos: dezembro de 2006 e julho de 2007 a junho de 2009, referente ao lançamento da pedra fundamental, expectativa e início da construção do porto; janeiro a dezembro de 2013, que compreende a fase de crise no empreendimento e passagem de comando da EBX para a Prumo Logística; e de janeiro de 2014 a junho de 2015, referente ao início de comando de outra empresa e entrada em

operação do porto. A divisão dos três períodos atende a um dos objetivos específicos desta pesquisa, que é a comparação da abordagem e enquadramento das notícias relacionadas ao Porto do Açu no período de expectativa e construção, crise e passagem de comando para a Prumo Logística, com mudança no perfil do Porto.

A consulta aos jornais Folha da Manhã e O Diário foi realizada na Biblioteca Municipal e no Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes. Os arquivos do Quotidiano foram consultados na página do jornal na internet. Na fase de pré-análise, as notícias foram digitalizadas por meio de um aplicativo de celular para exploração posterior. Não foi possível realizar a consulta das notícias do jornal Folha da Manhã nos meses de abril, maio e junho de 2009, devido a sua indisponibilidade nos arquivos da Biblioteca e Arquivo Público Municipal. O jornal Quotidiano foi inaugurado em 2007, portanto, não constam na pesquisa matérias deste jornal do mês de dezembro de 2006.

A segunda etapa (exploração do material) do método de análise de conteúdo é a fase da análise propriamente dita, em que é colocado em prática o que foi definido na pré-análise. Foram definidas quatro categorias de classificação para análise das notícias: (1) temas; (2) fontes; (3) gêneros/mensagens jornalísticos e (4) valência das notícias.

Bardin (2011, p. 135) diz que a noção de tema é largamente utilizada na análise de conteúdo. “Fazer uma análise temática consiste em descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido”.

Para a presente pesquisa, que conta com 616 notícias, foram formulados 13 temas que fizeram parte da agenda da mídia, estabelecidos com base na recorrência em que apareceram durante a pré-análise do material. Os temas são os seguintes:

(1). Desenvolvimento, crescimento econômico e investimentos: matérias que falam sobre o potencial do Porto do Açu, relacionando-o ao progresso, crescimento econômico, independência do município de São João da Barra em relação aos royalties de petróleo, autossustentabilidade, que colocam o empreendimento como

redentor da economia do município, e abordam o crescimento do setor imobiliário. Também estão incluídas neste tema as matérias que fazem referência à instalação e assinatura de contratos de empresas com o Porto, construção de termoelétrica, siderúrgica, montadoras de automóveis, assinatura de memorandos de intenção e demonstração de interesse por parte de empresas em se instalar no complexo ou fazer parcerias de negócios com o porto, instalação de distrito industrial, investimentos em logísticas de transporte, com anúncio de construção de ferrovias, financiamentos, entre outros investimentos;

(2). Qualificação profissional: matérias que abordam as oportunidades de qualificação, parcerias entre município, empresas do Porto do Açu e outros segmentos para formação de mão-de-obra, e a necessidade de qualificação;

(3). Geração de emprego e renda: notícias sobre contratação de trabalhadores e geração futura de empregos e aumento de renda, a partir dos investimentos e instalação de empresas no porto;

(4). Construção do porto: matérias relacionadas aos anúncios de construção e às obras do Complexo Portuário;

(5). Projetos para a comunidade: que diz respeito a convênios, projetos e parcerias do grupo EBX com o governo municipal e instituições, voltados para a comunidade local e regional, como o desenvolvimento de atividades de agricultura e pesca, entre outros;

(6). Impactos ambientais e socioeconômicos: que aborda os impactos causados pela instalação do complexo portuário, como a salinização da água, desapropriações, entre outros problemas, bem como as ações judiciais e multas relacionadas a estes impactos;

(7). Concessão de licenças/Audiências Públicas: matérias que se referem à concessão de licenças ambientais para continuidade de obras do empreendimento pelos órgãos competentes e à realização de audiências públicas;

(8). Visita de políticos ao empreendimento: notícias sobre visita de políticos eleitos ou em campanha às instalações do Complexo Portuário e participação em inaugurações;

(9). **Demissões e protestos de trabalhadores:** que diz respeito a paralisações, ameaças de greve, protestos com fechamento de rodovias, e demissões de trabalhadores;

(10). **Eventos:** apresentação do empreendimento e de projetos relacionados ao porto aos diversos segmentos da sociedade;

(11). **Crise do Grupo X/Mudança de Comando:** tema relacionado à queda de ações das empresas do grupo EBX, recuperação judicial, calote e venda de empresas do grupo, desistência e adiamento de instalação das empresas no Porto, recuo de investimentos, insegurança em relação ao empreendimento, paralisação e atraso nas obras, e à passagem de comando do Complexo Portuário do Açú para a Prumo Logística Global;

(12). **Operação/Mudança de perfil do porto:** matérias relacionadas à entrada em operação do Porto do Açú, chegada dos carregamentos de minério, e à mudança na vocação do porto, retornando ao projeto inicial de funcionar como base de apoio logístico para a produção *offshore*;

(13). **Outros.**

Outra categoria de classificação utilizada na análise foram as fontes presentes nas matérias sobre o Porto do Açú. Por meio desta categoria é possível identificar quem pautou a agenda da mídia e a quem a mídia deu voz ao transmitir informações relacionadas ao Porto. Com base nas classificações abordadas no capítulo 2, foram definidos oito tipos de fontes. A fonte classificada por Schmitz (2011) como “oficial” foi desmembrada em duas categorias - políticos e representantes de órgãos públicos. Para fins deste trabalho definimos as seguintes fontes de notícias: (1) **Políticos**, pessoas que exercem cargo público para o qual foram eleitas e secretários nomeados em função da política; (2) **Representantes de órgãos públicos**, que são pessoas, em função ou cargo público, que se pronunciam pelo Estado e preservam os poderes constituídos (Executivo, Legislativo, Judiciário), como representantes do Ministério Público Estadual e Federal, por exemplo; (3) **Empresarial**, que representam empresas e corporações da indústria, comércio e serviços; (4) **População**, que geralmente se manifesta por si mesma, não falando em nome de grupos ou associações; (5) **Especialistas**, pessoas com capacidade e

conhecimento para analisar os acontecimentos e suas possíveis consequências; (6) **Institucional**, representantes de organizações sem fins lucrativos, associações, sindicatos, representantes de instituições de ensino; (7) **Jornalistas/colunistas** e (8) **Outros**.

Os gêneros jornalísticos, com os formatos e tipos de mensagens que a mídia utiliza para transmitir a informação, foram divididos em: (1) **informativo**, que é a informação simples e objetiva dos fatos; (2) **interpretativo**, com a informação ampliada, mais contextualizada, em profundidade; e o (3) **opinativo**, que transmite a opinião e o ponto de vista do jornalista, colunista, dono de jornal ou leitor.

A quarta categoria de análise, a valência, é baseada em um dos critérios estabelecidos pelo Laboratório de Estudos Eleitorais em Comunicação Política e Opinião Pública – DOXA⁶, que atualmente faz parte do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ), para a análise da cobertura jornalística das eleições presidenciais no Brasil. O Doxa classifica a valência das notícias como positiva, negativa, neutra/equilibrada. Para este trabalho, iremos dividir as notícias, a partir do enfoque dado ao tema Porto do Açu, em (1) positiva, (2) negativa e (3) equilibrada, que é a notícia que traz um equilíbrio entre elementos negativos e positivos.

A terceira e última etapa da pesquisa, que consiste no tratamento estatístico dos dados obtidos durante a exploração do material, com tabulação no Excel, para obtenção das frequências de resposta, e na inferência e interpretação dos resultados, será abordada no próximo capítulo.

4.2: RESULTADOS E ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS NOTÍCIAS

A pesquisa é composta por 616 notícias publicadas nos jornais de Campos dos Goytacazes, Folha da Manhã e O Diário, e no jornal Quotidiano, de São João da Barra, nos períodos de dezembro de 2006, julho de 2007 a junho de 2009, janeiro a dezembro de 2013 e janeiro de 2014 a junho de 2015.

⁶ Informações sobre o Doxa. Disponíveis em: <<http://doxa.iesp.uerj.br/cobertura-jornalistica/>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

A análise de conteúdo das notícias será realizada da seguinte forma: análise das notícias sobre o Porto do Açu durante todo o período, nos três jornais; análise das notícias publicadas em cada jornal pesquisado durante todo o período; e análise comparativa da abordagem do tema Porto do Açu em cada período pré-estabelecido.

Considerando o total de notícias nos três períodos analisados, o jornal Folha da Manhã foi o veículo que publicou com maior frequência as matérias relacionadas ao Complexo Logístico Industrial e Portuário do Açu, com 318 notícias, que corresponderam a mais da metade do total, 51,6%, conforme revela o Gráfico 1. O jornal O Diário vem em seguida, com 205 notícias, que equivalem a 33,3% do total. O jornal Quotidiano publicou 93 notícias sobre o tema pesquisado, correspondendo a 15,1% do total. O número inferior aos demais veículos de comunicação impressos justifica-se pelo fato do jornal não ser diário. Sendo assim, para um jornal que lançou edições ora bimestrais, mensais ou até trimensais, a frequência de notícias sobre o Porto do Açu foi considerável.

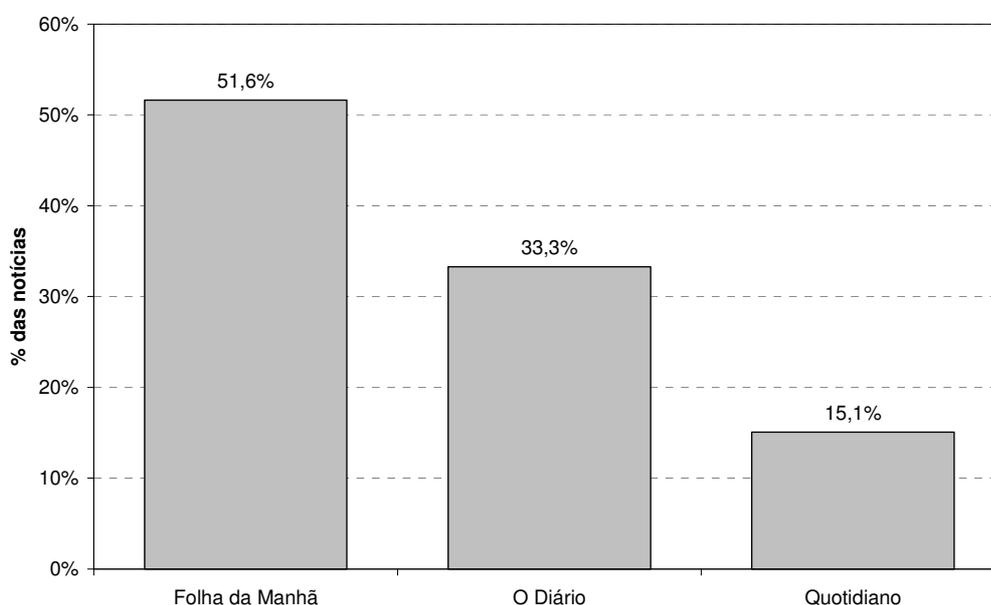


Gráfico 1. Percentual de notícias publicadas nos jornais impressos.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Para análise de conteúdo das notícias foram definidas as seguintes categorias: temas, fontes, gêneros jornalísticos e valência. É importante destacar

que uma mesma notícia pode abordar mais de um tema e dar voz a diferentes tipos de fontes. O mesmo não ocorre com o gênero e com a valência, que são únicos para cada matéria jornalística.

Considerando todo o período de analisado, o tema que aparece com maior frequência na agenda da mídia impressa regional é o **Desenvolvimento, crescimento econômico e investimentos**, em 178 notícias, representando 28,9% do total, conforme revela o Gráfico 2. O tema **Crise do Grupo X/Mudança de comando** vem em segundo lugar, aparecendo em 110 notícias, o que representa 17,9% do total. Presente em 73 notícias, o tema **Impactos ambientais e socioeconômicos** causados pelo empreendimento, como salinização da água e desapropriações, vêm apenas em terceiro lugar, com 11,9%. Em quarto lugar, com 9,4%, aparece o tema **Demissões e protestos de trabalhadores**, presente em 58 notícias, seguido por **Geração de emprego e renda**, que aparece em 50 notícias, com 8,1% do total. As notícias sobre outros temas representaram 8,1% do total.

Em sétimo lugar na ordem de frequência em que aparece nas matérias jornalísticas analisadas está o tema **Construção do porto**, com 46 notícias, o equivalente a 7,5% do total. O tema **Operação/Mudança de perfil** do porto vem em seguida, sendo abordado em 43 notícias, que equivalem a 7,0% do total.

Em todo o período, os temas **Qualificação Profissional** (4,7%), **Concessão de licenças/Audiências Públicas** (4,4%), **Visita de Políticos ao Empreendimento** (3,1%), **Projetos para a comunidade** (2,6%) e **Eventos** (2,1%) não pautaram com muita frequência a agenda da mídia, estando presentes em menos de 5,0% das notícias sobre o Porto do Açu.

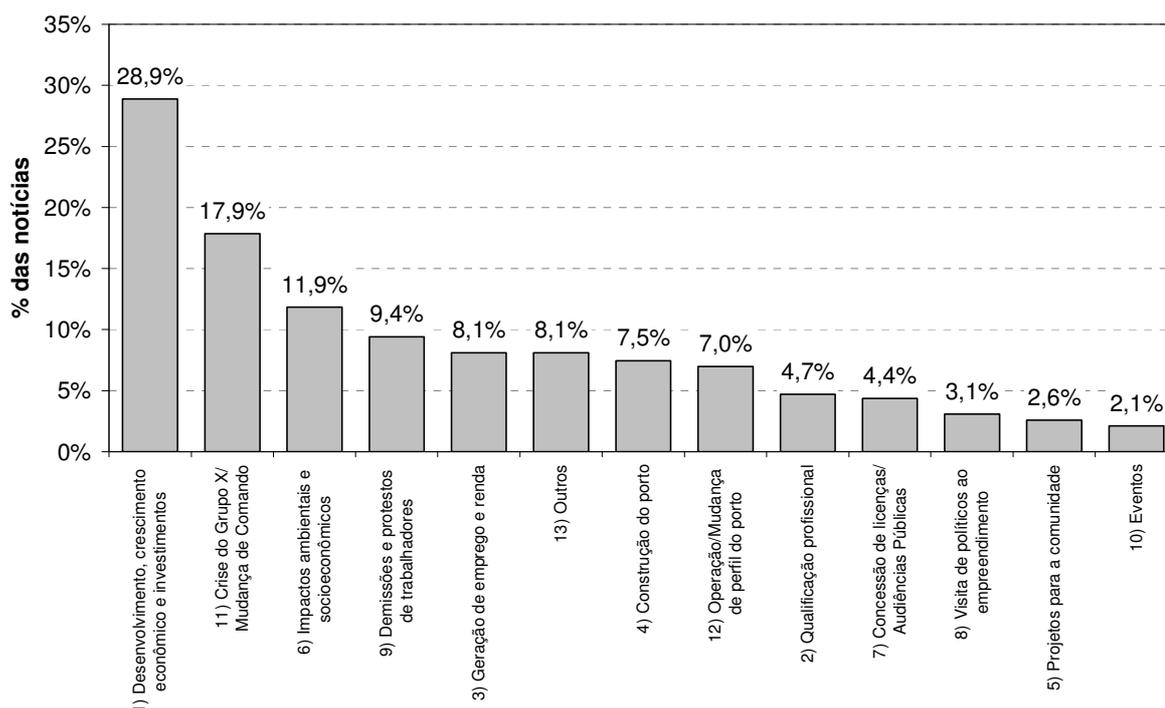


Gráfico 2. Frequência dos temas nas matérias sobre o Porto do Açu.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

A segunda categoria de classificação estabelecida para a análise de conteúdo - as fontes presentes nas matérias jornalísticas - revelou que a fonte empresarial teve voz em mais de 57% das notícias pesquisadas, em um total de 351 matérias, conforme mostra a Gráfico 3. Os políticos vêm em seguida, com espaço em 154 notícias, representando 25% do total. Os jornalistas e colunistas, principalmente em virtude dos artigos e colunas publicados nos jornais, aparecem em terceiro lugar, em 144 notícias, com 23,4%. Os representantes de órgãos públicos foram ouvidos em 75 notícias, representando 12,2% do total pesquisado. A fonte institucional apareceu em 70 matérias, com 11,4% de frequência. As fontes população e especialistas, presentes, respectivamente, em 32 e 29 notícias, são as que tiveram menor espaço, não chegando a 6,0% de frequência nas matérias pesquisadas, com 5,2% e 4,7% do total. As outras fontes, não especificadas neste trabalho, apareceram em 2,9% do total de notícias pesquisadas.

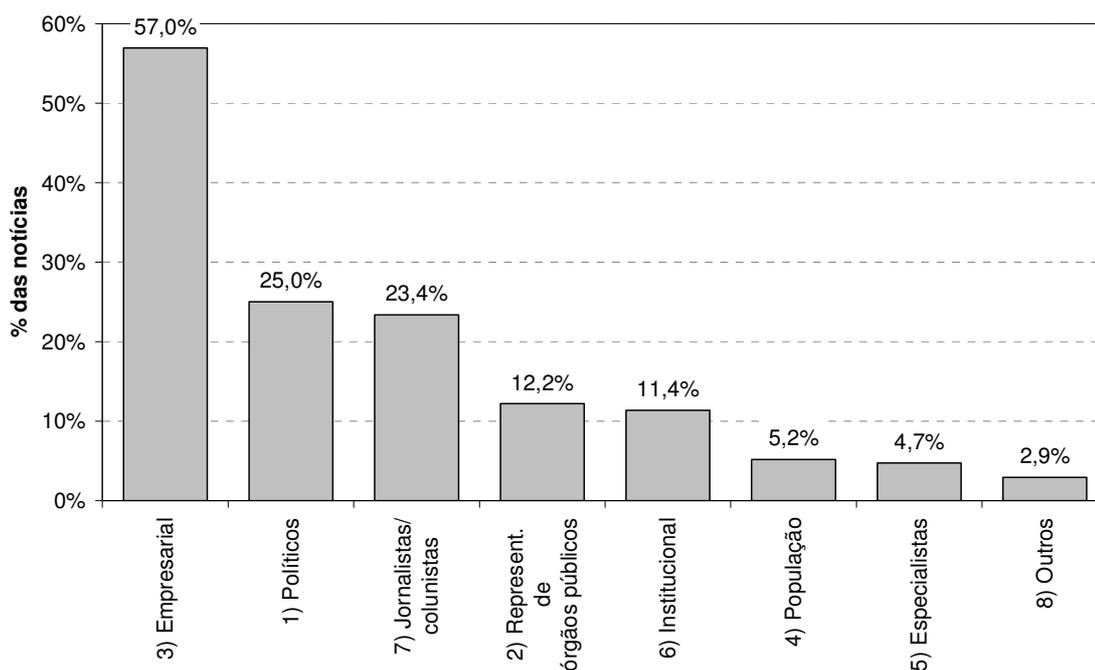


Gráfico 3. Frequência das fontes de notícias presentes nas matérias sobre o Porto do Açú.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

A pesquisa dos gêneros jornalísticos mostrou grande predomínio do gênero informativo, com 489 notícias, que equivalem a 79,4% do total. O gênero opinativo vem em seguida, com 122 notícias, representando 19,8%. Apenas 04 notícias, são do gênero interpretativo, o que corresponde a 0,6% das matérias analisadas, conforme mostra o Gráfico 4.

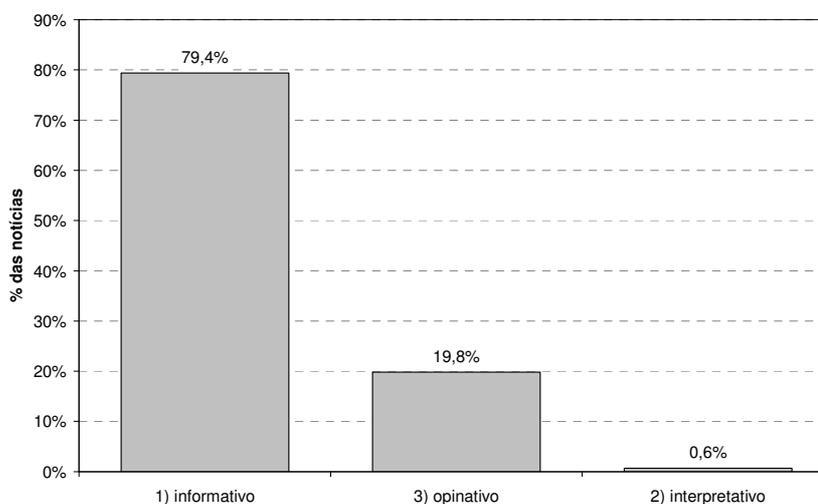


Gráfico 4. Frequência dos gêneros jornalísticos.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

A análise da última categoria de classificação definida – a Valência – revelou, conforme o Gráfico 5 que na maior parte das matérias publicadas, nos veículos de comunicação impressos pesquisados, sobre o objeto Porto do Açú o enfoque foi positivo. Durante todo o período, 376 notícias tiveram abordagem positiva, totalizando 61,0%. 211 matérias tiveram enfoque negativo, com 34,6%. Apenas 26 notícias foram classificadas como equilibradas, com um total de 4,2%.

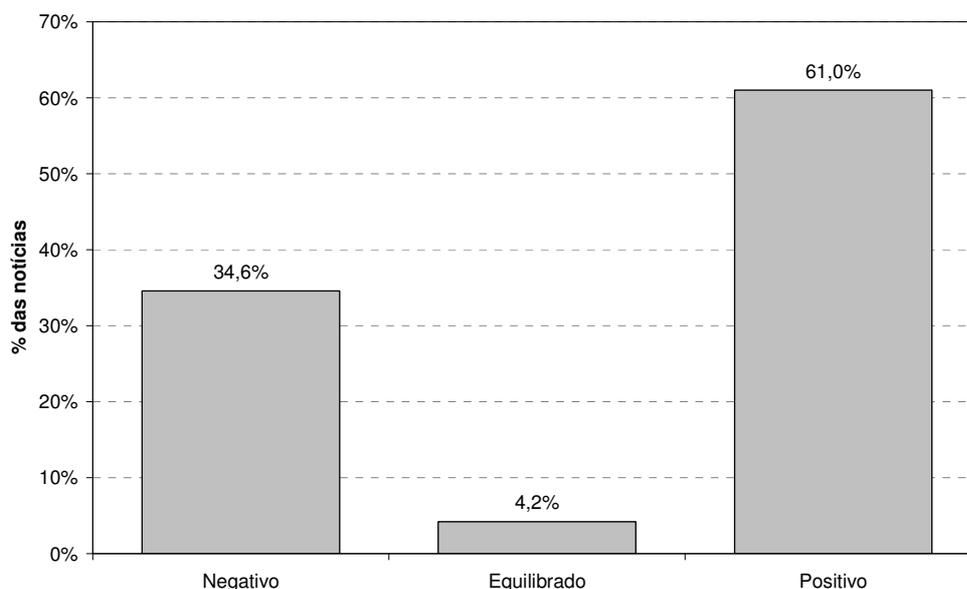


Gráfico 5: Valência das notícias sobre o porto do Açú.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Considerando as 616 notícias pesquisadas, os dados apresentados revelam o interesse maior da mídia local/regional em enfatizar em sua agenda e, conseqüentemente na agenda pública, matérias que colocavam o empreendimento como sinônimo de progresso, desenvolvimento, crescimento econômico, como redentor da economia do município de São João da Barra e que divulgavam os anúncios de parcerias com empresas, investimentos financeiros e os diversos memorandos de intenções assinados com o grupo do empresário Eike Batista.

Por outro lado, os impactos ambientais e socioeconômicos causados pela implantação do grande projeto de investimento no território, e que influenciaram diretamente no meio ambiente e na população local, como as desapropriações de terra, desestabilização e desestruturação da cultura e produção agropecuária local,

assoreamento de rios e lagos, danos causados à produção pesqueira, degradação de áreas de restinga e salinização da água doce, foram abordados pela mídia com menos da metade da frequência das matérias que destacavam o potencial e a grandiosidade do Complexo Portuário.

McCombs (2009, p.18) diz que a “agenda da mídia torna-se, em boa medida, a agenda do público”, e que os temas enfatizados na imagem da mídia tornam-se proeminentes na imagem do público.

As notícias relacionadas à crise do Grupo X, com mudança de comando do empreendimento e aos impactos socioeconômicos e ambientais aparecem em segundo e terceiro lugares na frequência de abordagem da mídia, com porcentagens de 17,9% e 11,9%. A considerável frequência destes temas na agenda da mídia durante todo o período foi influenciada pela crise do Grupo EBX e incerteza em relação ao Porto do Açú, no ano de 2013, como veremos na comparação entre os períodos a seguir, em que foi publicado o maior número de notícias sobre o empreendimento.

Os dados relacionados às fontes jornalísticas, que desempenham um importante papel na construção da notícia, vêm ao encontro das discussões teóricas apresentadas neste trabalho, com predomínio das fontes classificadas por Lage (2003) como oficiais. As fontes empresariais tiveram espaço em mais da metade das matérias e os políticos tiveram voz em 25% das notícias sobre o Porto do Açú, um empreendimento privado, que contou com diversos auxílios e investimentos do setor público. Somadas, essas duas fontes aparecem em 82% das notícias pesquisadas. De acordo com Melo (2012), a rede informativa da mídia reflete a estrutura social e prioriza as fontes que detêm maior poder político e econômico. Essas duas fontes possuem maior poder para interferir e pautar a agenda da mídia, contribuindo para a manutenção do *status quo*, conforme abordagem teórica apresentada no capítulo 3.

Em contrapartida, as fontes população e especialistas, nesta ordem, foram as que ocuparam menor espaço na mídia, com frequências próximas dos 5%, número muito baixo para a abordagem sobre um empreendimento da natureza do Porto do Açú, que produz grandes impactos e interferências na cultura local, revelando a clara intenção da mídia na reprodução dos discursos políticos e econômicos.

Em relação aos formatos utilizados pelos veículos de comunicação para transmissão da informação – os gêneros jornalísticos – que possuem um papel importante para a compreensão da mensagem jornalística e que, de acordo com Medina (2001), servem para orientar os leitores dos jornais, a pesquisa revelou que a mídia abordou os acontecimentos de forma mais abrangente, sem muita profundidade, caracterizando-se pela descrição e simples relato dos fatos, com predominância do gênero informativo, utilizado em 79,4% das notícias sobre o porto, não tendo o compromisso de transmitir ao público uma informação mais detalhada, contextualizada, com o ponto de vista dos diversos segmentos envolvidos, e que contribuísse para a ampliação do debate sobre os acontecimentos relacionados ao Complexo Portuário, visto que o gênero interpretativo foi utilizado em apenas quatro das 616 notícias pesquisadas e que apenas 4,2% das matérias jornalísticas apresentaram um enfoque equilibrado, mais característico deste tipo de gênero. O empreendimento foi abordado pela mídia de forma predominantemente positiva, em 61,4% das notícias. As notícias com enfoque negativo representaram 34,6% do total.

As Figuras 3 e 4, de matérias publicadas no jornal Folha da Manhã, nos anos de 2008 e 2013, ilustram as características que predominaram nas matérias do Porto do Açu, considerando todo o período analisado. São matérias do gênero informativo, com enfoque positivo em relação ao empreendimento, com utilização da fonte empresarial e que se enquadram no tema “Desenvolvimento, crescimento econômico e investimentos”, destacando em seus títulos o Porto do Açu como atração de investimentos, na Figura 8, com a imagem, em primeiro plano, do empresário Eike Batista e da prefeita de São João da Barra, na época, Carla Machado; e como redentor da economia da economia, na Figura 4.

FolhaEconomia
QUARTA-FEIRA 26 DE JUNHO DE 2008

PORTO > EM SÃO JOÃO DA BARRA

Açu vai atrair US\$ 30 bilhões

Elke Batista recebe medalha, não visita área do porto e afirma que obra vai ser o maior corredor de exportações do Brasil

PAULO S. PINHEIRO

PRESENTE: Prefeita Carla Machado acompanhou Elke Batista na visita a São João da Barra

Elke Batista recebeu uma medalha de ouro do município de São João da Barra, concedida pela prefeita Carla Machado, pelos serviços prestados ao município. Elke diz que o interesse das empresas se deve, além da infraestrutura, à oferta de energia, gerada por três termelétricas que serão construídas na área e pela logística.

— Estamos estudando com a Ferrovia Centro Atlântica (FCA), um ramal ligando o porto às principais ferrovias brasileiras. Sobre a energia, um dos gargalos da nossa economia, a primeira usina termelétrica vai gerar 2.100 megawatts, através da nossa coligada MPX. A nossa intenção é transformar o Açu numa ilha energética, afirma.

Sobre o porto, Batista disse que a meta inicial é exportar 25,6 milhões de toneladas de minério de ferro em 2011, volume que será duplicado para 52,2 milhões de toneladas em 2014. “Vamos começar a operar no primeiro trimestre de 2010, junto com o minério de MinasRio”, frisou Elke.

— Quando vi o mapa, imaginei logo o conceito portuário, com um terminal portuário de última geração, capaz de receber navios gigantes, numa área livre e desimpedida de qualquer concentração urbana, como acontece nos portos de Santos e do Rio. Além disso, a natureza ajudou, por o local tem uma boa profundidade, não necessitando de muita dragagem — explicou.

Figura 3: Matéria publicada na Folha da Manhã, em 26 de junho de 2008.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

35 ANOS
Folha da Manhã
TERÇA-FEIRA 08 DE JANEIRO DE 2013

CAMPOS DE JACUPORANGA

NORTE/NOROESTE > INFLUENCIANDO TUDO

Açu, a redenção da economia

FEDE OBRALACCA

O Complexo Industrial do Superporto do Açu é o maior empreendimento portuário industrial da América Latina e deverá movimentar, pelo menos, 350 milhões de toneladas por ano, entre exportações e importações, posicionando-se como um dos três maiores complexos portuários do mundo. O início da operação está previsto para 2013 e, oficialmente, oito empresas já fecharam contrato para a instalação no local e a TLX possui ainda cerca de 70 memorandos de entendimento em negociação com empresas que querem se instalar ou movimentar cargas no Superporto do Açu.

Empresas que há um ano tinham apenas acordo hoje já assinaram os contratos a OX, que atua no setor de equipamentos e serviços para a indústria offshore de petróleo e gás natural; a Wrico, terceira maior siderúrgica da China; um acordo de instalação de siderúrgica com a Italsargentina Ternium; contrato com a Anglo American para embarque de minério de ferro; NKT Flexibles (NKT); a Techint Brasil para a instalação de uma unidade de produção de tubos flexíveis para apoio a indústria offshore; a General Electric Energy do Brasil (GE) para a instalação de unidade na retroeira; a InterMoore para a instalação de uma unidade que ofereça apoio logístico e serviços especializados à indústria de óleo e gás.

— No momento, a secretaria ainda não tem um plano de como o setor econômico pode se fazer parte do Complexo — a levo, fabricante de câmbios da Fiat, a Renault Nissan e a montadora da Tata Motors, além dos demais comerciais com a empresa Camargo Correa, Cimontos e Votorantim para produção de cimento no empreendimento e a instalação de uma unidade de tratamento de petróleo, com capacidade para 1,2 milhão barris/dia.

AL TLX desenvolve no Superporto do Açu, um Complexo Portuário Privado de Uso Misto, com dois terminais e possui área de 90 km² para receber siderúrgica, polo metalmeccânico, unidade de armazenamento e tratamento de petróleo, estaleiro industrial offshore, plantas de polimerização, cimenteira, termelétrica e indústrias de tecnologia da informação.

Proprioado com base no moderno conceito portuário industrial, o Superporto do Açu conta com uma Distrito Industrial em área contígua, além de uma retroeira para armazenamento dos produtos que serão movimentados.

Localizado a apenas 150 km da Baía de Campos, responsável por 85% da produção de petróleo e gás do Brasil, o Superporto vai atender as necessidades de logística e armazenamento das atividades de exportação e produção de óleo e gás nas Bacias de Campos, Santos e Espírito Santo e contará com uma Unidade para Tratamento de Petróleo (UTP) com capacidade para 1,2 milhão de barris por dia.

Na UTP serão realizadas os testes de sal de água contidos no petróleo, por meio de separação e decantação. O Superporto poderá, ainda, abastecer a demanda de gás natural de siderúrgica.

O Superporto contará com dois terminais: o TX1, um terminal offshore com uma ponte de acesso com três quilômetros de extensão, pier de rebocadores, pier de manuseio de ferro, canal de acesso e Bacia de evolução — todos já concluídos. Ele contará com três berços para movimentação de minério de ferro e profundidade mínima de 21 metros (com expansão para 26 metros). O TX2 poderá movimentar até 100 milhões de toneladas de minério de ferro por ano. O outro terminal, o TX3, será instalado no contorno de um canal para navegação, que contará com 6,3 km de extensão e 300 metros de largura. O TX2 terá mais de 15 quilômetros de canal, onde serão movimentadas produtos siderúrgicos, carvão, ferro gusa, escória e granito, além de grãos líquidos e sólidos.

O Superporto do Açu contará com 37 km de píeres e um 40 berços para atracação de navios e está preparado para receber navios de grande porte, como Capesize e Very Large Crude Carrier (VLCCs), que transportam até 520 mil toneladas de carga, e Chinamax que possuem capacidade para 400 mil toneladas.

Mesmo em fase operacional, o Superporto do Açu apresentou, neste trimestre, receita líquida proveniente da assinatura de contratos para locação de área no valor de R\$ 10,6 milhões, um crescimento de 40,9% em relação a 2010.

— A TLX encerrou o ano com R\$ 407,6 milhões em caixa. Já o ativo imobilizado da companhia cresceu R\$ 459 milhões, passando de R\$ 791,9 milhões em 2010 para R\$ 1,25 bilhão em 2011. Isso resultou do reflete a execução das obras de dragagem do canal e o avanço do TX2. Implantadas as linhas de Transmissão.

TOMODIARIA DO PROJETO PAUL SO

Figura 4. Matéria publicada na Folha da Manhã, no dia 08 de janeiro de 2013 – Caderno Especial dos 35 anos do jornal.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

4.2.1. O tema Porto do Açú em cada jornal pesquisado

Antes da apresentação dos resultados obtidos na pesquisa separada por jornal, em todo o período pesquisado, considera-se necessário fazer algumas observações sobre as características e políticas editoriais de cada veículo de comunicação.

O jornal diário Folha da Manhã, fundado em 08 de janeiro de 1978, circula em 25 municípios das regiões Norte, Noroeste e Lagos, de acordo com o seu expediente. O jornal O Diário, fundado em 08 de março de 2001, circula em 08 municípios das regiões Norte e Noroeste Fluminense, com uma tiragem diária de, cerca de, oito mil exemplares, conforme informações disponíveis no seu expediente. Os dois veículos possuem políticas editoriais bem distintas e parciais, principalmente no que diz respeito à política. Os jornais revezam-se entre oposição e situação em relação aos governos da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes e do Estado do Rio de Janeiro.

O jornal O Diário, desde sua fundação, defende os posicionamentos e ações do grupo político liderado por Anthony Garotinho, que fez oposição ao governo do Estado do Rio de Janeiro, governado por Sérgio Cabral, de 2007 a 2014, e por seu sucessor Luiz Fernando Pezão, a partir de 2015; e ao governo da prefeita Carla Machado, que rompeu com o grupo político de Garotinho, em 2009, e de seu sucessor, José Amaro de Souza, conhecido popularmente como Neco.

A Folha da Manhã, por sua vez, possui posições claramente contrárias ao grupo político de Anthony Garotinho e, conseqüentemente, mais favoráveis ao Governo do Estado do Rio de Janeiro e da Prefeitura de São João da Barra.

O jornal impresso Quotidiano, de circulação impressa mais restrita ao município de São João da Barra, foi fundado em janeiro de 2007, com uma proposta inicial voltada para o público jovem. O Quotidiano, que começou com publicações ora bimestrais, ora mensais, realiza, atualmente, uma média de duas publicações mensais, com uma tiragem de três mil exemplares por publicação. Em seu portal na

internet, o jornal define como sua missão⁷ a “informação com qualidade e seriedade. Notícias de São João da Barra, Porto do Açu, Verão e tudo que acontece na região”. O jornal é fonte de divulgação de notícias e também de publicidade da Prefeitura Municipal de São João da Barra.

A análise de conteúdo das notícias do jornal Folha da Manhã, que foi responsável pela publicação de mais da metade das notícias sobre o Porto do Açu durante todo o período pesquisado, revela, conforme o Gráfico 6, que o tema com maior inserção no jornal foi o Desenvolvimento, crescimento econômico e investimentos, com 31,8% de frequência, seguido pelo tema relacionado à crise do Grupo X/Mudança de comando, que aparece em 19,2% das notícias. Os temas Impactos ambientais e socioeconômicos e Demissões e protestos de trabalhadores, aparecem bem próximos, na terceira e quarta posição, respectivamente, com 10,7% e 10,4%, seguidos pelas notícias que falam sobre a construção do Porto do Açu, com 9,7%. Na sexta posição estão as notícias que abordam a entrada em operação e mudança de perfil do porto, com 7,9%, seguidas pelas notícias sobre o tema Geração de emprego e renda, que aparece em 5,7% das matérias. As notícias que abordam os temas Concessão de licenças e audiências públicas, Visita de políticos ao empreendimento, Qualificação profissional, Projetos para a comunidade e Eventos não tiveram muito espaço no jornal, aparecendo em menos de 5% das matérias sobre o empreendimento.

No jornal O Diário, que publicou 33,3% das notícias sobre o Porto do Açu, o tema Crise do Grupo X/Mudança de comando aparece com maior frequência, em 20,5% das notícias, seguido de perto pelo tema Desenvolvimento, crescimento econômico e investimentos, abordado em 19,0% das notícias publicadas, porcentagem bem inferior a do jornal Folha da Manhã para o mesmo tema. Os temas Impactos ambientais e socioeconômicos e Demissões e protestos de trabalhadores também aparecem na terceira e quarta posição de frequência de publicação no jornal O Diário, mas com porcentagens maiores que na Folha da Manhã, com 17,6% e 12,2% do total, respectivamente. O tema Geração de emprego e renda aparece com uma frequência um pouco maior no jornal O Diário, em 6,8% das notícias, seguido pelos temas Operação/Mudança de comando e Construção do

⁷ Disponível em: <<http://www.quotidiano.com.br/quem-somos>>. Acesso em: 21 maio 2016.

porto, com 5,9% e 5,4%. Os temas Concessão de licenças e audiências públicas, Qualificação profissional, Visita de políticos ao empreendimento, Projetos para a comunidade e Eventos também não tiveram muito espaço no jornal, aparecendo em menos de 5% das matérias sobre o Complexo Portuário.

O Quotidiano foi o que abordou com maior frequência o tema Desenvolvimento, crescimento econômico e investimentos, presente em 40% das matérias pesquisadas no jornal. Ao contrário da Folha da Manhã e de O Diário, os temas Geração de emprego e renda e Qualificação profissional aparecem na segunda e terceira posições, em 19,4% e 12,9% das notícias, respectivamente, número bem superior aos jornais de Campos dos Goytacazes. As notícias sobre a crise do Grupo X e mudança de comando do empreendimento representaram 7,5% do total, porcentagem inferior aos outros dois jornais pesquisados, seguidas pelas notícias sobre a entrada em operação e mudança de perfil do porto, com 6,5%, e pelas notícias sobre projetos do Grupo EBX voltados para a comunidade, com 5,4%. Os demais temas apresentaram percentual abaixo dos 5%. Chama atenção, no gráfico, o percentual extremamente baixo de abordagem do tema Impactos ambientais e socioeconômicos, que aparece em apenas 3,2% das notícias do jornal, ao contrário da Folha e O Diário, em que o tema foi abordado em 10,7% e 17,5% das notícias publicadas. Os dados também revelam que o jornal ignorou as demissões e os protestos de trabalhadores do porto, tema abordado em mais de 10% das notícias dos jornais de Campos dos Goytacazes. O Quotidiano dedicou 73,3% de suas matérias aos temas que falavam sobre os benefícios gerados pelo Porto do Açú, como os investimentos, oportunidades de qualificação profissional e geração de emprego e renda.

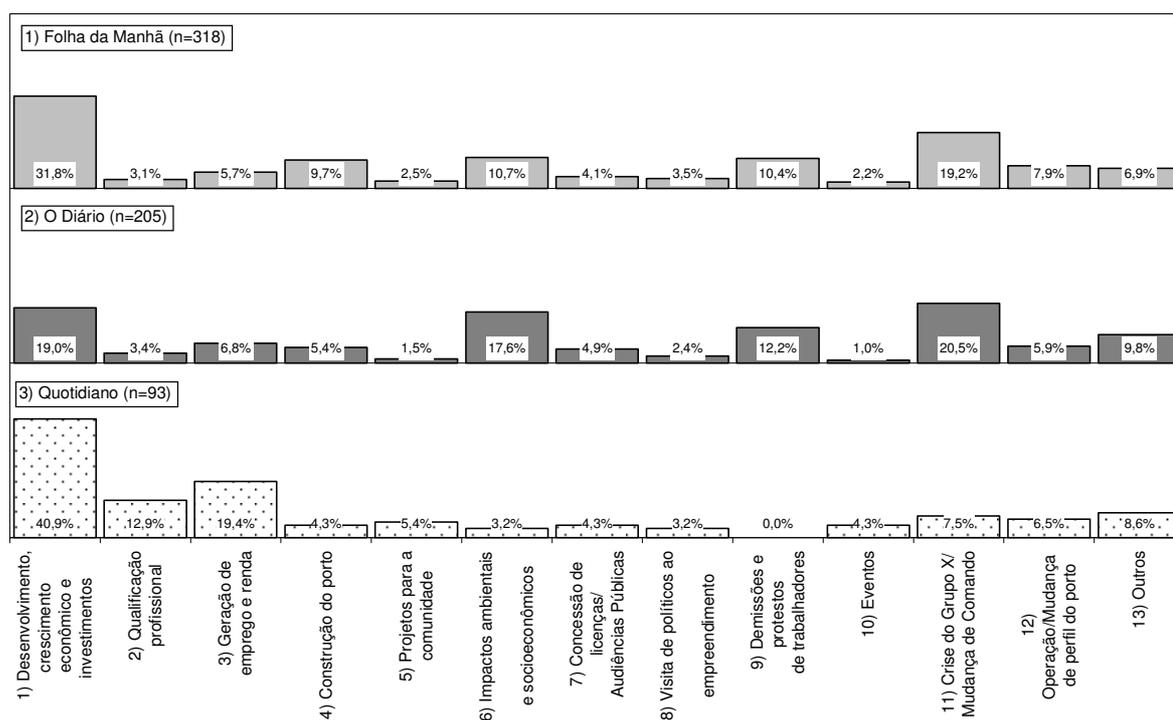


Gráfico 6. Frequência de abordagem dos temas por jornal durante todo o período pesquisado.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Em relação às fontes jornalísticas, as empresas foram as que tiveram maior espaço nos três jornais, com voz em 59,1% das notícias do jornal Quotidiano, 58,2% na Folha da Manhã e 54,1% no jornal O Diário.

Os jornalistas e colunistas foram a segunda fonte mais utilizada nos jornais de Campos, com 23,4% de frequência no jornal O Diário e 27,0% na Folha da Manhã. Esta fonte aparece na segunda colocação em virtude dos espaços destinados a artigos, charges e colunas e a utilização de informações publicadas em outros jornais como fonte para as matérias locais. No Quotidiano, os jornalistas/colunistas aparecem como fonte em 10,8% das notícias.

O Quotidiano foi o jornal que deu maior espaço aos políticos, que apareceram como fonte em 46,2% das matérias, número muito superior à Folha da Manhã, com 23,9% e ao jornal O Diário, onde os políticos tiveram espaço em 17,1% das notícias. Os representantes de órgãos públicos e a fonte institucional, como as universidades e sindicatos, por exemplo, apareceram em 10,1% e 12,3% das notícias da Folha da Manhã e em 17,6% e 12,7% das notícias do jornal O Diário, respectivamente, muito em virtude das matérias que abordavam o tema impactos ambientais e

socioeconômicos causados pelo porto, que também apareceu em maior número neste último jornal. No Quotidiano, os representantes de órgãos públicos e a fonte institucional apareceram em 7,5% e 5,4% das notícias. Nos três veículos de comunicação, os especialistas e a população foram os que apareceram com menor frequência nas notícias, com 4,1% e 5,7% na Folha, 6,8% e 6,3% no jornal O Diário, e apenas 2,2% e 1,1% no Quotidiano, números que não surpreendem, visto que as matérias sobre os impactos ambientais e socioeconômicos do porto, que afetaram parte da população, praticamente não foram abordadas pelo jornal de São João da Barra.

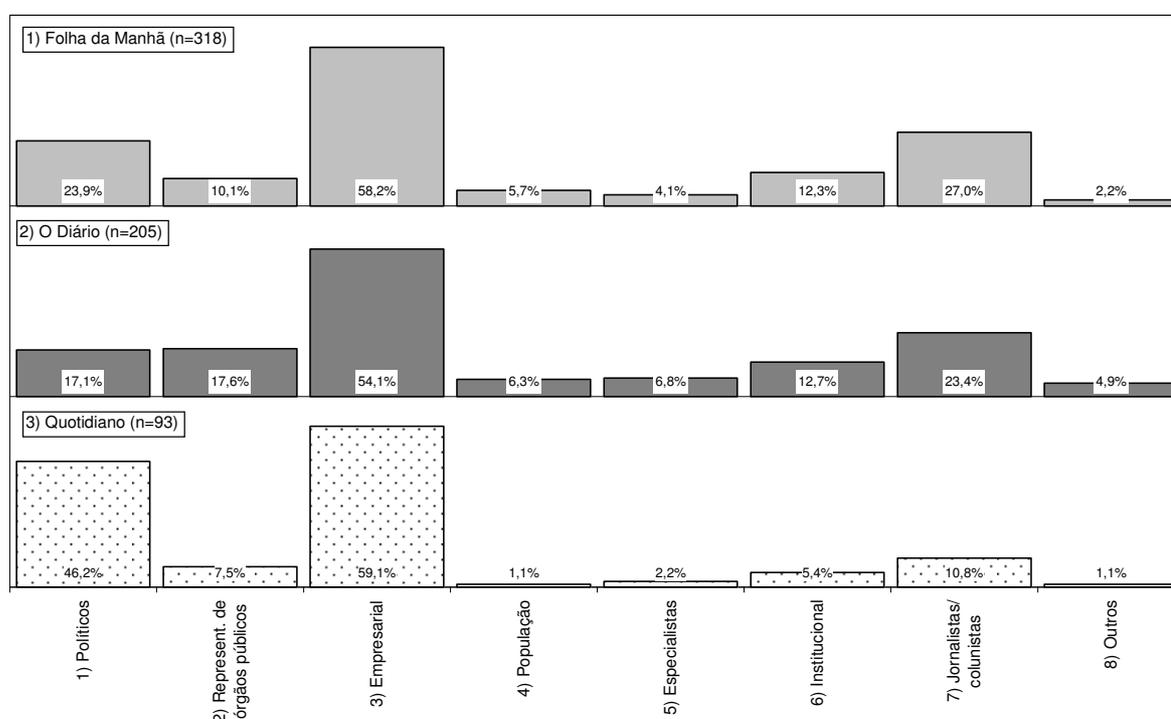


Gráfico 7: Frequência de utilização das fontes por jornal durante todo o período pesquisado.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Em relação aos formatos das mensagens jornalísticas, as notícias publicadas nos três veículos foram em sua maior parte, do gênero informativo, presente em 75,5% das notícias na Folha da Manhã, 81,1% das matérias do jornal O Diário e em 89,2% das notícias do Quotidiano, como pode ser observado no gráfico 8. O gênero opinativo foi utilizado com maior frequência na Folha, com 23,6%, seguido pelo jornal O Diário, com 18,5%, e Quotidiano, com 9,7%. O gênero interpretativo, como

vimos na parte inicial deste capítulo, praticamente não foi utilizado, com 0,5% de frequência na Folha da Manhã e em O Diário e 1,1% no jornal Quotidiano.

Em relação à valência, 63,2% das notícias publicadas no jornal Folha da Manhã tiveram enfoque positivo, contra 32,4% de notícias com enfoque negativo e 4,1% com enfoque equilibrado, ainda no Gráfico 8. O jornal O Diário foi o único em que o enfoque negativo nas matérias, com 50,2%, superou o enfoque positivo, com 44,9%. As matérias equilibradas representaram 4,9% do total do jornal. As notícias publicadas no jornal Quotidiano tiveram enfoque essencialmente positivo, em 89,2% das matérias. As notícias que abordavam o porto de forma negativa representaram apenas 7,5% do total, enquanto as equilibradas ficaram em torno de 3,2%. O percentual de notícias negativas neste jornal deve-se, principalmente, ao período de crise do Grupo EBX e de incertezas com relação ao porto.

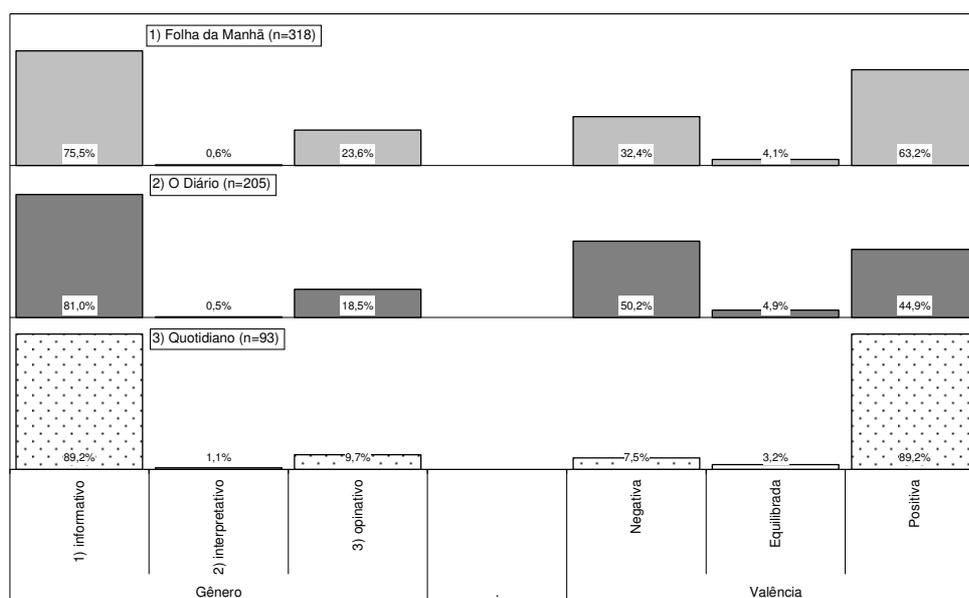


Gráfico 8. Percentual dos gêneros jornalísticos e valência das notícias por jornal.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Os dados separados por jornal mostram que o jornal O Diário adotou uma posição mais crítica em relação aos demais, inserindo em sua agenda um maior número de notícias sobre os temas relacionados à crise do Grupo EBX, aos impactos ambientais e socioeconômicos e as demissões e protestos de trabalhadores; dando um espaço menor que os outros jornais ao tema

Desenvolvimento, crescimento econômico e investimentos, além de ter dado um enfoque negativo a maior parte de suas notícias. A posição adotada pelo jornal pode ser relacionada ao fato do mesmo fazer oposição ao Governo do Estado do Rio de Janeiro e também ao município de São João da Barra, pois no período de crise do grupo, o jornal publicou muitas notícias sobre o impacto ambiental, as desapropriações e ações judiciais que envolviam o empresário Eike Batista e o Governo do Estado, na pessoa do governador Sérgio Cabral, cujos nomes eram destacados nos títulos de suas matérias.

O jornal Quotidiano, pelo contrário, adotou uma posição claramente favorável aos interesses econômicos e políticos, com uma abordagem essencialmente positiva sobre o Porto do Açu, destacando, em mais de 70,0% de suas matérias, os benefícios gerados pelo Complexo Portuário, e reservando um espaço bem menor que os demais para as notícias relacionadas à crise do Grupo EBX, além de praticamente ignorar os impactos negativos gerados pelo empreendimento.

4.2.2: Comparativo entre os três períodos analisados

Nesta última etapa de análise dos resultados obtidos na pesquisa será feito um comparativo da abordagem do Porto do Açu na mídia impressa nos três períodos previamente estabelecidos. O período 1 corresponde ao mês de dezembro de 2006 e julho de 2007 a junho de 2009, que compreende o anúncio e a fase inicial de construção do porto; o período 2 refere-se ao ano de 2013, de agravamento da crise do Grupo EBX, com a passagem de comando do empreendimento para a Prumo Logística; e o período 3, que vai de janeiro de 2014 a junho de 2015, corresponde à mudança de comando do Porto do Açu e sua entrada em operação, retomando a sua característica inicial, voltada para o processamento e escoamento do minério de ferro e o apoio logístico *offshore* às plataformas da Bacia de Campos.

De acordo com os resultados obtidos, o período em que o tema Porto do Açu ocupou com mais frequência a agenda da mídia foi o período 2, com 261 notícias, que equivalem a 42,4% do total. O segundo período com maior frequência de aparecimento do empreendimento nos jornais pesquisados foi o período 3, com 183 notícias, que correspondem a 29,7% do total, bem próximo do período 1, em que

foram publicadas 172 notícias sobre o Porto, com 27,9% do total, conforme revela o Gráfico 9.

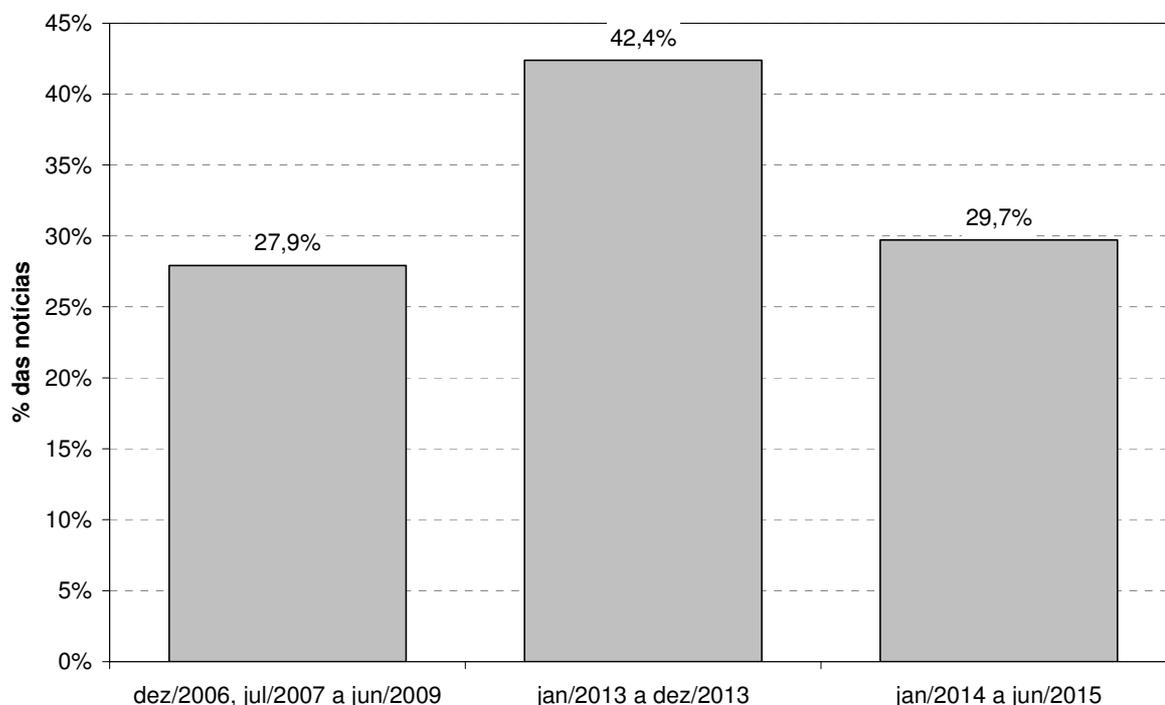


Gráfico 9. Porcentagem das notícias nos três períodos analisados.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Na análise separada por jornal nos três períodos, os resultados mostram que o tema Porto do Açú também foi abordado com maior frequência nos jornais de Campos dos Goytacazes no período de crise, com 45,3% das matérias no jornal O Diário e 45,9% na Folha da manhã, seguido pelo período 3, com 30,7% das notícias publicadas na Folha e 28,6% em O Diário. O jornal Quotidiano, por sua vez, diferiu dos demais veículos de comunicação, dando maior espaço ao Porto do Açú durante o anúncio e início do empreendimento no município de São João da Barra, com a publicação de 44,1% de suas notícias no período 1. O período 2, de crise nas empresas do empresário Eike Batista e de incerteza com relação aos rumos do empreendimento, com desistências de instalação de empresas, foi o que teve menor frequência de publicação de notícias sobre o porto no referido jornal, com 24,7%. No período 3 o Quotidiano publicou 31,2% do total de notícias sobre o porto.

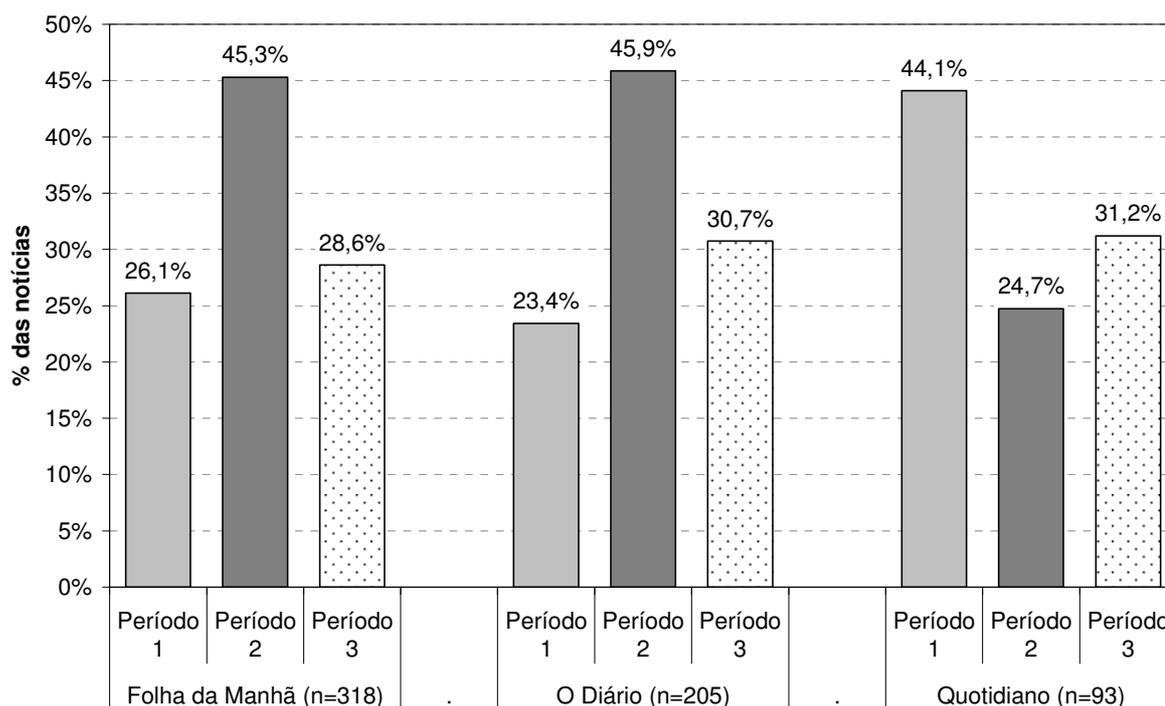


Gráfico 10: Frequência de publicação de notícias, por jornal, nos três períodos analisados.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

A análise dos temas das notícias publicadas na mídia impressa revelou, conforme o Gráfico 11 a predominância do tema Desenvolvimento, crescimento econômico e investimentos, no período 1, abordado em 50% das notícias publicadas nos três jornais. As notícias sobre geração de emprego e renda vêm em segundo lugar, com espaço em 15,1% das notícias publicadas no período, seguidas pelas notícias com abordagem dos temas Construção do Porto, presente em 14,5% das matérias, e Qualificação profissional, presente em 10,5% das notícias. Os eventos de apresentação do empreendimento e a visita de políticos ao porto foram abordados em 7,0% das notícias. Neste primeiro período, os impactos socioeconômicos e ambientais gerados pelo grande projeto de investimento fizeram parte da agenda da mídia em apenas 5,2% das notícias. Os temas relacionados aos projetos para a comunidade, concessão de licenças e audiências públicas, demissões e protestos de trabalhadores foram abordados em menos de 5,0% das notícias.

No segundo período analisado, as notícias sobre a queda das ações do Grupo EBX, paralisação de obras no porto, desistência de empresas que haviam

decidido se instalar no empreendimento, e a passagem de comando do Porto do Açu para a Prumo Logística, entre outros temas relacionados à Crise do Grupo X/Mudança de comando, foram as que ocuparam com maior frequência a agenda da mídia, aparecendo em 39,9% das matérias, seguidas pelas notícias sobre os impactos socioeconômicos e ambientais, em segundo lugar, com 17,6%. As matérias sobre demissões e protestos de trabalhadores e desenvolvimento, crescimento econômico e investimentos, aparecem empatadas, em terceiro lugar, em 14,6% do total de notícias. O tema construção do porto foi abordado em 6,5% das notícias, seguido pelo tema Concessão de licenças e audiências públicas, presente em 4,6% do total. No período de crise, foi registrada uma queda considerável na abordagem dos temas Geração de emprego e renda e Qualificação profissional, presente em apenas 2,3% das notícias publicadas.

Durante o período 3, de entrada em operação do porto, já sob o comando da Prumo Logística, o tema Desenvolvimento, crescimento econômico e investimentos, voltou a ser o de maior abordagem na mídia, com percentual de frequência de 29,5% do total das matérias publicadas no período. Em segundo lugar, aparece o tema Operação/Mudança de perfil do porto, presente em 23,0% das notícias. Os temas Geração de emprego e renda e Impactos ambientais e socioeconômicos foram abordados em 9,8% das notícias, seguido pelo tema Demissões e protestos de trabalhadores, presente em 9,3% das notícias publicadas no terceiro período. As matérias sobre a crise do Grupo X e a mudança de comando do porto ainda são repercutidas pela mídia no período, com 6,0% de frequência nas notícias. Os demais temas apareceram em menos de 4% das notícias ou não foram abordados.

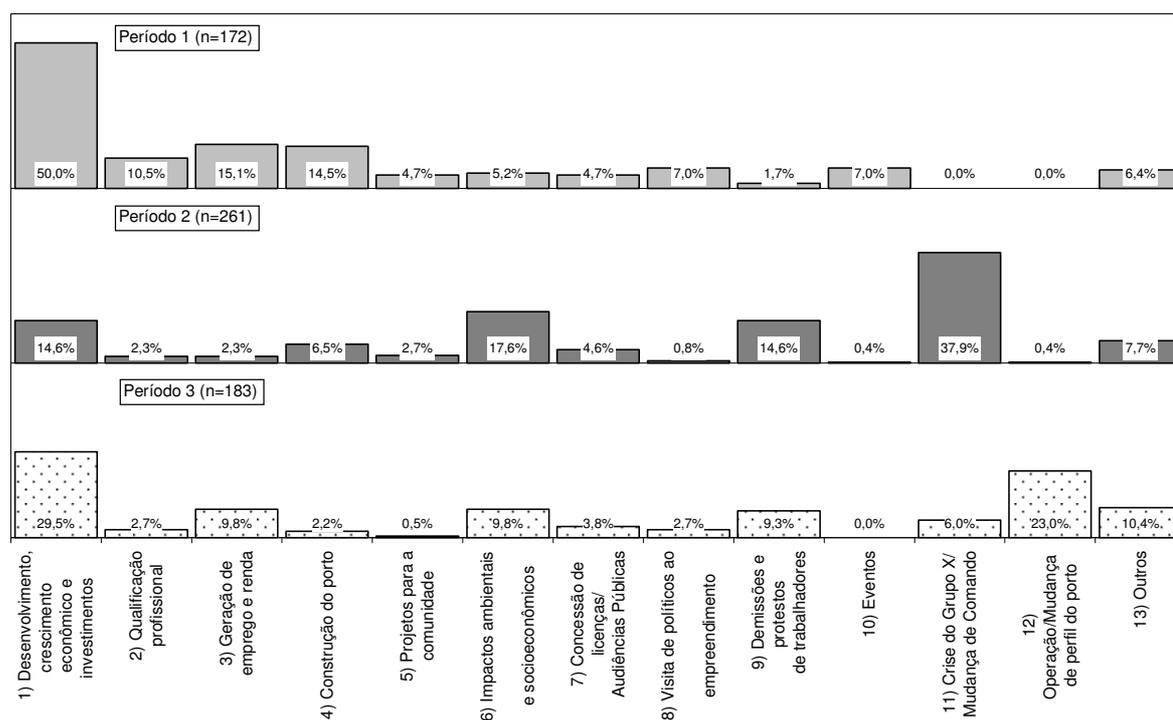


Gráfico 11. Frequência de abordagem dos temas relacionados ao porto nos três períodos analisados.

Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Em relação às fontes utilizadas pelos jornalistas nas matérias sobre o Porto do Açu, a pesquisa mostrou predomínio da fonte empresarial e dos políticos nas notícias publicadas no período 1, com espaço em 54,1% e 50,6% das notícias, respectivamente. Os jornalistas/colunistas aparecem em terceiro lugar, com 19,8%, seguido pela fonte institucional, presente em 6,4% das matérias. A população e os especialistas foram ouvidos em apenas 4,1% e 2,9% das notícias, nesta ordem. Os representantes de órgãos públicos não tiveram falas publicadas em nenhuma notícia no período.

No período de crise do Porto do Açu, no ano de 2013, a fonte mais utilizada pelos jornalistas em suas notícias continuou sendo a empresarial, com 57,1%, seguida pelos jornalistas/colunistas, com 29,9%. Os representantes de órgãos públicos, como o Ministério Público, por exemplo, que não tiveram voz nas notícias do período inicial do porto, foram utilizados como fonte em 19,9% das notícias, principalmente em virtude das matérias sobre os impactos ambientais e socioeconômicos, que também foram abordadas com maior frequência neste

período. Os pontos de vista da fonte institucional, que inclui universidades e sindicatos, entre outros, também foi mais solicitado neste período, aparecendo em 16,5% das notícias. Os políticos, que apareceram em mais da metade das notícias no período anterior, foram utilizados como fonte em apenas 10,7% das notícias publicadas no período 2. Os especialistas foram ouvidos em 6,5% das matérias e a população, em apenas 3,8%.

Nas matérias do período 3, mais uma vez, verifica-se um forte predomínio da fonte empresarial, presente em 59,6% das notícias, como revela o gráfico 12. Os políticos, que não foram tão requisitados ou preferiram não se pronunciar sobre os temas das matérias do período de crise no empreendimento, voltaram a aparecer na segunda posição, com voz em 21,3% das notícias publicadas, seguidos pelos jornalistas/colunistas, com 17,5% e pelos representantes de órgãos públicos, com citação em 12,6% das notícias. A fonte institucional é utilizada em 8,7% do total de notícias publicadas no período. O ponto de vista da população aparece com maior frequência que nos períodos anteriores, mas ainda com um índice muito baixo, de 8,2%. Os especialistas foram citados em apenas 3,8% das notícias.

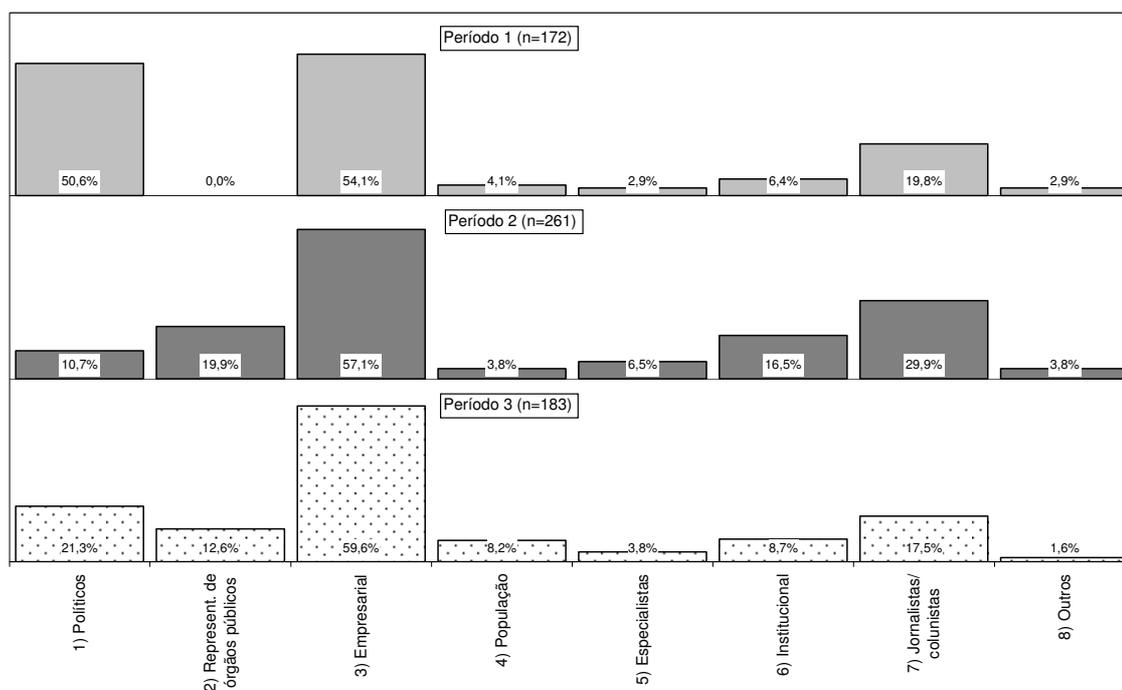


Gráfico 12. Percentual das fontes utilizadas nas notícias, nos três períodos analisados.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Nos três períodos analisados, como mostra a Figura 17, as mensagens jornalísticas são, predominantemente, do gênero informativo, com 76,7% no período 1, 76,6% no período 2 e 85,8% no último período. O gênero opinativo foi utilizado em 22,7% das matérias do período 1 e 22,6% no período 2. A utilização deste gênero, que indica a opinião pessoal dos autores sobre determinado acontecimento, cai para 13,1% no período 3. O gênero interpretativo, como já vimos, praticamente não foi utilizado nas matérias sobre o Porto do Açu.

Em relação à análise de valência das notícias, ainda no Gráfico 13, podemos verificar que o período 1 foi o que teve maior percentual de matérias positivas sobre o Porto do Açu, com 88,4%. Neste período, 6,4% das notícias foram classificadas como equilibradas, e apenas 5,2% das notícias abordaram o empreendimento de maneira negativa. No período 2, as notícias com enfoque negativo somaram 59,0% do total, superando as positivas, que apareceram em 37,9% das publicações. As notícias de abordagem equilibrada representaram apenas 2,7% do total publicado. O período 3 volta a ser predominado pelas matérias que falam sobre o porto de maneira positiva, com 68,3%. As matérias de enfoque negativo representam 27,3% das publicadas neste período, em que a derrocada das empresas do Grupo EBX ainda repercute na imprensa. As matérias equilibradas equivalem a apenas 4,4%.

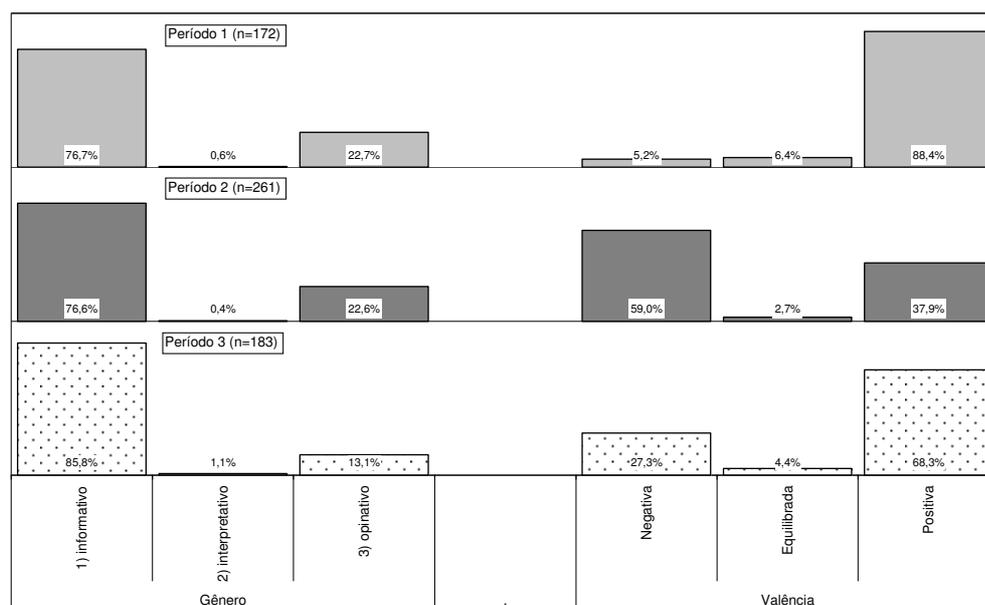


Gráfico 13. Percentual de utilização dos gêneros jornalísticos e valência das notícias.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Considera-se importante destacar, ainda, a análise de valência, por jornal, nos três períodos pesquisados, que corrobora com os resultados gerais por período, com o predomínio da abordagem positiva no período 1 em todos os jornais, com percentual de 83,1% na Folha da Manhã, 87,5% em O Diário e o surpreendente percentual de 100% de notícias positivas sobre o Porto do Açu, no jornal Quotidiano, de São João da Barra, que não publicou nenhuma matéria que mostrasse um lado ou opinião negativa sobre o empreendimento, conforme ilustra o Gráfico 14.

No período de crise do Porto, o jornal Folha da Manhã apresentou números mais próximos entre as matérias negativas e positivas, com 52,1% de matérias com enfoque negativo, e 45,1% de notícias com enfoque positivo. Já no jornal O Diário, as notícias sobre o porto tiveram abordagem negativa em 80,9%, contra 16,0% de notícias positivas. O Quotidiano volta a chamar atenção pelo alto número de notícias que abordavam o porto de maneira positiva, 82,6%, contra 13,0% de abordagem negativa, em um período em que o empreendimento passava por momentos de crise e incerteza.

No terceiro período analisado, de entrada em operação do porto, a abordagem positiva volta a predominar em todos os jornais, em 73,6% das notícias da Folha da Manhã, 55,6% no jornal O Diário, e 79,3% no Quotidiano. As matérias de enfoque negativo representam 24,2% das publicadas na Folha, 38,1% do jornal O Diário, e 13,8% no Quotidiano. O número de matérias com enfoque negativo ainda é considerável, em virtude das matérias sobre a Crise do Grupo X, que ainda repercutem.

As notícias com enfoque equilibrado ficaram abaixo dos 10% em todos os jornais, nos três períodos analisados, tendo registrado maior frequência, de 9,6%, no jornal Folha da manhã, no período 1, ainda de acordo com o Gráfico 14.

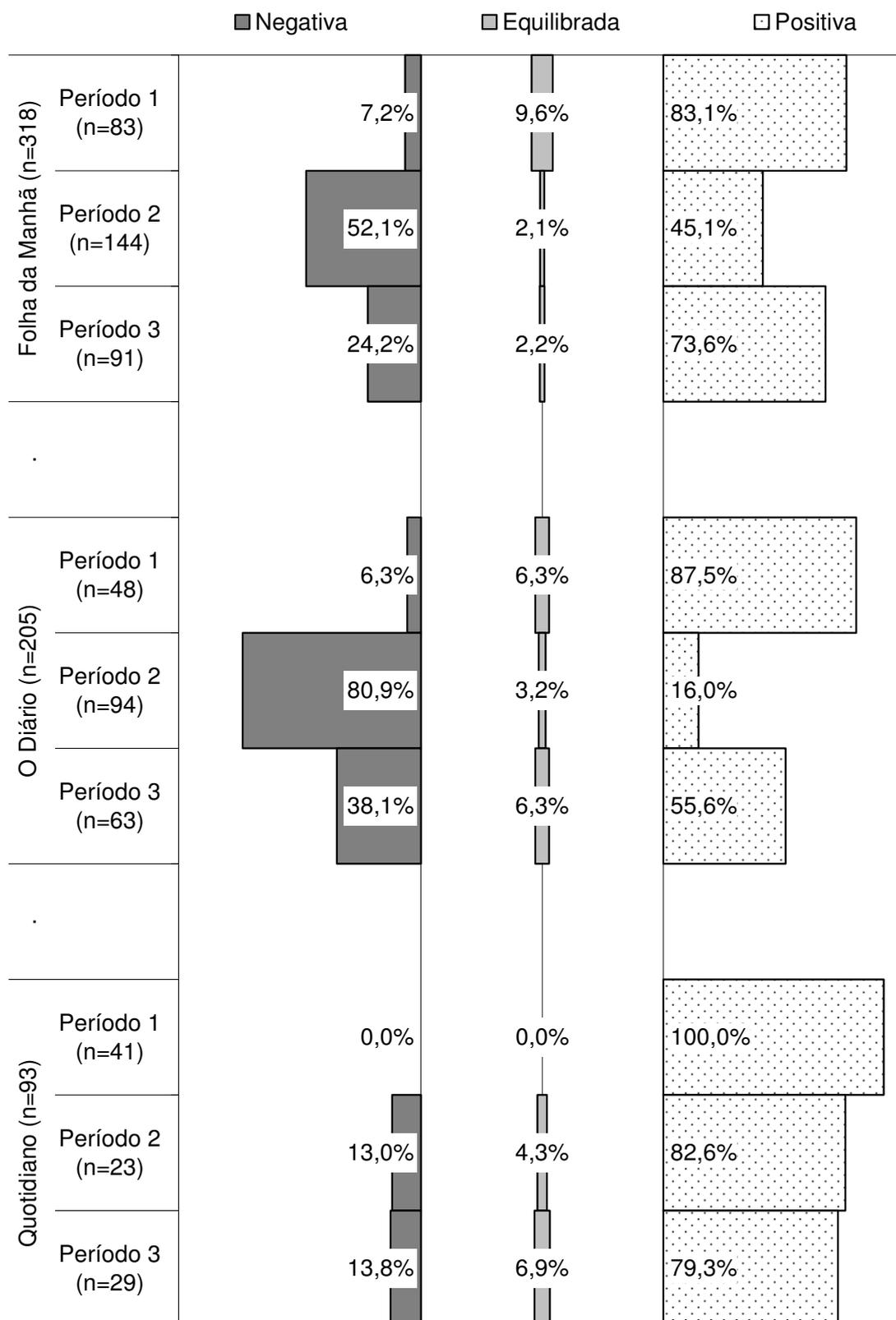


Gráfico 14. Percentual de valência das notícias, por veículo, nos três períodos analisados.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

A partir da análise comparativa das notícias publicadas na mídia impressa regional, nos três períodos pré-estabelecidos, destacaremos, a seguir, algumas notícias dos jornais Folha da Manhã, O Diário e Quotidiano, que ilustram o enquadramento dado ao Porto do Açu nos veículos de comunicação e enfoque em cada período pesquisado.

A análise do período 1 revelou a tendência de todos os jornais em destacar em sua agenda os aspectos positivos do empreendimento, relacionando-o ao desenvolvimento, crescimento econômico, citando os seus investimentos, com predomínio dos políticos como fonte, além dos empresários.

Na nota, mensagem do gênero opinativo, publicada na Coluna Ponto Final, do jornal Folha da Manhã (Figura 5), o colunista fala sobre a aceleração das obras no Porto do Açu, destacando a “chuva de empregos” que virá, junto com o empreendimento.



Figura 5: Nota publicada na Folha da Manhã, no dia 12 de março de 2008.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Também no jornal Folha da Manhã, notícia do gênero informativo, de enfoque positivo, publicada em 2007, como mostra a Figura 6, relaciona o Porto do Açú ao progresso, afirmando, em seu título, que o empreendimento irá mudar a história da economia de todo o Norte Fluminense. A notícia, com utilização da fonte empresarial, é ilustrada pela foto da então prefeita de São João da Barra, Carla Machado, e do diretor da MMX, na época, Rodolfo Landim.

PROGRESSO

Porto do Açú vai mudar a história da economia de todo Norte Fluminense

O ano de 2007 marca o início das obras de implantação de um empreendimento de mineração e transporte de minério de ferro muito importante para a economia de todo o país: o Projeto Minas-Rio. Contando com o apoio dos dois Estados, a responsabilidade pela execução do trabalho é da MMX-Mineração e Metálicos S.A., empresa pertencente a um grupo com larga experiência nessa área e preocupação constante com a responsabilidade socioambiental.

A mineração é uma das principais atividades econômicas do Brasil, representando cerca de 10% do PIB – Produto Interno Bruto. Em relação ao PIB Industrial, é o setor com o melhor desempenho. A indústria extrativa mineral gera produtos de grande valor para a exportação, correspondendo a aproximadamente 20% do superávit brasileiro, sendo assim essencial para a manutenção do saldo positivo em nossa balança comercial. Dentre os produtos exportados, o minério de ferro ocupa lugar de destaque, pois o Brasil é segundo país do mundo em re-

servas desse tipo de mineral. Em muitos casos, o minério é extraído em locais distantes do litoral, onde estão os portos usados para exportá-lo para outros países. O mineroduto – um sistema de tubos que fica enterrado, em praticamente toda a sua extensão, no solo – serve justamente para transportar o minério de um ponto para outro, por um caminho mais curto, preservando a paisagem e a tranquilidade da população. É uma forma de transporte eficaz, segura e rápida, que torna a indústria mineradora mais eficiente e competitiva. Por isso, a MMX irá instalar um mineroduto para o transporte anual de 24,5 milhões de toneladas métricas de minério de ferro, com início na Serra do Sapo, em Minas Gerais e fim em Barra do Açú, no município de São João da Barra, litoral norte do Estado do Rio de Janeiro. Será um empreendimento importante que vai gerar renda através do aumento da oferta de empregos e da arrecadação de impostos, além de outros benefícios indiretos.



O grande projeto

O SINDICATO DA INDÚSTRIA DA CONSTRUÇÃO CIVIL DE CAMPOS/ RJ, está sempre presente apoiando o desenvolvimento de Campos e da Região Norte Fluminense.

*Carlos Alberto Domingues Alves.
presidente*

SINDUSCON



Sindicato da Indústria da Construção Civil de Campos/RJ
www.sinduscon-nf.org.br

Para agitar toda a economia

O ponto final deste projeto será o porto a ser construído em Barra de Açú, em São João da Barra. O presidente da MMX, Rodolfo Landim ao lado da prefeita de SJB, Carla Machado (foto) garantiu que boa parte do material para a construção deste porto será comprado na região, assim como também usará mão-de-obra local. O projeto deve mudar o perfil da economia de toda a região, pois prevê a construção de uma termoeletrica, entre outros investimentos. O porto também poderá ser usado para a exportação de álcool. É o mais ambicioso projeto em andamento no interior do Estado do Rio de Janeiro, sendo considerado irreversível pelo empresário Eike Batista.

Figura 6. Notícia publicada no Jornal Folha da Manhã, no dia 26 de outubro de 2007. Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Matéria do gênero informativo, com chamada de capa no jornal O Diário, conforme Figura 7, publicada em junho de 2008, com utilização de políticos e empresários como fonte, destaca o empresário Eike Batista como “Barão do Aço” e anuncia investimentos provenientes de 30 empresas, que assinaram protocolo de intenções para se instalarem na retroárea do Porto.



Figura 7: Chamada de capa do jornal O Diário, publicada no dia 26 de junho de 2008. Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

A Figura 8 traz a notícia, de gênero informativo e de valência positiva, publicada no jornal Quotidiano, na seção que leva o título “Desenvolvimento”, que anuncia novo investimento para o município, com a instalação de siderúrgica chinesa no Complexo Logístico do Açu, com possibilidade de geração de cerca de 20 mil empregos, e utiliza a fonte empresarial e política. O investimento, anunciado durante reunião de comitiva brasileira com a presidência do grupo chinês Wisco, na China, acabou não se concretizando, como visto no capítulo 2.

DESENVOLVIMENTO

2ª QUINZENA DE JUNHO DE 2009

QUOTIDIANO A-7

INÉDITO - O investimento da siderúrgica em São João da Barra é algo inédito para a região. Ninguém nunca chegou tão longe. São 4 bilhões de dólares implantados no município.

Wisco vai montar siderúrgica no Complexo Logístico do Açu

A melhor notícia vinda da China, durante a viagem da comitiva brasileira, foi da instalação de uma siderúrgica no Complexo Logístico e Portuário do Açu. A prefeita de São João da Barra, Carla Machado, esteve em Wuhan, junto ao governador Sérgio Cabral, ao empresário Eike Batista e à comitiva para uma reunião com a presidência do grupo chinês Wuhan Iron & Steel Co (Wisco), um dos gigantes da siderurgia no mundo, e que já tinha protocolo de intenção assinado com o grupo EBX.

Segundo estimativa, o negócio de 4 bilhões de dólares deve gerar cerca de 20 mil empregos com a construção do empreendimento. A comitiva teve acesso à planta siderúrgica que mostra a grandiosidade do projeto.

“Estamos investindo maciçamente em qualificação profissional para dar oportunidade de o nosso povo estar inserido nesse processo de desenvolvimento”, frisa a prefeita.

A meta da Wisco é alcançar, até 2010, a produção em

escala de mais de 30 milhões de toneladas por ano, com faturamento superior a 14 bilhões de dólares. O grupo tem 84 mil funcionários e fabrica uma variedade de produtos em aço. O presidente da empresa, Deng Qilin, deverá vir ao Rio ainda este ano.

A confirmação da instalação da Wisco no Açu deve fortalecer os laços estratégicos com outras empresas, entre elas, a JAC Motors – montadora de automóveis de alta tecnologia, que também já tem assinado com o grupo EBX memorando de intenção para se instalar no Complexo.

O deputado federal, Edmilson Valentim, presidente da Comissão de Desenvolvimento Econômico, Indústria e Comércio, que também foi à viagem, disse que foi muito gratificante ver o governador e a prefeita levando recursos chineses para o Brasil. “A China é o lugar onde o crescimento não para, não é pequeno, nem temporário. O Super Porto do Açu vai ter grande papel na economia brasileira.



AMBIENTAL

A secretária de estado do Ambiente, Marilene Ramos, disse que sempre haverá rigor nas concessões de licença ambiental de acordo com os padrões europeus, mas nada que trave o processo. “No Porto do Açu, todo o estudo de avaliação ambiental estratégico já está previsto”, acrescenta.

siderúrgica chinesa

investimento	US\$ 4 bilhões
empregos	20 mil
produção:	30 milhões t/a
faturamento:	US\$ 14 bilhões
funcionários Wisco:	84 mil
posição estratégica:	Terceira maior da China



REUNIÕES

Eike continua sua peregrinação buscando novos investimentos

Mesmo com toda a empolgação devido ao acerto com o grupo chinês Wuhan Iron & Steel Co. (Wisco), o empresário Eike Batista continuou sua viagem enquanto a comitiva brasileira voltava para casa.

Segundo informações, o empresário tinha agendada cerca de 177 reuniões com empresários internacionais buscando novos investimentos para o Complexo Logístico e Portuário do Açu, empreendimento que desenvolve em São João da Barra e deve receber aproximadamente US\$ 36 bilhões de acordo com os mais de 60 memorandos de intenção assinados com grandes empresas.

As obras do Porto, caso o cronograma seja seguido como o previsto, se encerram no final de 2011 e a data do primeiro embarque de minério de ferro vindo de Minas Gerais seria no histórico dia 12 de janeiro de 2012.

Outro grande ponto que é levado em conta no momento da negociação, diz respeito à energia. O grupo EBX, através de sua subsidiária MPX, vai construir termelétrica no Complexo. Segundo a empresa, “dentro dos padrões europeus de legislação ambiental”.

Figura 8. Notícia publicada no jornal Quotidiano, na 2ª edição do mês de junho de 2009. Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

No período 2, a mídia, com exceção do jornal Quotidiano, não poupou o empresário Eike Batista e o empreendimento, dando um enfoque negativo a maior parte de suas matérias, principalmente, no jornal O Diário, que adotou uma posição

ainda mais crítica. Neste período, as notícias sobre a crise do Grupo X, impactos socioeconômicos e ambientais e as demissões e protestos de trabalhadores são as que ocupam com maior frequência a agenda da mídia. Não por coincidência, os políticos, que exaltavam o empreendimento no período anterior, têm sua participação reduzida a 10,7% das notícias publicadas.

Matéria publicada na Folha da Manhã (Figura 9), em 2013, do gênero informativo, com enfoque negativo, fala sobre a constatação da salinização da água na região do Açú e anuncia punição para a empresa EBX. A matéria, que se enquadra no tema Impactos socioeconômicos e ambientais, utiliza as fontes empresarial, representantes de órgãos públicos, população e especialista.

ESTUDO > ÁREA DO SUPERPORTO DO AÇÚ

Salinização constatada no Açú

Secretário de Estado de Ambiente, Carlos Minc afirmou que Grupo EBX será punido pelo problema no 5º Distrito de SJB

JANE RIBEIRO
jrbeiro@fmanha.com.br

O grupo EBX será punido com medidas corretivas pela secretaria de Estado do Ambiente por conta do aumento da salinização da água na região do 5º Distrito, em São João da Barra, onde é construído o Superporto do Açú, segundo informou ontem o secretário Carlos Minc. No final de 2012, produtores rurais fecharam a RJ 040, que dá acesso ao complexo portuário, para protestar contra o que chamam de "desertificação". A situação foi denunciada pelo blog Esdras, hospedado na Folha Online.

Um estudo feito pela Uenf apontou que a construção do porto provocou um aumento do teor de sal na água da região, incluindo lençóis freáticos e lagoas, sendo causado pela dragagem de areia do fundo do mar. Minc informou que os detalhes da punição serão apresentados na próxima semana pela secretaria e pelo Instituto do Ambiente (Inea). "Verificamos problemas de aumento de salinização no Açú com base em um estudo da universidade (Uenf) e na semana que vem vamos anunciar as medidas corretivas", afirmou Minc. De acordo com produtores rurais, a situação em Água

Preta, no 5º Distrito, é crítica. As lavouras de quiabo e abacaxi, segundo eles, estão perdidas, as folhagens secas e o produto não se desenvolve. O produtor Roberto de Almeida, 50 anos de idade e 43 de manejo com a terra, disse nunca ter visto uma situação igual.

— Hoje, estamos perdendo nossa lavoura. Amanhã, estaremos perdendo nossas vidas, porque a salinização já está atingindo o solo. Antes, um pé de quiabo durava dois anos. O abacaxi está seco e as folhas, que sempre foram verdinhas, estão queimadas. Não somos contra o progresso, somos contra o desrespeito — disse.

A LLX informou, por meio de nota, que é feito um monitoramento dos níveis de salinidade em mais de 40 pontos situados na área de influência do Superporto do Açú, de acordo com as exigências do licenciamento. A empresa também possui convênio, desde 2010, com universidades locais, como a UFRRJ, para monitoramento dos canais utilizados para irrigação, sem qualquer indicação de alteração da atividade agrícola. A empresa informa, ainda, que firmou parceria com universidades e especialistas em meio ambiente para ampliar o monitoramento na área.

PHILLIPE MOCAYR

PREMIZOS
Produtores rurais do 5º Distrito de São João da Barra alegam que produção foi comprometida pela salinização

DEZEMBRO DE 2012

Protesto de produtores fechou RJ 040

Com medo de o problema se intensificar, os produtores rurais do 5º Distrito fecharam, em dezembro do ano passado, a RJ 040, que dá acesso ao Complexo Portuário do Açú. O protesto foi contra o que chamam de "desertificação" do Açú, em decorrência do processo de salinização da região, com as obras do porto.

Cerca de 70 pessoas, entre produtores e familiares, com o apoio do Movimento dos Sem Terra, interromperam a passagem dos veículos munidos de tratores, faixas e plantações perdidas.

Na época do manifesto, a pesquisadora da UFF Ana Costa informou que existe uma ação civil pública impetrada pelo Ministério Público, pedindo ao Inea informações sobre o problema. "O Inea terá que se explicar, porque não se pode dar uma autorização, sem um estudo prévio. Precisamos de uma resposta", disse ela, no dia do protesto.

Figura 9. Notícia publicada na Folha da Manhã, em 17 de janeiro de 2013.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Ainda sobre este mesmo tema, charge (Figura 10), que faz parte do gênero opinativo, publicada no jornal O Diário em agosto de 2013, destaca, em tom crítico, mas bem-humorado, a aceitação, por parte do Superior Tribunal de Justiça, da

queixa-crime de pequenos produtores rurais do Açu contra o então governador Sérgio Cabral e o empresário Eike Batista, por irregularidades no processo de desapropriação de terras na região do 5º distrito de São João da Barra.



Figura 10: Charge publicada no jornal O Diário, no dia 24 de agosto de 2013.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Outra charge (Figura 25), publicada também em agosto de 2013, no mesmo jornal, mostra a figura triste do empresário Eike Batista, que deixava a presidência da LLX e anunciava acordo de transferência do controle da empresa para a EIG Management Company.

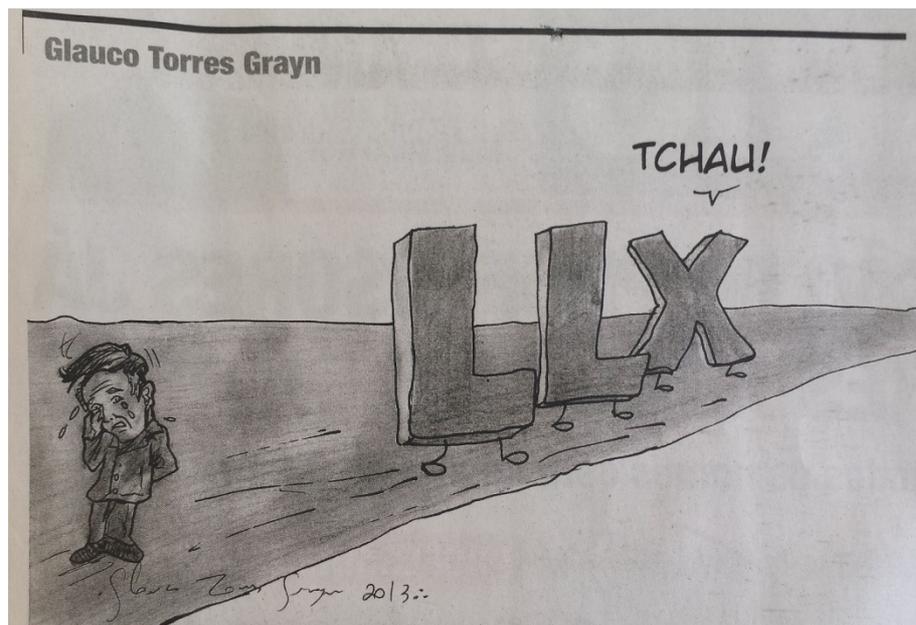


Figura 11: Charge publicada no jornal O Diário, no dia 31 de agosto de 2013.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

O jornal Quotidiano, que deu enfoque positivo a 82,6% de suas matérias no período de crise no Porto, destaca, na edição de setembro de 2013, que representantes da empresa finlandesa Wärtsilä, se reuniram com o prefeito de São João da Barra, José Amaro de Souza, e anunciaram início das obras, com geração de empregos e investimentos de R\$ 50 milhões no Açú. A notícia, do gênero informativo, conta com fonte empresarial e é uma reprodução de *release* enviado pela empresa ou pela Assessoria de Comunicação da Prefeitura do município.



Figura 12: Notícia publicada no jornal Quotidiano, em setembro de 2013.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

No período 3, após uma fase de crise e incerteza em relação ao funcionamento e aos rumos do empreendimento, o porto entra em operação, em proporções bem menores do que as anunciadas em seu início pelo Grupo EBX, retomando sua vocação inicial de apoio à produção *offshore*. As notícias publicadas na mídia impressa neste período voltam a destacar o tema Desenvolvimento,

crescimento econômico e investimentos, e a entrada em operação do porto e sua mudança de perfil.

A notícia do gênero informativo e valência positiva, publicada na Folha da Manhã, em fevereiro de 2014, conforme ilustra a Figura 13, traz temas que se enquadram em Operação/Mudança de perfil do porto, Desenvolvimento, crescimento econômico e investimentos, e Geração de emprego e renda. A matéria, com utilização da fonte empresarial, diz que sete anos após o lançamento da pedra fundamental do porto, as empresas Technip e NOV irão começar a operar na produção de dutos submarinos para o setor de petróleo, contribuindo para geração de emprego e renda.

BACIA DE CAMPOS > POSIÇÃO ESTRATÉGICA



RIVALS Sete anos após o início das obras do Porto do Açu, a francesa Technip e a norte-americana National Oilwell Varco (NOV) estão prontas para começarem a produção de dutos submarinos para o setor de petróleo, gerando emprego e renda para muitos moradores da região

Porto do Açu com outro perfil

Concorrentes, duas empresas ligadas à indústria petrolífera começam a operar em março, gerando mais de mil empregos

Sete anos após o lançamento da pedra fundamental das obras do Porto do Açu, a francesa Technip e a norte-americana National Oilwell Varco (NOV) se preparam para o início da produção de dutos submarinos para o setor de petróleo no local. Serão as primeiras atividades produtivas do porto, elaborado para ser um dos maiores terminais industriais do país, mas que sofreu nos últimos anos com a crise econômica mundial e com a derrocada do império econômico de Eike Batista, seu idealizador. A inauguração das fábricas está prevista para o mês de março.

Vizinhos no porto, as unidades da Technip e NOV são concorrentes no fornecimento de dutos flexíveis para a produção de petróleo em alto mar. Ficam em frente ao estaleiro da OSX, que teve as obras paralisadas no ano passado, resultado da crise de seu principal cliente, a OGX, hoje chamada Oleo e Gás Participações (OGPar). Foram construídas para atender a projetos do pré-sal, que demandam grandes quantidades de dutos especiais, com capacidade para resistir às elevadas pressões do fundo do mar.

Com investimento de R\$ 550 milhões, as instalações vão produzir linhas flexíveis com diâmetro maior — até 22 polegadas — do que os fabricados pela empresa em sua unidade de Vitória (ES), limitada a 14 polegadas. Em janeiro, a Technip anunciou dois contratos com a Petrobras para fornecer cerca de 100 quilômetros de linhas para os projetos Sapinhoa Norte e 15, no Campo de Lula, na Bacia de Santos, que já serão produzidos na nova unidade. A ideia é inaugurar a primeira linha de produção antes do dia 15 de março. A empresa treinou 200 trabalhadores da região para o início das operações. Quando estiver a plena carga, a unidade vai gerar 550 empregos diretos.

Já a NOV optou pela construção da fábrica no Açu que será gerenciada por sua subsidiária NKT Flexibles, após um acordo de suprimento de flexíveis para a Petrobras com potencial de encomendas de US\$ 1,9 bilhão. A unidade tem investimento de R\$ 400 milhões e previsão de geração de 400 empregos. Foi planejada para reforçar a "presença neste importante mercado", segundo comunicado divulgado em 2012 para anunciar o projeto. Com reservas de petróleo localizadas em águas profundas, o Brasil é um dos principais mercados mundiais para linhas flexíveis, dutos de alta tecnologia usados para transportar a produção dos poços submarinos às plataformas.

A operação de duas fábricas concorrentes no mesmo local, que já tem contrato para instalação de uma unidade da empresa especializada em ancoragem e serviços submarinos Interroom, é usada para atrair novas prestadoras para o setor de petróleo, alterando a vocação inicial do porto, cujo planejamento teve como âncoras indústrias metalúrgicas. Segundo a Prumo, a francesa Vallourec já se comprometeu a construir no Açu uma base logística para atender atividades petrolíferas na Bacia de Campos. (A.N.)

NOVOS NEGÓCIOS

Três gigantes estão confirmados no local

A vocação petrolífera do porto é uma aposta do governo do Estado do Rio para ocupar a área de 70 quilômetros quadrados desapropriada para a instalação de um polo industrial na região. Após a crise econômica de 2008, a siderúrgica Technip, uma das âncoras do projeto, desistiu da fábrica, levando consigo a viabilidade econômica de outras atividades previstas para o porto no projeto inicial de Eike Batista, como uma térmica a carvão e um polo automotivo. Outra ausência sentida no projeto original, é da chinesa Wisco, que chegou a assinar um protocolo de intenções com Batista, mas foi apanhada pela crise mundial de 2008 e desistiu do projeto. A chinesa prometia investir alguns milhões de dólares no seu projeto no Açu.

Da área total desapropriada, menos de 10 quilômetros quadrados estão hoje ocupados. E parte disso refere-se ao estaleiro da OSX, cujo futuro é incerto.

O mercado contabiliza três empresas, também ligadas à atividade petrolífera, em negociação para se instalar na área. "O porto vai viajar, mas será menor e terá outro perfil", diz uma fonte próxima ao projeto.

Entre as companhias com contrato para instalação no local estão a fabricante de motores finlandesa Wartsila e a americana GE, também com uma unidade voltada para o petróleo.

ANGLO AMERICAN

Embarque de minério só no final de 2014

Principal projeto do Porto do Açu, o terminal de embarques de minério de ferro só deve começar a operar no segundo semestre, segundo informações da Prumo Logística, controladora do empreendimento. O investimento é parte do projeto Minas-Rio, que inclui um mineroduto ligando reservas em Minas Gerais ao porto, vendido por Eike Batista à Anglo American em 2008, antes do estouro da crise mundial.

O primeiro cronograma previa o início das operações do projeto em 2010, mas os efeitos da crise sobre o mercado de minério e dificuldades na instalação do mineroduto de 525 quilômetros provocaram diversos adiamentos. No final do ano passado, a Anglo American informou que o projeto já estava com 80% das obras concluídas e que esperava receber as licenças ambientais ainda no primeiro semestre de 2014.

A Anglo projeta uma produção de 26,5 milhões de toneladas por ano. A administração do porto ainda precisa resolver o fornecimento de energia para grandes projetos, a cargo da distribuidora Ampla. As torres já foram instaladas, mas as linhas de transmissão ainda não chegaram.

AFL CONTABILIDADE LTDA. contabilizando desde 1964
QUALIDADE E PONTUALIDADE

GARANTIA DE CONTABILIDADE QUE PODE SER AUDITADA Tel: (22) 2722-8338 | 2723-1017
 www.aflcontabilidade.com.br

ALMIR JOSÉ ALVES DA SILVA e FRANCIMAR PAES RANGEL

PLANEJAMENTO Vocação petrolífera do porto é a aposta do governo estadual para ocupar a área de 70 quilômetros quadrados

Figura 13: Notícia publicada no jornal Folha da Manhã, no dia 16 de fevereiro de 2014.
 Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

O jornal Quotidiano publicou em sua 3ª edição de outubro de 2014, notícia sobre o início da operação do Porto do Açu, com o embarque do navio *Key Light*, carregado com 80 mil toneladas de minério de ferro, rumo à China. A matéria (Figura 14) do gênero informativo, com abordagem positiva, utiliza a fonte empresarial.

Prumo inicia operação do Porto do Açu com sinalização com boias e radar VTS

Victor Azevedo/ASS

O Porto do Açu concluiu com sucesso sua primeira operação. O navio “Key Light” foi carregado com 80 mil toneladas de minério de ferro no pier dedicado do T1. O carregamento marcou o início de operação do empreendimento. A embarcação, que chegou ao porto no dia 22, está atualmente a caminho da China.

“Este primeiro navio representa um marco histórico para o porto. Já temos vários clientes produzindo, mas o embarque da Anglo American é o primeiro realizado. Agora estamos focados em iniciar a movimentação de embarcações no Terminal 2 até o fim do ano”, comemora Eduardo Parente, presidente da Prumo Logística.

Um dos marcos conquistados na última semana foi a conclusão da instalação de 28 boias de sinalização, que auxiliam os navios no trajeto de entrada dos canais. Foram colocadas 18 unidades no T1, e outras 10 no T2. As boias, que são do tipo articuladas submersíveis, ficam abaixo da linha d’água, apenas com uma haste com a lanterna de fora.

Este tipo de boia oferece maior



segurança à navegação por ser fixa e não se deslocar da posição original, como geralmente acontece com a boia flutuante. Com uma espécie de âncora em sua base, chamada de poita, que fica presa no fundo do canal, além de uma lanterna na superfície que permite melhor visualização do navegador, este tipo de boia dispensa o uso de faróis de alinhamento. O trabalho de instalação levou cerca de dois meses e foi realizado com o apoio de embarcações, que lançaram as boias

que possuem de 12 a 14 metros de comprimento e pesam 28 toneladas cada.

Outra tecnologia em funcionamento no Porto do Açu, e que garante o aumento da segurança da navegação no canal do T2, é o radar VTS. Instalado no Centro de Controle Operacional do Tráfego Marítimo (CCOTM), o equipamento funciona como um scanner 360° e detecta, em tempo real, embarcações de pequeno porte dos mais diversos tipos, como barcos de apoio e de pesca,

além de surfistas. O radar tem alcance de cerca de 25 milhas náuticas de distância, equivalente a 50 quilômetros.

O Porto do Açu é o primeiro porto brasileiro a contar com o sistema, que fornece uma série de informações como localização, velocidade, porte, calado, tipo de carga e bandeira das embarcações. O monitoramento é realizado por meio de câmeras de vigilância e sensores, que recebem dados que permitem monitorar e controlar o tráfego marítimo.

Figura 14: Notícia publicada no jornal Quotidiano, em outubro de 2014. Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

Notícia publicada no jornal O Diário, em junho de 2015, com utilização do gênero informativo, enfoque positivo e fonte empresarial, traz o anúncio da assinatura de contrato entre a Prumo Logística e a BG Brasil para utilização do terminal de petróleo, no Açu, por 20 anos. De acordo com a matéria, a estimativa é

de que seja movimentado um volume de 200 mil barris de petróleo por dia. A notícia anunciava o início desta operação para agosto de 2016.

Regiões/Pais/Economia O DIÁRIO | Campos dos Goytacazes | sexta-feira, 5 de junho de 2015 | 5

TRANSBORDO DE PETRÓLEO NO AÇU

Prumo assinou contrato com a BG Brasil e primeira operação está prevista para o ano que vem

A partir de agosto de 2016, o Porto do Açú, em São João da Barra, no Norte Fluminense, vai passar a operar com transbordo de petróleo. Na última quarta-feira (3), a Prumo Logística e a BG Brasil assinaram contrato que prevê a utilização, por 20 anos, do TOIL (terminal de petróleo) do porto. A estimativa é de que seja movimentado um volume médio de até 200 mil barris por dia. Os navios sairão do Porto do Açú e seguirão para clientes da BG em todo o mundo.

Inicialmente, na operação ship to ship será transferido petróleo de navios aliviadores com posicionamento dinâmico para navios Suezmax convencionais. — Com operação de minério de ferro e de clientes no Terminal 2 desde o ano passado, nós agora iniciamos uma nova linha de negócios com nosso primeiro cliente no transbordo de petróleo. Este é mais um relevante marco para o Porto do Açú, além de um reconhecimento ao

nosso trabalho e um selo de classe mundial para o empreendimento — disse Eduardo Parente, CEO da Prumo.

Segundo a Prumo, a infraestrutura do TOIL possibilita uma operação segura e rápida, com eficiência e redução de custos, aumentando a competitividade do petróleo brasileiro. De acordo com Parente, a operação no Porto do Açú reúne características de alto nível para oferecer atendimento de qualidade para toda a indústria de óleo e gás, contribuindo para o avanço da indústria no norte do Estado.

— Acreditamos que as instalações do Porto do Açú oferecem uma infraestrutura logística segura e responsável, que prioriza a proteção ambiental marinha. O terminal é extremamente importante para nós, considerando que nossa produção de petróleo da Baía de Santos continua a crescer de forma significativa — disse Nelson Silva, CEO da BG América do Sul.

A Operação de transbordo da BG será realizada no TOIL, instalado no Terminal 1 do Porto do Açú. Com três berços disponíveis ao longo de 1,4 km de quebra-mar, sendo que dois deles serão capacitados para receber navios exportadores tipo VLCC ou SuezMax e um deles apenas SuezMax.

No TOIL, a operação de transbordo será realizada em área abrigada por um quebra-mar. Os navios estarão

atracados e cercados por barreiras de contenção. Este tipo de operação permite maior segurança no transbordo durante todo o ano.

Atualmente o canal do TOIL possui 20,5 m de profundidade, e poderá receber inicialmente navios Suezmax. De acordo com a Prumo, até o final de 2017, serão ampliadas a largura e profundidade do canal, permitindo a operação com navios VLCC.

O Terminal, que está licenciado para movimentar até 1,2 milhão de barris de petróleo por dia, também inclui uma área licenciada para armazenamento e tratamento do óleo cru (especificações e blending). A futura construção da unidade de tratamento de petróleo com tanques de armazenamento irá contribuir na atração de outros clientes, que também necessitam deste tipo de serviço para consolidar os seus produtos antes da venda.



CONTRATO entre a Prumo e a BG Brasil prevê a utilização do terminal de petróleo, no Açú, por 20 anos.

AMPLIAÇÃO DA CAPACIDADE DO TOIL DAQUI HÁ DOIS ANOS

Figura 15: Notícia publicada no jornal O Diário, no dia 05 de junho de 2015.
Fonte: Elaborado pela Autora (2016).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa cumpriu seu objetivo de análise de conteúdo das notícias sobre o tema Porto do Açu, procurando mostrar a abordagem e o enquadramento dado pela mídia impressa regional ao empreendimento, a partir da seleção e frequência de utilização dos temas, fontes, gêneros jornalísticos e da valência na construção das notícias.

A análise de conteúdo das 616 notícias publicadas nos jornais de Campos dos Goytacazes, Folha da Manhã e O Diário, e de São João da Barra, Quotidiano, revelou, na soma de todos os períodos pesquisados, mostra que os veículos de comunicação de massa incluíram com maior frequência em sua agenda os acontecimentos que relacionavam o Porto do Açu ao progresso, desenvolvimento regional e local, crescimento econômico e a diversos investimentos para o município de São João da Barra e seu entorno, utilizando, predominantemente, a fonte empresarial e os políticos em suas matérias, reproduzindo o discurso das forças políticas e econômicas, com reduzido espaço para a visão das demais fontes, principalmente da população e dos especialistas.

Os dados separados por veículo de comunicação indicaram que o jornal O Diário, até mesmo pelo seu posicionamento político, adotou uma postura mais crítica em relação ao empreendimento que a Folha da Manhã, principalmente na época em que as empresas do Grupo EBX e o Porto do Açu passavam por um período de crise e incerteza. Chama atenção na pesquisa o posicionamento do jornal local Quotidiano, que destacou, em mais de 70,0% de suas matérias, os benefícios gerados pelo Complexo Portuário, praticamente ignorando temas polêmicos, como

os impactos ambientais e socioeconômicos e as demissões e protestos de trabalhadores do porto.

Os resultados por período mostraram - na fase de expectativa e início da construção do porto, quando a população, no geral, não tinha conhecimento dos impactos positivos e negativos que um grande projeto de investimento poderia causar no território -, um comprometimento da mídia na repercussão de notícias que falavam sobre a magnitude do empreendimento e os benefícios que ele poderia gerar. As matérias com enfoque negativo nesse período representaram apenas 5,2% do total.

Somente no período de crise, com a repercussão nacional da queda das ações das empresas de Eike Batista, na Bolsa de Valores, dos anúncios de desistência de empresas que haviam assinado memorandos de intenção para instalação no Complexo Portuário, é que estes e outros acontecimentos relacionados aos impactos ambientais e socioeconômicos e às demissões e protestos de trabalhadores tiveram maior destaque nos jornais regionais, com exceção do Quotidiano, que diante deste cenário, mais uma vez, chama atenção pela valência positiva em mais de 80% de suas notícias sobre o porto. É importante ressaltar que, mesmo nesse período, a mídia não deixou de abordar o tema Desenvolvimento, crescimento econômico e investimento, que voltou a ocupar a primeira posição entre os temas mais frequentes, no período em que o porto muda de comando e inicia sua operação.

A partir dos resultados obtidos, é possível dizer que a mídia impressa cumpriu sua função de informar, mas não contribuiu para a reflexão e o debate ponderado das questões relacionadas ao porto. A escolha do gênero informativo para quase 80% de suas mensagens jornalísticas publicadas mostra que os temas foram abordados de forma mais abrangente e superficial. O número extremamente reduzido de matérias do gênero interpretativo, presente em apenas 4 das 616 notícias publicadas, e de matérias com enfoque equilibrado, revela que os jornais impressos regionais não tiveram a intenção de orientar os leitores, ampliar o debate, aprofundar e contextualizar os acontecimentos e os temas relacionados ao Porto do Açu, a partir de diferentes ângulos e pontos de vista, dando subsídios para que os cidadãos refletissem e tirassem suas próprias conclusões a respeito dos fatos. A

escolha das fontes para a construção de suas notícias também demonstra isso, visto que a maioria das matérias publicadas trouxe apenas a visão de empresários e/ou políticos. Os especialistas, que poderiam contribuir, com seu conhecimento técnico, para o debate e esclarecimento da população, foram consultados em apenas 4,7% das notícias publicadas.

6: REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS. **Relatório dos Impactos Socioambientais do Complexo Industrial-Portuário do Açu**. Rio de Janeiro: AGB, 2011. Disponível em: <http://www.agb.org.br/documentos/Relatorio_dos_Impactos%20socioambientais_do_Complexo_Portuario_do_Acu_AGB_14092011.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2016.

ASSIS, Francisco. A dimensão técnica dos gêneros jornalísticos: definições e tipologias em manuais de redação. In: MELO, José Marques de (org); LAURINDO, Roseméri (org); ASSIS, Francisco de (org). **Gêneros Jornalísticos: teoria e prática**. Blumenau: EDIFURB, 2012.

_____. Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos. **Revista Alceu – Pontifícia Universidade Católica (PUC)**, Rio de Janeiro, v. 11, n.21 - p. 16 - 33 - julho/dezembro de 2010. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu21_2.pdf> Acessado em: 20 de fevereiro de 2016.

BATISTA, Eike. **O X da questão**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

_____. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

_____. **A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

BONFIM, Willian Silva. A agenda das fontes e a agenda jornalística. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 3, 2005, 26-27 nov; Florianópolis-SC. **Anais...** Florianópolis-SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Disponível em: <<http://sbpjor.org.br/sbpjor/2014/05/26/anais-da-sbpjor-estao-em-plataformas-open-source-2/>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

BRUM, Juliana de. A hipótese do Agenda Setting: Estudos e Perspectivas. **Revista Razón y Palabra**, Cidade do México - México, n. 35, out-nov, 2003. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n35/jbrum.html>>. Acesso em: 10 fev. 2016.

BUENO, Wilson da Costa. **Comunicação empresarial: políticas e estratégias**. São Paulo: Saraiva, 2009.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 2007.

FERREIRA, Fábio Gonçalves. Gêneros jornalísticos no Brasil: estado da arte. **Revista Bibliocom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, v. 4, jun; 2012. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/bibliocom/article/viewFile/1194/1114> Acesso em: 26 fev. 2016.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 3ª edição – Rio de Janeiro: Record, 2003.

LEMOS, Linovaldo Miranda; RODRIGUES, Luana do Amaral. **Complexo Portuário e modernização do território: atores em conflito**. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal13/Geografiasocioeconomica/Geografiaeconomica/24.pdf>>. Acessado em: 12 out. 2015.

LEMOS, Linovaldo Miranda; RODRIGUES, Rejane Cristina de Araújo. Portos e modernização: uma pauta de pesquisa. **Boletim Petróleo, Royalties e Região**. Campos dos Goytacazes-RJ , Ano 10, n. 38, dez; 2012. Disponível em: <www.royaltiesdopetroleo.ucam-campos.br/images/arquivos/.../boletim_dez12.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2016

LEO, Sergio. **Ascensão e queda do império X: Eike Batista e as jogadas, trapagens e os bastidores da história da fortuna de mais de US\$ 34 bilhões que virou pó**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

LIMA, Venício A. De. Sete teses sobre mídia e política no Brasil. **Revista USP**. São Paulo, n. 61, p. 48-57, março-maio 2004. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/viewFile/13317/15135>> Acesso em: 23 de fevereiro de 2016.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MAIA, Ferdinanda Fernandes. **A partilha dos royalties do petróleo e o papel da mídia**. 2014. 119f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades) - Universidade Candido Mendes, Campos dos Goytacazes - RJ, 2014. Disponível em: <https://cidades.ucam-campos.br/images/arquivos/.../Ferdinanda_Fernandes_Maia.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2016.

MAY, Tim. **Pesquisa documental**: escavações e evidências. In: _____ Pesquisa social: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 173 – 230.

MCCOMBS, Maxuell. **A teoria da Agenda**: a mídia e a opinião pública. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, Um produto à venda**: jornalismo na sociedade urbana e industrial. 2 .ed. São Paulo: Summus, 1988.

MEDINA, Jorge Lellis Bonfim. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. In: **Revista Symposium**, Pernambuco, Ano 5, n.1, jan – jun; 2001. Disponível em: <<http://docslide.com.br/documents/generos-jornalisticos-do-a-questao-jorge-lellis-medina.html>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

MELO, Marques de (org); José; LAURINDO, Roseméri (org); ASSIS, Francisco de (org). **Gêneros Jornalísticos**: teoria e práxis. Blumenau: EDIFURB, 2012.

_____, _____. In: _____ (org); _____ (org). **Gêneros jornalísticos**: teoria e práxis. Blumenau: Edifurb, 2012.

_____, _____. **Jornalismo opinativo**: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro. 3. ed. Campos do Jordão-SP: Mantiqueira, 2003.

MELO, Paula Reis. A participação da fonte na construção da notícia: o caso do Movimento dos Trabalhadores rurais Sem-Terra (MST). **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora**, Juíz de Fora-MG, v.6, n. 2, dez; 2012. Disponível em: <<http://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/227/222>>. Acesso em: 10 dez; 2015.

MIRANDA, Clarissa Mazon. **Fontes Jornalísticas em Veja**: enquadramento como estratégia de noticiabilidade em pautas de clima e meio ambiente. **2012**. 139f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática) - Universidade Federal de Santa Maria - RS, 2012. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/tede//tde_arquivos/29/TDE-2013-09-10T094001Z-4602/Publico/MIRANDA,%20CLARISSA%20MAZON.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2015.

MONIÉ, Frédéric. **Análise geopolítica dos conflitos territoriais na área de influência do Complexo Portuário e Industrial do Açú – São João da Barra, RJ.** Disponível em: < <http://www.editoraleta1.com/anais-congeo/arquivos/978-85-63800-17-6-p1070-1081.pdf> >. Acesso em: 12 dez. 2015.

_____. Desenvolvimento Territorial nas Cidades-Porto da América do Sul. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 7, 2009, 06-10 abr; Montevideo-Uruguai. **Anais...** Montevideo-Uruguai: EGAL, 2010. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiadeltransporte/07.pdf> >. Acesso em: 13 nov. 2015.

_____, VASCONCELOS, Flávia Nico. Evolução das relações entre cidades e portos: entre lógicas homogeneizantes e dinâmicas de diferenciação. **Confins: Revista franco-brasileira de Geografia**, n. 15, 2012. Disponível em: <<https://confins.revues.org/7685?lang=pt> >. Acesso em: 12 jan. 2016.

_____; VIDAL, Maria Soraia S. C. Cidades, portos e cidades portuárias na era da integração competitiva. **Revista da Administração Pública**. Rio de Janeiro, v. 40, p. 975-995, nov-dez, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n6/03.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

MOURA, Ranielle Leal. Gêneros jornalísticos na revista O Cruzeiro. In: MELO, José Marques de (org); LAURINDO, Roseméri (org); ASSIS, Francisco de (org). **Gêneros Jornalísticos: teoria e práxis**. Blumenau: EDIFURB, 2012.

OLIVEIRA, Cláudia de. **Os laços entre estado e capital privado: o grupo EBX como X da questão**. 2012. 91 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Regional e Gestão de Cidades) - Universidade Candido Mendes, Campos dos Goytacazes-RJ, 2012. Disponível em: <<https://cidades.ucam-campos.br/index.php/producoes/.../17.../50-dissertacoes-2012> >. Acesso em: 12 mar. 2016.

ORNELAS, Ronaldo dos Santos. **Relação porto/cidade: o caso de Santos**. 2008. 141 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PESSANHA, Laila de Souza Gomes. **O Complexo portuário do Açú e o cenário empresarial da região Norte Fluminense**. 91f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Planejamento Regional e Gestão de Cidades, Universidade Candido Mendes, Campos dos Goytacazes, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-10022009-123934/pt-br.php>>. Acesso em: 12 jan. 2016.

PIQUET, Rosélia Perisset da Silva; SHIMODA, Eduardo. De braços abertos: as expectativas quantos aos impactos do Porto do Açú. Rio de Janeiro. **Revista Política e Planejamento Regional (PPR)**, Rio de Janeiro, v. 1, 2014. Disponível em: <<http://www.revistappr.com.br/artigos/publicados/De-bracos-abertos-As-expectativas-quanto-aos-impactos-do-Porto-do-Acu-Rio-de-Janeiro.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

ROTHBERG, Danilo. O conceito de enquadramento e sua contribuição à crítica de mídia. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério (org.). **Vitrine e vidraça: crítica de mídia e qualidade no jornalismo**. Covilhã, Portugal: LabCom Books, 2010

SCHIMITZ, Aldo Antonio. **Fontes de Notícias: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

_____. **Fontes de Notícias: ações e estratégias das fontes empresariais nas relações com jornalistas de economia e negócios**. 2010. 152f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/94477/284618.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação**. Covilhã, Portugal: LabCom Books, 2009.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa. Por uma teoria dos gêneros em Comunicação. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 32, 2009, 04-07 set; Curitiba, PR. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-0776-1.pdf>> Acesso em 20 de fevereiro 2016.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são**. 3. ed. Florianópolis-SC: Insular, 2012.

VAINER, Carlos Bernardo. Classes sociais e poder político no planejamento. In: AMBIENS SOCIEDADE COOPERATIVA (org.). **Estado e lutas sociais: intervenções e disputas no território**. Curitiba: Kairós, 2010, p. 107 -120.

_____. . Fragmentação e projeto nacional: desafios para o planejamento territorial. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 12, 2007, 21-25 maio, Belém-PA. **Anais...** Belo Horizonte-MG: ANPUR, 2008. Disponível em: <<http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/2411>>. Acesso em: 12 mar. 2016.

WISEU, Alfredo. Beltrão, os estudos e as teorias do jornalismo. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da comunicação**, São Paulo, v.30, n.1, p. 13-34. 2007. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewArticle/278>> Acessado em: 28 fev. 2016.

ZANETTI, Daniela. O framing e o processo de construção da notícia. **Revista PJ: BR – Jornalismo Brasileiro**, São Paulo, Ano 5, v. 10, jul; 2008. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos10_a.htm> Acesso em: 20 fev. 2016.